



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

ANA GEISA BARBOSA VIANA

**AS AVENTURAS DO FLAMA: A RADIONOVELA QUE ULTRAPASSOU OS
SENTIDOS**

FORTALEZA

2024

ANA GEISA BARBOSA VIANA

AS AVENTURAS DO FLAMA: A RADIONOVELA QUE ULTRAPASSOU OS
SENTIDOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Comunicação. Área de concentração: Mídia e Práticas Socioculturais

Orientadora: Profa. Dra. Maria Érica de Oliveira Lima.

Coorientadora: Profa. Dra. Roseanne Arcanjo Pinheiro.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V667a Viana, Ana Geisa Barbosa.
As Aventuras do Flama : a radionovela que ultrapassou os sentidos / Ana Geisa Barbosa Viana. – 2024.
145 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Maria Érica de Oliveira Lima..

Coorientação: Profa. Dra. Roseane Arcanjo Pinheiro.

1. Rádio. 2. Radionovela. 3. Super-herói. 4. O Flama. 5. Campina Grande. I. Título.

CDD 302.23

ANA GEISA BARBOSA VIANA

AS AVENTURAS DO FLAMA: A RADIONOVELA QUE ULTRAPASSOU OS
SENTIDOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Comunicação. Área de concentração: Mídia e Práticas Socioculturais

Aprovado em: 26 /06/2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Érica de Oliveira Lima (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará

Profa. Dra. Roseanne Arcanjo Pinheiro (Coorientadora)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. Ricardo Jorge Lucena de Lucas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Goretti Maria Sampaio de Freitas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À Vó Adélia, Vó Maria e Vô Carrinho (in
memorian) pelo amor e pela força que carrego
dentro de mim.

AGRADECIMENTOS

“Até aqui o senhor nos ajudou”. Se hoje estou aqui foi pela fé e amizade ao Bom Jesus dos Martírios que nunca saiu da minha mente e do meu coração, me mantendo sã em momento de crise e coragem nos momentos de tribulação.

Santa Clara uma vez disse: “ Nunca perca de vista seu ponto de partida”, assim, não posso concluir esta etapa do mestrado sem perceber que antes de um mergulho na história do rádio campinense, esses 28 meses foram sobre uma trajetória de evolução e de autoconhecimento. Por isso, sou grata a mim mesma por não desistir da caminhada, nem dos próprios sonhos.

Antes da Geisa astuta que aqui vos escreve e desbravou um objeto sem muitos recursos, está minha família: José Carlos (pai), Silvia (mãe), Mateus (irmão) e Bibi (avó), por quem sou imensamente grata por sempre me apoiarem e me darem todo suporte necessário para chegar até aqui.

“O amigo ama em todo o tempo: na desgraça, ele se torna um irmão.” Aqui deixo minha singela gratidão aos amigos que permaneceram comigo durante todo período do mestrado, aos amigos que me acolheram na grande Fortaleza, e aos meus irmãos de caminhada cristã.

Em meio ao desconhecido que ingressei, ter a Professora Maria Érica e Professora Roseane Pinheiro como orientadora e coorientadora, foi um conforto e uma experiência inestimável, pela qual sou grata em tê-las como apoio na construção deste trabalho.

Desbravar o passado vem sendo uma empolgante aventura para mim, porém só vem sendo possível pela abertura e disponibilidade que as pessoas dispõem para conversar comigo, por isso, agradeço de todo coração aos entrevistados deste trabalho por abrirem as portas de sua casa e acreditarem no potencial desta dissertação.

Ao ingressar no mestrado, tinha poucas moedas na conta e a esperança de dar certo. Por isso, agradeço a FUNCAP por subsidiar não apenas minha pesquisa durante os dois anos, mas também a minha sobrevivência.

Por fim, agradeço ao PPGCOM pela oportunidade de fazer parte corpo discente, pelo acolhimento para comigo e minha pesquisa, na pessoa do professor Ricardo Jorge Lucena, que acompanhou todo meu processo de descoberta do projeto. Com certeza muito dos ensinamentos de sala de aula resultaram no trabalho aqui apresentado.

"Acredito que toda arte é local, antes de ser regional, mas, se prestar, será contemporânea e universal." SUASSUNA, Ariano.

RESUMO

A dissertação aqui apresentada narra antes de tudo a história de um super-herói que surgiu em Campina Grande, ainda durante a década de 1950 e perdura seu legado até os dias atuais por múltiplos meios de comunicação, transpassando os sentidos e a imaginação do seu público. A radionovela *As Aventuras do Flama*, dispunha de uma história que narrava as aventuras do protagonista, o super-herói Flama, que enfrentava vilões como o Cicatriz e invasões alienígenas, solucionava casos juntamente com sua equipe de amigos Comissário, Bolão, Zito, e sua noiva Eliana. A narrativa ultrapassou diversos meios de comunicação e carrega o legado de um dos primeiros super-heróis nacionais e o primeiro do estado da Paraíba, contribuindo assim, não apenas para a comunicação regional, mas também nacional. Portanto, esta dissertação tem o objetivo de apresentar uma cronologia da história do rádio e imersões em conceitos de cultura e hibridismo cultural, trabalhados por Canclini (1997) até o apogeu da radiofonia nacional, levantando as passagens de histórias dos super-heróis pelas ondas hertzianas e o partilhamento dessas narrativas, muito antes do que Kinder (1993) definiu como transmídia. Para que a partir desta revisão bibliográfica, seja introduzida a metodologia da pesquisa de caráter qualitativo com o uso da metodologia da História Oral auxiliada de Análises Documentais, para descobrir a fonte principal, que são as memórias daqueles que vivenciaram o rádio durante a transmissão do Flama. Resultando, portanto, na construção de memória da Rádio Borborema e o entendimento da emissora sobre seu papel enquanto mídia local e por fim, a relevância da radionovela *As Aventuras do Flama* para a sociedade e história da radiofonia campinense, o que ao longo das descobertas se revelou um produto transmidiático que ampliou sua narrativa nos meios de comunicação da época e deu ao seu público formas diferentes de consumi-lo.

Palavras-chaves: rádio; Flama; radionovela; super-herói; Paraíba; Campina Grande.

RESUMEN

La disertación que aquí se presenta cuenta, en primer lugar, la historia de un superhéroe que apareció en Campina Grande en la década de 1950 y continúa su legado hasta hoy a través de múltiples medios de comunicación, pasando por los sentidos y la imaginación de su público. La radionovela *As Aventuras do Flama* contaba las aventuras del protagonista, el superhéroe Flama, que se enfrentaba a villanos como Cicatriz y a invasiones alienígenas, resolviendo casos junto a su equipo de amigos Comissário, Bolão, Zito y su prometida Eliana. La narrativa ha trascendido varios medios de comunicación y lleva el legado de uno de los primeros superhéroes nacionales y el primero del estado de Paraíba, contribuyendo así no sólo a la comunicación regional, sino también a la nacional. Por lo tanto, el objetivo de esta disertación es presentar una cronología de la historia de la radio y sumergirnos en los conceptos de cultura e hibridismo cultural, trabajados por Canclini (1997), hasta el apogeo de la radio nacional, relevando el paso de las historias de superhéroes por las ondas y el intercambio de estas narrativas, mucho antes de lo que Kinder (1993) definió como transmedia. A partir de esta revisión bibliográfica, se introducirá la metodología de la investigación cualitativa, utilizando la metodología de la Historia Oral auxiliada por el Análisis Documental, para descubrir la fuente principal, que son los recuerdos de aquellos que vivieron la radio durante la emisión de Flama. El resultado fue la construcción de la memoria de Rádio Borborema y la comprensión de la emisora de su papel como medio de comunicación local y, por último, la relevancia de la radionovela *As Aventuras do Flama* para la sociedad y la historia de la radio en Campinas, que, a lo largo de los hallazgos, demostró ser un producto transmedia que amplió su narrativa en los medios de comunicación de la época y ofreció a su público diferentes formas de consumirla.

Palabras clave: radio; Flama; radionovela; superhéroe; Paraíba; Campina Grande.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Reportagem da Revista Noite Ilustrada	34
Figura 2 -	Imagem panorâmica do Centro de Campina Grande em 1950	38
Figura 3 -	Programa de Auditório Clube do Papai Noel, da RB	42
Figura 4 -	Propaganda impressa da série radiofônica do Superman	47
Figura 5 -	Propaganda impressa da radionovela Jerônimo: O Herói do Sertão	48
Figura 6 -	Bilhete aos leitores impressa na revista de HQ do personagem.	51
Figura 7 -	Coluna Coisas do Rádio	61
Figura 8 -	Coluna Coisas do Rádio – Programação dominical	63
Figura 9 -	Coluna Coisas do Rádio Janeiro de 1960	65
Figura 10 -	Coluna Coisas do Rádio de dezembro de 1958 sobre os Melhores do Rádio	67
Figura 11 -	Fotografia do auditório da RB durante o programa Clube do Papai Noel	68
Figura 12 -	Coluna do Coisas do Rádio de dezembro 1959	70
Figura 13 -	Coluna Coisas do Rádio de Fevereiro de 1959	71
Figura 14 -	Coluna Coisas do Rádio - Maria la-ô é exibida na Rádio Tupi.....	72
Figura 15 -	Capa da Revista The Spirit by Will Eisner	75
Figura 16 -	Resumo sobre Teatro de Outro Mundo, em 1959	76
Figura 17 -	Resumo sobre o programa Conquistadores do Espaço, em 1959	77
Figura 18 -	Obras de Deodato Borges e seu filho Mike Deodato	78
Figura 19 -	Páginas de Sociedade do DB de 1957	79
Figura 20 -	A coluna Coisas do Rádio anuncia a volta do Flama em 1959	80
Figura 21 -	A Coisas do Rádio anuncia o início da aventura do Flama "O mundo Perdido de Ohan" em fevereiro de 1960	82
Figura 22 -	A Coisas do Rádio anuncia o início da aventura do Flama "O monstro da garra vermelha" no final de fevereiro de 1960	83
Figura 23 -	Coluna coisas do Rádio Anuncia que As Aventuras do Flama será produzida para o DB em 1959	85
Figura 24 -	Primeira Tira de Quadrinhos das Aventuras do Flama em 1961.....	86
Figura 25 -	Retalhos de Campina - Clube do Agente Secreto	88
Figura 26 -	Fanart do Flama por Ricardo Jaime e Dijjo Lima	89

Figura 27 -	Capa da revista O Flama e a Bússola de Ouro	89
Figura 28 -	Página 03 - Revistas As Aventuras do Flama	118
Figura 29 -	Página 04 - Revistas As Aventuras do Flama	119
Figura 30 -	Página 05 - Revista As Aventuras do Flama	120
Figura 31 -	Página 06 - Revista As Aventuras do Flama	121
Figura 32 -	Página 07 - Revista As Aventuras do Flama	122
Figura 33 -	Página 08 - Revista As Aventuras do Flama	123
Figura 34 -	Página 09 - Revista As Aventuras do Flama	124
Figura 35 -	Página 10 - Revista As Aventuras do Flama	125
Figura 36 -	Página 11 - Revista As Aventuras do Flama	126
Figura 37 -	Página 12 - Revista As Aventuras do Flama	127
Figura 38 -	Página 13 - Revista As Aventuras do Flama	128
Figura 39 -	Página 14 - Revista As Aventuras do Flama	129
Figura 40 -	Página 15 - Revista As Aventuras do Flama	130
Figura 41 -	Página 16 - Revista As Aventuras do Flama	131
Figura 42 -	Página 17 - Revista As Aventuras do Flama	132
Figura 43 -	Página 18 - Revista As Aventuras do Flama	133
Figura 44 -	Página 20 - Revista As Aventuras do Flama	134
Figura 45 -	Página 21 - Revista As Aventuras do Flama	135
Figura 46 -	Página 22 - Revista As Aventuras do Flama	136
Figura 47 -	Página 23 - Revista As Aventuras do Flama	137
Figura 48 -	Página 24 - Revista As Aventuras do Flama	138
Figura 49 -	Página 26 - Revista As Aventuras do Flama	139
Figura 50 -	Página 27 - Revista As Aventuras do Flama	140
Figura 51 -	Página 28 - Revista As Aventuras do Flama	141
Figura 52 -	Página 30 - Revista As Aventuras do Flama	142
Figura 53 -	Página 31 - Revista As Aventuras do Flama	143
Figura 54 -	Página 32 - Revista As Aventuras do Flama	144
Figura 55 -	Página 33 - Revista As Aventuras do Flama	145

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Grade de Programação da Rádio Tupi e Rádio Continental em 08/09/1949	28
Quadro 2 - Quantidade de radionovelas da Rádio Nacional desde 1941 até 1946	35
Quadro 3 - Lista de fontes	60
Quadro 4 – Programas Transmitidos no ano 1957	103
Quadro 5 - Programas Transmitidos no ano 1958, coletadas no acervo do DB	104
Quadro 6 - Programas Transmitidos no ano 1959 coletadas no acervo do DB	105
Quadro 7 - Programas Transmitidos no ano 1960, coletadas no acervo do DB	108
Quadro 8 - Novelas transmitidos de 1957 a 1960, coletadas no acervo do DB	109
Quadro 9 – Patrocínio da programação de 1957 a 1960 coletados no acervo do DB	111

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	RÁDIO “VOCÊ DARÁ AO POVO DA TERRA UM IDEAL PELO QUAL SE GUIAR.”	20
2.1	Rádio - “Para o alto e avante!”	20
2.2	“Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades” - Massificação Cultural e Apogeu do rádio	25
2.3	Avante, Campina! - Produção radiofônica em Campina Grande	36
2.4	Rádio e Ficção - “Vinde a mim, meus super-heróis”	44
2.5	As Aventuras do Flama: uma novela de aventura em meio ao melodrama	49
3	ATÉ OS CONFINS DA MEMÓRIA DO RÁDIO CAMPINENSE	54
3.1	Memória como fonte de estudo	55
3.1.1	<i>História Oral</i>	56
3.1.2	<i>Análise Documental</i>	58
3.2	Definição do corpus de análise e limitações metodológicas	59
4	O VÔO DA RÁDIO BORBOREMA	63
4.1	O papel de mídia local da Rádio Borborema	70
4.2	Está no ar: a radionovela As Aventuras do Flama	75
5	AS AVENTURAS DO FLAMA - “A LUTA INCANSÁVEL DE UM HOMEM EM DEFESA DA LEI E DA JUSTIÇA”	75
5.1	O Homem por trás do Flama	75
5.2	Está no ar: a radionovela As Aventuras do Flama	79
5.3	As Aventuras do Flama para além das ondas hertzianas	85
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
	REFERÊNCIAS	96
	APÊNDICE A – PROGRAMAS TRANSMITIDOS NA RÁDIO BORBOREMA	104
	APÊNDICE B – NOVELAS TRANSMITIDAS NA RÁDIO BORBOREMA DE 1957 A 1960	110
	APÊNDICE C – PATROCÍNIOS DA PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO BORBOREMA ENTRE 1957 E 1960	112

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS OUVINTES	
.....	113
APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS	
RADIALISTAS	115
APÊNDICE F – ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM MIKE	
DEODATO	117
ANEXO 1 – REVISTA AS AVENTURAS DO FLAMA N° 01	119

1 INTRODUÇÃO

Aventuras, suspenses, vilões e mocinhas, esses são os ingredientes naturais de histórias de super-heróis. Através dessa narrativa, a radionovela *As Aventuras do Flama* adentrou a imaginação de diversas crianças e adolescentes da cidade de Campina Grande-PB, durante as décadas de 1950 e 1960. O enredo narrava as aventuras de um homem trajado com uma máscara na região dos olhos, uma capa amarela e uma roupa vermelha, chamado de Flama, que enfrentava vilões como o Cicatriz, solucionava casos de suspense, com a ajuda de sua noiva Eliana e seus amigos, Comissário, Zito e Bolão. E por meio de seu conhecimento sobre lutas e inteligência para deduções, vivia diversas tramas.

O enredo do super-herói campinense nasceu em meados do século XX, quando o rádio vivia sua era áurea como o meio de comunicação majoritário da sociedade brasileira, ditando modas e costumes. As programações eram, na maioria, formadas por jornalismo, radionovelas, esporte e programas de auditório, enquanto os radialistas e artistas formavam o quadro de funcionários das programações, sendo considerados estrelas ou até deuses (Viana, 2021).

Campina Grande (CG) experienciou esse apogeu após a inauguração da Rádio Borborema, embora não fosse a primeira emissora na cidade e chegando apenas em 1949, quando a cidade ainda efervescia devido ao comércio de algodão colorido. Assis Chateaubriand, em parceria com comerciantes locais, investiu na criação da emissora para ser realmente uma grande emissora, fazendo questão de que a programação possuísse uma qualidade equiparada à da Rádio Tupi do Rio de Janeiro e São Paulo. Com isso, a Rádio Borborema recebeu grandes nomes da música nacional e internacional da época e produziu programas de auditório e radionovelas que marcaram afetuosamente a memória dos campinenses (Freitas, 2006).

Ao longo dos estudos de Freitas (2006) e Maior (2015), ressalta-se a produção cultural e de entretenimento que a emissora realizou para o âmbito local e nacional, como programas de auditório e radionovelas, da década de 1950 a 1960. Deve-se destaque para as radionovelas: *Maria Lá ó*, *O Anjo Negro*, *O Direito de Nascer*, *Amor Cigano*, *Lampião: o Rei do Cangaço*, *Esmeralda*, *Emboscada do Destino*, *O Sheik de Agadir*, *As Aventuras do Flama*; e aos programas como: *O Clube do Papai Noel*, *O Forró de Zé Lagoa* e *A Escolinha do Professor Nicolau*.

Embora o universo radiofônico campinense pareça rico de produções de relevância para a produção sociocultural da região, poucos trabalhos se dedicam a estudar este período. Como resultado, há poucas fontes bibliográficas acerca do assunto, de maneira descritiva e

detalhada, já que as literaturas relatam a criação das primeiras emissoras, mencionam algumas produções e logo aprofundam nas emissoras em frequência modulada, que desde a criação possuem grande audiência na cidade e em toda região da Borborema.

A trajetória para se chegar até esta dissertação iniciou quando Ana Geisa (a autora) se deparou com um contexto temporal bastante rico em CG e sem nenhum registro ou pesquisa minuciosa a respeito, ainda durante a graduação em Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em 2019. Incentivada pelos professores, em especial pela Professora Doutora Goretti Maria Sampaio de Freitas, com quem iniciou as pesquisas e produziu um artigo científico, premiado pelo Prêmio José Marques de Melo de Estímulo à Memória da Mídia, pela rede ALCAR, ainda em 2019. Posteriormente, os estudos vieram a se tornar a monografia de conclusão de curso, em 2021, sob orientação da Professora Doutora Verônica Almeida de Oliveira Lima.

Até então, as investigações procuravam entender os programas de auditório campinense. Contudo, ao perceber a indissociação entre programas de auditório e radionovelas de produção eminentemente local nos relatos e arquivos pessoais coletados, construiu o projeto de pesquisa com o qual ingressou no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará (UFC): *Do Estúdio À Sala De Estar: O Esplendor Do Rádio Campinense Com As Radionovelas*.

Esse projeto inicial se resumia à proposta de construção da História da Mídia, a partir da metodologia da História Oral (HO). O objetivo era recuperar aspectos históricos de uma época áurea do rádio na cidade de CG, na década de 1950 e no início da década de 1960, quando as radionovelas possuíam um papel significativo no desenvolvimento sociocultural do município e região. A proposta consistia em realizar uma pesquisa qualitativa por meio de entrevistas para a coleta de relatos, informações e documentos sobre os atores, os processos e os produtos dramaturgicos na radiofonia campinense, contribuindo, assim, para a legitimação e perpetuação da história da mídia regional para as próximas gerações de cidadãos.

A escolha pela radionovela *As Aventuras do Flama* aconteceu de forma muito orgânica. O título aparecia constantemente nos relatos coletados em pesquisas anteriores da autora que vos escreve e nos dois livros sobre a história do rádio em Campina Grande, dos

professores Gilson Souto Maior¹ e Goretti Freitas². Então, surgiu o questionamento: o que essa produção poderia ter de diferente das demais?

Portanto, foi necessário realizar o que Damásio (2011 *apud* Marcondes Filho, 2021, p. 36) descreve sobre o olhar epistemológico: “o olhar, portanto, não é simplesmente a convergência de glóbulos oculares; mais do que isso, ele é manifestação de tudo que o lembra: barulho de passos, ranger de portas, etc., e quando percebemos o olhar deixamos de perceber os olhos”.

Foram realizadas pesquisas nos repositórios da CAPES, das universidades regionalmente próximas ao objeto de pesquisa (Universidade Federal de Campina Grande, Universidade Estadual da Paraíba, Universidade Federal da Paraíba, e por uma questão de proximidade geográfica na Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Também em anais de congressos nacionais e regionais (Intercom e Alcar) e edições da revista acadêmica (Radiofonias), porém, não foi encontrado nenhum trabalho acerca do objeto, a não ser menções sobre o super-herói em pesquisas de histórias em quadrinhos na Paraíba, considerando-o como o primeiro registro de um personagem com arquétipo de herói da região Nordeste.

Depois dessa constatação, o papel de recepção passiva da autora foi deixado de lado para visualizar o campo onde o objeto está inserido, ou seja, a radionovela *As Aventuras do Flama* como um objeto de estudo de Pesquisa de Comunicação. Diante de um fenômeno tão sensível como a comunicação, que está desde os indivíduos até os produtos midiáticos, é importante entender que novelas, redes sociais e jornais não produzem nenhuma ciência por si. São objetos empíricos que não se comunicam por si só, logo, para compreendê-los é preciso utilizar outras áreas das ciências humanas. De acordo com França (2016, p. 156), “aquilo que identificamos como objetos empíricos da comunicação se referem a ações sociais também estudadas por outras ciências (objetos empíricos que se prestam a diferentes olhares)”.

Para interpretar a radionovela *As Aventuras do Flama* como um objeto de pesquisa comunicativo. Fez-se necessário que ele fosse recortado na realidade social e encontrado numa dimensão comunicativa. Nessa perspectiva, o objeto de estudo aqui trabalhado será interpretado e transcrito, a partir de conceitos de cultura, sociedade, memória e história já discutidos por

¹ MAIOR, G. S. Rádio: **História e Radiojornalismo**. João Pessoa: A União, 2015. 245 p.

² FREITAS, G. M. S. A Trajetória Histórica da Radiofonia Campinense: do alto-falante ao FM. In: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de; OLIVEIRA, Flavianny Guimarães de; FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. **História da Mídia Regional**: o rádio em Campina Grande. Campina Grande: Edufcg, 2006. p. 125–174.

autores como Canclini (2011), Carvalho (2005), Portelli (2016), Ferraretto (2014), Kischinhevsky (2016), Tinhorão (1981), Balsebre (2005) e Azevedo (2004).

Para acessar as informações necessárias para esta investigação, foram utilizados o Método de História Oral, auxiliado pelas técnicas de análises documentais e entrevistas com quem participou e ouviu o programa. Antes de delimitar seu território comunicacional, é importante mencionar os caminhos que ela não trilhar, visto que não convém ao objetivo entender a linguagem e os códigos. Embora o objeto empírico seja um material midiático, não cabe aqui investigar o significado e as significâncias da mensagem transmitida.

Dessa forma, a partir do mapeamento elaborado por Santaella (2002), resta-nos percorrer os Territórios do Contexto Comunicacional das Mensagens, pois o objetivo do projeto de pesquisa visa construir a memória da radionovela *As Aventuras do Flama* através dos relatos e memórias daqueles que vivenciaram o período de transmissão da novela. Mas o que seriam esses territórios? Consoante Santaella (2002), seriam os campos de conhecimentos que os estudos de comunicação podem seguir.

Neste território, cabem pesquisas sobre a situação comunicativa, em geral, a situação em que a comunicação se dá. Essa situação apresenta vários níveis, desde o nível meramente físico, relativo ao local em que a comunicação se dá, passando pelo cultural, psicossocial até o nível temporal. Por isso mesmo, neste campo, entram em cena as formas de cultura a que os processos comunicativos dão origem e nas quais germinam, por exemplo, cultura oral, cultura da escrita, cultura de massas, cultura das mídias, cibercultura. Aqui também se enquadram os estudos sobre inter e multiculturalismo, assim como as questões sobre mundialização da comunicação e cultura e os intercâmbios do regional e local com o global (Santaella, 2002, p. 88).

Destarte, esta investigação se configura como uma pesquisa de natureza qualitativa, com o uso das metodologias da História Oral e Análise Documental. Baseia-se nas memórias de indivíduos que viveram o período de transmissão da radionovela em Campina Grande e buscas por informações no acervo do Diário da Borborema. Para complemento, continua sendo analisado o trecho de um capítulo disponível na plataforma do YouTube e vídeos de conferências sobre super-heróis que falam do personagem Flama e o site Retalhos Históricos de Campina Grande.

Em geral, a pesquisa qualitativa radiofônica consegue combinar diversos métodos, desde que as teorias e metodologias estejam apropriadamente dialogando entre si, possibilitando, assim, vislumbrar os motivos e escolhas da autora deste estudo. Kischinhevsky (2016, p. 289) frisa que “não há nenhum impedimento numa pesquisa de pós-graduação a uma combinação de métodos, como entrevistas semiestruturadas com comunicadores de uma rádio e análise de conteúdo de seus programas”.

Por isso, a presente pesquisa tenta abranger elementos que ultrapassam as ondas hertzianas e permeiam as memórias documentadas ou relatadas pelos indivíduos que vivenciaram o período de transmissão das *Aventuras do Flama*, pela RB. Nesse sentido, a alternativa mais adequada para a coleta de informações foi a metodologia da História Oral do tipo Temática, distinguida pelo objetivo de focar em um assunto específico, colocando detalhes da vida e experiências pessoais conforme revelam a relação do narrador com a temática central.

Compreendendo a influência que o rádio possuía na sociedade local e tomando como base a memória de quem viveu a época de transmissão, surge o seguinte questionamento: qual o papel sociocultural que a radionovela *As Aventuras do Flama* teve para o desenvolvimento da comunidade local?

Após desbravar os desdobramentos sobre a produção da radionovela campinense, despontaram novos questionamentos: qual influência a Rádio Borborema teve na produção cultural na década de 1960 no Brasil? Até onde produções dramatúrgicas campinenses chegaram, seja pela transmissão em rede ou por adaptações para outras emissoras?

Ao reconhecer a relevância do tema para a história da mídia brasileira, esta investigação visa construir principalmente a memória da radionovela *As Aventuras do Flama* através dos relatos daqueles que vivenciaram o seu período de transmissão, apoiada por pesquisas documentais em acervos e arquivos pessoais.

Os objetivos específicos incluem:

- i) Apresentar a novela *As Aventuras do Flama* e os desdobramentos midiáticos do personagem, como, por exemplo, a produção de histórias em quadrinhos para o Diário da Borborema e sua transmissão em outros estados nordestinos;
- ii) Identificar os personagens, o enredo, os atores e atrizes que tornavam a fantasia real aos ouvidos do público;
- iii) Ressaltar como a história de ficção transcorreu na sociedade campinense;
- iv) Visualizar o papel sociocultural dessa produção no desenvolvimento da sociedade local e analisar a figura simbólica moral do herói para a comunidade jovem campinense da década de 1960.

Desta forma, esta pesquisa se embasa em duas hipóteses. Hipótese **A** — A partir da análise do material já coletado, é possível supor que a radionovela *As Aventuras do Flama* exerceu uma influência sócio cultural sobre o seu público, por meio de narrativas destinadas à população infanto-juvenil, visto que o personagem superou a transmissão radiofônica e estava presente em programas de auditório, no jornal e até mesmo em encontros com seus fãs. Hipótese **B** — Através da descrição e identificação da influência da radionovela na sociedade

paraibana, é possível ressaltar a importância da RB para a criação de Cultura e Entretenimento no país, uma vez que suas produções eram exibidas em rede ou readaptadas para outras emissoras associadas no Brasil.

Com significativa participação na história da comunicação paraibana, a memória da radionovela resiste em um trecho de um capítulo aleatório na plataforma do YouTube e no imaginário daqueles que viveram a “Era do Ouro” do rádio na cidade (1961–1963). Entretanto, os estudos a respeito da história da radiofonia campinense se resumem a pesquisas realizadas no curso de Graduação em Jornalismo da UEPB e em dois livros publicados: *História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande* e *Rádio: História e Radiojornalismo*.

Neste contexto, realiza-se um recorte epistemológico do objeto numa dimensão comunicativa, a partir de conceitos de cultura, sociedade, memória e história já trabalhados por autores como Canclini (2011), Carvalho (2005), Portelli (2016), Ferraretto (2014), Kischinhevsky (2016), Tinhorão (1981), Balsebre (2005) e Azevedo (2004), que embasam a fundamentação bibliográfica desta pesquisa, como forma de conhecimento do campo de estudo.

Tentando abranger elementos que ultrapassam o rádio e permeiam memórias documentadas ou relatadas pelos ouvintes das *Aventuras do Flama*. Portanto, a alternativa mais adequada para a coleta de informações é a metodologia da História Oral, uma vez que:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, mediante narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida (Delgado, 2006, p. 6-15).

Assim, foram realizadas entrevistas com três perfis (pesquisador, ex-rádio atores e ouvintes), com o intuito de compreender o contexto temporal, a produção e a recepção durante o período de transmissão da radionovela. Além disso, para que fossem efetuados o enquadramento entre o material oral coletado e os arquivos, foram realizadas buscas por registros em acervos públicos do Diário da Borborema (DB) e pelo site Retalhos Históricos de Campina Grande.

Então, ao longo desta dissertação, pretende-se discorrer sobre o objeto de estudo em quatro divisões intituladas criativamente com referências a personagens de super-heróis conhecidos popularmente. Assim, o segundo capítulo é *Rádio “Você Dará ao Povo da Terra um Ideal pelo qual se Guiar”* e faz referência ao personagem Superman. Essa seção apresentará o referencial teórico que constrói o que se entende por rádio, radionovelas e super-heróis, percorrendo desde a origem do meio de comunicação até seus dias de glória, entre as décadas

1940–1960, com a criação do Flama, por Deodato Borges. Interligando a história da radiofonia nacional e local com o contexto social, do qual surgiram as radionovelas no Brasil e em Campina Grande, apoiando-se na ideia do rádio como agente de hibridização cultural (Canclini, 2011).

Já o terceiro capítulo intitulado como *Até Os Confins Da Memória Do Rádio Campinense*, discorre sobre o percurso metodológico acerca do objeto de estudo e a construção desta pesquisa, realizando uma descrição de todo o processo de coleta, fontes impressas e em especial, pelos narradores da memória. Desse modo, ao final desta etapa será possível visualizar o objeto de pesquisa e os procedimentos realizados para o seu estudo.

Por conseguinte, parte-se para os resultados de um longo trabalho de 27 meses, divididos em duas seções para melhor compreensão. O capítulo quatro, intitulado *O Vôo Da Rádio Borborema*, nele são descritos e expostos todos os materiais coletados que apresentam a Rádio Borborema, sua produção, seu cast e sua relevância social, entendendo seu papel como mídia local e como agente de hibridização cultural na sociedade campinense.

Por fim, o quinto capítulo intitulado *As Aventuras Do Flama — “A Luta Incansável De Um Homem Em Defesa Da Lei E Da Justiça”*, finaliza apresentando todas as descobertas quanto a radionovela e seus desdobramentos, como datas e descrições não apresentadas antes, adentrando a relação cultural entre narrativas heroicas para com seus receptores, como também o enquadramento desta narrativa como transmídias para o engajamento e interesse do seu público.

Ainda para contextualizar, catalogar e apresentar estão em apêndices ao final deste trabalho, tabelas que elencam programas, radionovelas e patrocínios da Rádio Borborema entre 1957 à 1960, categorizadas por títulos, produtores ou apresentadores e ano de exibição. Além disso, é exposta a primeira edição da revista em quadrinho d’As Aventuras do Flama, disponibilizada por Mike Deodato, filho de Deodato Borges e fonte deste trabalho.

Assim, aqui estão escritas e ilustradas a história da radionovela *As Aventuras do Flama* e sobre um contexto áureo da radiofonia campinense, pouco pesquisado e registrado por estudos acadêmicos e acervos públicos. Fazendo deste trabalho mais do que uma pesquisa científica, uma construção da história campinense e paraibana.

2 RÁDIO “VOCÊ DARÁ AO POVO DA TERRA UM IDEAL PELO QUAL SE GUIAR.”

2.1 Rádio - “Para o alto e avante!”

O que aqui será narrado inicia-se nas últimas décadas do século XIX, com origens e criadores distintos, perpassando diversas nacionalidades, mas enriquecendo a história da sociedade moderna e da globalização. O protagonista nada mais é do que o rádio, que carrega em sua criação vários inventores pelo mundo, que individualmente fizeram suas primeiras transmissões em seus respectivos países, sem haver, assim, uma unanimidade para a sua origem.

A literatura brasileira relata que a primeira transmissão de voz humana sem fio aconteceu entre 1983 e 1984, pelo cientista de Porto Alegre, Padre Landell de Moura. Por outro lado, muitos estudiosos creditam a invenção do rádio ao italiano Guglielmo Marconi, em 1899, quando realizou a primeira transmissão no Canal da Mancha.

A invenção do rádio é creditada ao inventor e cientista italiano Guglielmo Marconi, nascido em 1874 na cidade de Bolonha. Desde menino, demonstrando interesse pela Física e Eletricidade, Marconi foi o primeiro a dar explicação prática aos resultados das experiências de laboratório anteriormente realizadas por Heinrich Hertz, Augusto Righi e outros. Pelos resultados dos estudos de Hertz, Marconi concluiu que tais ondas poderiam transmitir mensagens, e, assim, em 1895, fez suas primeiras experiências, com aparelhos rudimentares, na casa de campo de seu pai. Conseguiu fazer chegar alguns impulsos elétricos a mais de um quilômetro de distância (Rodrigues, 2008, p. 1).

Segundo Ferreira (2013), ainda no mesmo período, há registros de transmissões nos Estados Unidos, por Nikola Tesla, e no Canadá, por Reginald Aubrey Fessenden, no início do século XX. De todo modo, mesmo com várias versões de sua origem, essas primeiras experiências foram precursoras do que se conhece como rádio.

Mas como é possível defini-lo?

Partindo de sua etimologia, Alexander Jamieson (1828 *apud* Ferraretto, 2012, p. 458) lembra que a palavra rádio advém da apropriação do vocabulário latino, significando: “(1) Brilhar e lançar raios e feixes de raios de luz a distância. (2) Resplandecer, reluzir”. Já conforme o Oxford English Dictionary³ (2009), a palavra rádio é utilizada com o sentido de transmissão de energia na forma de raio ou de ondas, desde o século XVII e, posteriormente, para ser relacionada com o meio rádio.

³ Dicionário inglês-português da Universidade de Oxford.

Como prefixo, segundo a mesma fonte, *radio* — vai formar palavras substituindo a expressão “*wireless*” a partir de 1881 e adquire, na década de 1900, significado independente como sinônimo destas, dos aparelhos empregados e mesmo da mensagem específica transmitida através de telegrafia ou de telefonia por ondas eletromagnéticas. O Oxford registra que a palavra rádio só passa a ser usada em relação ao meio de comunicação específico em 1922, embora Lee De Forest, um dos cientistas pioneiros deste campo, a tenha utilizado em sentido semelhante em um artigo publicado no ano de 1907 (Ferraretto, 2012, p. 41).

Dentro dessa perspectiva do rádio, o *Lello Universal*⁴ inclui outras palavras relacionadas ao meio, como *radiofonia* — “Transmissão da voz e de outros sons, utilizando-se as propriedades das ondas eletromagnéticas” — e de *radiofônico* — “Relativo à radiofonia” —, ambos derivados do latim *radius* — raio — e do grego *phoné* — voz, som (Grave; Coelho Netto, 1930s, v. 2, p. 821). Traz também descrições para *radiotelegrafia* — “Telegrafia sem fios” —, *radiotelefonia* — “Telefonia sem fios” — e seus correlatos (Grave; Coelho Netto, 1930s, v. 2, p. 822).

Esses significados permitem associar a transmissão de mensagens pelo conceito de rádio trabalhado por Ferraretto (2000, p. 23), que o define como “um meio de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir à distância mensagens sonoras destinadas a audiências numerosas”.

A descrição realizada por Ferraretto apresenta o rádio em sua forma inicial do século XX até o início do século XXI, quando Mariano Cebrián Herreros (2001) indagou sobre o meio diante da convergência tecnológica, formulando, assim, novos conceitos e definições que o contemplassem em suas múltiplas formas.

Escuta-se rádio em ondas médias, tropicais e curtas ou em frequência modulada, mas [...] [o meio] também se amalgama à TV por assinatura, seja por cabo ou DTH (direct to home); ao satélite, em uma modalidade paga exclusivamente dedicada ao áudio ou em outra, gratuita, pela captação, via antena parabólica, de sinais sem codificação de cadeias de emissoras em AM ou FM; e à internet, onde aparece com a rede mundial de computadores ora substituindo a função das antigas emissões em OC, ora oferecendo oportunidade para o surgimento das chamadas web-rádios ou, até mesmo, servindo de suporte a alternativas sonoras assíncronicas como o podcasting. Tal pluralidade pode ser estendida aos modos de processamento de sinais — analógico ou digital —, à definição legal da emissora — comercial, educativa ou comunitária —, ao conteúdo — jornalismo, popular, musical, cultural, religioso... —, enfim vive-se uma realidade, para usar a expressão de Valério Cruz Brittos, onde prepondera intensa multiplicidade da oferta. Tudo, ainda, tendo de considerar estratégias empresariais de complementaridade entre meios diversos sob controle de um mesmo grupo econômico ou mesmo aquela migração da própria audiência de uma mídia a outra na combinação de conteúdos semelhantes, ou não proporcionada pela esfera comunicacional em que a sociedade humana se transformou (Ferraretto, 2007, p. 2-3).

⁴ *Lello Universal* é um Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro em 2 Volumes, conta com cerca de 160 mil artigos, 10 286 gravuras, 264 quadros enciclopédicos e 311 mapas, muitos deles a cores, 96 estampas fotográficas, 605 reproduções de quadros célebres portugueses, brasileiros e estrangeiros.

Entretanto, não cabe aqui se aprofundar no assunto de rádio e convergência tecnológica, afinal, o contexto temporal deste trabalho se passa durante a década de 1960. Antes de chegar neste período, é importante continuar a cronologia da História, para melhor compreensão e entendimento.

Apesar de a primeira transmissão de voz humana por meio de ondas magnéticas ter sido realizada pelo Padre Landell de Moura em 1893, apenas em 06 de abril de 1919⁵ a radiodifusão faz sua estreia em solo brasileiro, por meio de estudos realizados por estudantes grupo liderado por Augusto Joaquim Pereira e o financiamento industrial de José Cardoso Aires, na Escola Superior de Eletricidade de Recife, em Pernambuco. Após a esta primeira transmissão, o extinto Jornal de Recife publicou a seguinte nota: “Consoante convocação anterior realizou-se ontem, na Escola Superior de Eletricidade, a fundação do Rádio Clube, sob os auspícios de uma plêiade [reunião] de moços que se dedicam ao estudo da eletricidade e da telegrafia sem fio (TSF).” (CNN, 2020)

Três anos após o pioneirismo pernambucano, ocorreu em 7 de setembro de 1922, a Exposição Internacional do Rio de Janeiro, antiga capital brasileira. De acordo com Silva e Vale Júnior (2012, p. 4) “essa demonstração pública de uma transmissão radiofônica, apesar de acompanhada de muitos ruídos, causou espanto e curiosidade entre os visitantes do evento”.

A partir dessas primeiras transmissões radiofônicas, emissoras foram sendo criadas pelas capitais brasileiras, em especial Rio de Janeiro e São Paulo, como a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro em 1923, a Rádio Clube do Rio de Janeiro em 1924 e a Rádio Mayrink Veiga em 1926. Segundo Silva e Vale Júnior (2012, p. 5), “o rádio, em sua primeira fase, tornou-se um meio preocupado em levar educação e cultura à população”.

Afinal, durante a década de 1920, as grandes cidades brasileiras passavam por transformações estruturais com o anseio de modernização dos centros urbanos.

[...] a ideia de moderno se associa a valores como progresso e civilização; ela é, sobretudo, uma representação que articula o subdesenvolvimento da situação brasileira a uma vontade de reconhecimento que as classes dominantes ressentem. Daí o fato de essa atitude estar intimamente relacionada a uma preocupação de fundo, ‘o que diriam os estrangeiros de nós’, o que reflete não somente uma dependência aos valores europeus, mas revela o esforço de se esculpir um retrato do Brasil condizente com o imaginário civilizado (Ortiz, 1994, p. 32).

Mesmo sendo símbolo de modernidade na primeira década do rádio no Brasil, o meio de comunicação pertencia apenas à elite, já que era caro possuir um aparelho e demandava

⁵ Pesquisadores do grupo temático História da mídia sonora da associação brasileira de pesquisadores de história da mídia — ALCAR. Carta de Natal. Disponível em: <https://redealcar.org/carta-de-natal/>. Acesso em: 27 de fev. de 2024.

altos custos para implantar uma emissora. As estações funcionavam em sociedades ou em clubes, com colaboração financeira dos associados.

De acordo com Meneguel e Oliveira (2009):

Nesse período também era comum os locutores pedirem, em seus programas, que os ouvintes se inscrevessem como sócios e contribuíssem, emprestando seus discos à emissora, para que a programação pudesse ser feita. A elite que tinha condições de adquirir um aparelho, também possuía em casa diversos discos que doava ou cedia temporariamente. Ao anunciar a música, o locutor agradecia ao ouvinte que tinha emprestado ou doado o disco à emissora. A programação das emissoras, nesse sistema de sociedade, acabava atendendo as camadas sociais mais altas e refletia seus interesses, pois eram elas que mantinham a emissora no ar (Meneguel; Oliveira, 2009, p. 6).

Contudo, no início da década de 1930, precisamente em 14 de fevereiro de 1932, observa-se uma transformação nos extensos períodos de silêncio e na sonorização da cultura elitista. Esse marco foi estabelecido com a estreia do Programa Casé, conduzido pelo vendedor Ademar Casé, na Rádio Philips, localizada no Rio de Janeiro. Casé utilizou suas experiências de venda de aparelhos de rádio para criar seu programa composto por diversos elementos sonoros como o background⁶, sucedendo o silêncio no rádio por uma “música constante” e o ritmo cerimonioso da programação antes voltada para músicas clássicas ganhou o batuce da música popular brasileira. (Cabral 1990 *apud* Wadja; Soares, 2020)

Em artigo científico, Wadja e Soares (2020) explanam que a criação do Programa Casé resulta do sucesso comercial de seu idealizador, baseado em sua experiência como vendedor, ouvinte e observador dos contextos familiares. Pois, enquanto vendedor, ele implementou o modelo Test-Listen, no qual proporcionava aos compradores a oportunidade de “testar” tanto o aparelho quanto a programação. A novidade tecnológica inevitavelmente atraiu famílias abastadas para a aquisição dos aparelhos de rádio comercializados por Casé. O sucesso dessa prática, combinado com a observação das dinâmicas cotidianas das famílias em relação à “nova mídia”, delineou as ideias para desenvolver seu programa.

Rádio Comercial brasileiro teve início através de Ademar Casé, o primeiro responsável pela entrada de propagandas na programação radiofônica do país, demonstrando, juntamente com alguns colegas de profissão, a oportunidade de lucro por meio da publicidade no veículo (Saroldi; Moreira, 2005).

O formato comercial concebido por Casé tornou-se efetivamente viável quando, três semanas após a estreia do programa, a publicidade radiofônica foi regulamentada pelo presidente Getúlio Vargas (Decreto Lei nº 21.111, de 1º de março de 1932). Antes dessa regulamentação, a divulgação consistia em mencionar os anunciantes na abertura ou

⁶ Som que se ouve em segundo plano em determinado ambiente, filme, etc., e ao qual se presta menor atenção.

encerramento do quadro, além de uma leitura de até cinco minutos com os nomes dos “colaboradores” (Simões, 1990).

Em busca do fortalecimento na publicidade, Casé contratou redatores para produzirem textos de anúncios, spots⁷ e sketches⁸. Entre as propagandas veiculadas no programa, algumas exploravam o duplo sentido das palavras, como “Sente-se mal? Compre uma cadeira de balanço na Casa Bela Aurora e sente-se bem”. O humor também se incorporava às propagandas, como em: “Pilogênio⁹ é tão bom que faz crescer cabelos até em uma bola de bilhar” (Casé, 2012, p.58).

Assim, com a implantação de publicidade e o barateamento do aparelho, o levaram à sua popularização, ressignificando o elo entre indivíduo e sociedade. Afinal, o rádio passava a fazer parte do cotidiano das famílias brasileiras de maneira próxima, seja nas suas rotinas ou na mobília da casa, vendendo produtos, sugerindo ‘modas’, costumes e influenciando na participação ativa dos ouvintes na vida política e social.

A entrada do investimento publicitário também finalizou a fase da improvisação, ampliando a concorrência, quando se aprofundou a contradição entre a preocupação cultural da radiodifusão e o interesse das camadas da classe média urbana, voltados exclusivamente para o divertimento o que originou o rádio moderno: o rádio comercial, destinado a atender por todas as formas ao gosto massificado dos ouvintes, para maior eficiência da venda das mensagens publicitárias dos intervalos (Tinhorão, 1981, p. 43).

O rádio estava presente nas casas brasileiras como um item indispensável da mobília, criando um laço de proximidade íntimo e emocional que envolvia seus ouvintes, através da personificação do som, abrangendo linguagem escrita e falada, melodias, ruídos ambientais e efeitos sonoros. Conforme salienta Bianco (2009), a sonoridade do rádio consegue incorporar representações e transmitir emoções como temor, medo, amor, paixão.

Sua crescente popularização levou os ouvintes a participarem ativamente no dia a dia dos estúdios, buscando por novidades e um encontro com os artistas da época. Em 1940, o meio radiofônico se tornou dominante, os produtores e radialistas não mediam esforços para apresentar programas para cativar seus ouvintes e vencer a concorrência de outras emissoras. Esse vínculo permitiu criar e recriar estilos de vida, palavras, expressões e práticas diárias (Casé, 1995).

⁷ Comercial ou anúncio veiculado na rádio, com duração breve, mas sempre em tempos predefinidos, geralmente de 15 ou 30 segundos.

⁸ Uma peça de curta duração, geralmente de caráter cômico, produzida para teatro, cinema, rádio ou televisão.

⁹ Tônico Capilar.

2.2 “Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades” - Massificação Cultural e Apogeu do rádio

Ao passo que o mundo se moldava aos formatos do capitalismo, a globalização unia diversos países e culturas através dos variados meios, desde transportes até os de comunicação, conformando formatos de entretenimento, de costumes ou de vestimentas. Essa agregação cultural, segundo Hall (2003), ganhou mais alcance através dos meios de comunicação de massa em escala planetária, submetendo valores regionais aos produtos do mercado e ao consumo constantemente renovado pelo imprevisível e entretenimento. Enquanto para Carvalho (2005), na conformação de obras populares com os meios massivos, conclui-se que a cultura não é estagnada, mas sim fluida, em constante mudança.

Partindo da premissa da participação do rádio no modo de vida na sociedade, cabe, portanto, entender seu espaço enquanto agente cultural. Adentrando neste assunto, a partir de Raymond Williams (1992), que define cultura como “todo um modo de vida” elaborado pela maneira de viver, as rotinas, os mitos, a linguagem, as imagens, caracterizando-se através dos processos, da totalidade, da história dentro de cada comunidade. A cultura não se refere apenas ao racional, mas envolve sentimentos e emoções na vida, das experiências, das necessidades, das relações e das práticas vividas.

O vínculo social do rádio com o modo de vida envolve o compartilhamento de patrimônios comuns como a língua, a música, o trabalho, os esportes, as festas, entre outros. É um espaço de reconhecimento como pertencente a uma dinâmica cultural da cidade. O rádio se fixa como uma construção social estabelecida e faz os indivíduos se sentirem mais próximos e semelhantes (Bianco, 2009, p. 4).

Canclini (2013) apresenta diferentes formas de entender a cultura com base na globalização, organizando-as em sistemas culturais não mais pelo culto ou massivo. A partir dos meios de comunicação de transmissão de bens simbólicos em larga escala, como o rádio, a cultura não se diferencia pelas classes sociais, uma vez que todas recebem o mesmo conteúdo, mas amplia a visão acerca das identidades sociais.

Nesse contexto, a hibridização entre culturas não é considerada a exclusão de modelos e valores identitários de cada localidade, mas sim a convergência do novo com a tradição. Canclini (2013, p. 19) compreende o conceito de hibridismo cultural como “[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam separadamente, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

Na história da sociedade moderna, o rádio teve um importante papel para a globalização e assim, para a propagação da cultura de massa em diversos tipos de comunidades,

uma vez que, para desfrutar, o meio sonoro não necessita de alfabetização e abrangia as diversas classes sociais. Assim, Santaella (2002 *apud* Tincani 2010) considera que a introdução do rádio na sociedade não significa extinção da cultura popular ou erudita, para ela acontece umas “recomposições nos papéis, cenários sociais e até mesmo no modo de produção dessas formas de cultura, assim como borraram suas fronteiras, mas não apagaram suas existências”. (Tincani, 2010, p. 35)

Entende-se, portanto, que não se trata apenas de produtos culturais, mas do conceito de *habitus*, trabalhado por Bourdieu (1986) para entender a relação entre indivíduo e sociedade de forma mais ampla, que vão além das normas explícitas e do raciocínio lógico e, estão ligados a princípios adjacentes às práticas sociais. Isso sugere a necessidade de considerar que, ao analisar as ações das pessoas, “[...] é preciso reconstruir o capital de esquemas informacionais que lhes permite produzir pensamentos e práticas sensatos e regulados, sem intenção de direção e obediência consciente a regras explicitamente formuladas como tais” (Bourdieu, 1986, p. 40).

Ou seja, o ambiente social colabora de forma decisiva e diretamente para a construção da cultura e para a formação de imaginários. No caso do rádio, a tecnologia do meio une-se ao contexto social que está inserido, utilizando-se de linguajar, jargões, informações e gostos que caracterizam o seu público.

Quanto mais comuns e estabelecidas de maneira consensual estejam as estratégias de produção de significado, de codificação e decifração, mais eficazes serão as mensagens na comunicação emissor-receptor. O criador da mensagem e seu interpretante necessitam revisar constantemente os pactos que determinam em cada momento um maior ou menor acordo nas variações particulares dos códigos comunicativos para a produção de mensagens. Como consequência, o criador da mensagem precisa incorporar também ao processo de codificação os usos sociais e culturais das linguagens em cada contexto particular para obter o maior grau de eficácia comunicativa. (Balsebre, 1994, p. 19) Em outras palavras, quem produz o conteúdo radiofônico e quem está apto a recebê-lo precisam compartilhar um campo de experiências comuns. [...] Em outras palavras, quem produz o conteúdo radiofônico e quem está apto a recebê-lo precisam compartilhar um campo de experiências comuns (Ferraretto, 2014, p. 34–35).

Ao perceber essa proximidade entre o meio e seus receptores, vale lembrar McLuhan (2007, p. 21), que nota a expressão “meio é mensagem”. Ou seja, os meios de comunicação modificam expressivamente o receptor nas estruturas sociais, tornando-se, além de uma tecnologia, uma extensão dos sentidos humanos cotidianamente, pois os efeitos da tecnologia não manifestam nos domínios das opiniões e dos conceitos, em vez disso, eles se revelam nas interações entre os sentidos e nas estruturas da percepção, avançando firmemente e sem encontrar resistência (McLuhan, 2007).

Antes, instrumento privilegiado da informação, de interpretação e, só em último lugar, do entretenimento, o rádio inverteu a posição e passou à condição quase exclusiva de instrumento de lazer. Seu papel de intermediário entre os acontecimentos e o público criou um novo tipo de informação e de interpretação: a informação-lazer e a interpretação-lazer. Os acontecimentos transmitidos passam à condição de curiosidades exóticas apresentadas como atualidades, quando um acontecimento é atual apenas quando faz parte da micro-história ou, em outras palavras, só é atual o acontecimento que apresenta um antes e um após históricos. (Enzenberger, 1973 *apud* Caparelli, 1986)

A familiaridade promovida pelo meio radiofônico através de notícias locais, pela publicidade do comércio local, apresentações de artistas regionais e, neste contexto histórico de 1930 até 1950, pela presença física do público nas emissoras, levam o rádio a constituir dentro da sociedade não apenas seu papel como agente cultural, mas antes disso, como *mídia local*, pois de acordo com Cantalapiedra (1996) apresentado por Lima (2008, p. 51), “é a informação cuja divulgação é justificada pelo interesse despertado pela simples proximidade.” Lima (2008) ainda considera o conceito de Tenhandino (1994):

(...) A comunicação, no sentido de transmissão de uma tradição, de um local, de um modo de vida imediato, de uma cultura concreta e de uma cultura concreta e localizada, é elemento integrante e decisivo para a sobrevivência destas pequenas ou grandes entidades locais (Tenhandino, 1994 *apud* Lima 2008, p. 51).

Ainda em seus estudos sobre mídia local e regional, Lima (2018) apresenta a relação natural que acontece entre a radiodifusão e a sociedade, através da citação do autor Slaviero (2009): “É um meio comunitário por excelência, pelo contato direto que tem com a população, a cidade, o bairro, sua história, sua cultura, seus anseios e suas necessidades. ”

A intimidade entre os ouvintes e o meio radiofônico pode ser percebida através da expansão dos sentidos por meio dos elementos de sua linguagem, como: a linguagem oral, a penetração, a mobilidade, o baixo custo, a instantaneidade, a sensorialidade e a autonomia. Ferraretto (2011, *apud* Pimentel, 2017) salienta, entre os elementos da linguagem radiofônica, a voz humana, a música, os efeitos sonoros e o silêncio, isolados ou combinados entre si. Além disso, a radiofonia não está restrita à oralidade, mas é fruto de uma interação modificadora entre a palavra falada, a música, o silêncio, os ruídos e os efeitos especiais.

Ao abordar a linguagem radiofônica, Balsebre (2005) enfatiza o papel crucial da música e dos efeitos sonoros na criação de enunciados significativos, atuando como signos substitutos de ideias expressivas ou narrativas específicas. Esses elementos sonoros conseguem ultrapassar, em muitas ocasiões, o próprio significado simbólico e conotativo das palavras. Consoante o autor, o simbolismo presente em uma música descritiva consegue estimular a produção de imagens mentais e visuais relacionadas a paisagens ou situações de tensão dramática.

A partir da década de 1940, o rádio foi responsável por propagar e divulgar diversas manifestações culturais, tornando-se mais popular e influente dentro da sociedade brasileira. Emissoras de longo alcance como a Rádio Tupi, Rádio Continental, Rádio Nacional do Rio de Janeiro, Rádio Record de São Paulo, dentre outras, transmitiam sua programação por quase todo o país, levando informação e entretenimento para o público, através de programas jornalísticos, programas de auditório, radionovelas e esporte (Azevedo, 2002).

Para compreender os programas que eram transmitidos, a seguir, no Quadro 1, será apresentada a grade de programação noturna de emissoras cariocas do dia 8 de setembro de 1949, conforme pesquisa de Azevedo (2002):

Quadro 1 - Grade de Programação da Rádio Tupi e Rádio Continental em 08/09/1949.

Rádio Tupi	Rádio Continental
18h30 Brasil Pandeiro, com Mário Emani	18h Repórter em Inglês
18h55 Boa Noite para você com Carlos Frias	18h05 Programa com Déo
19h Melhoral Informa	18h15 Cartaz Vascaíno
19h05 Rádio Esportes Tupi	18h45 Resenha Esportiva Fluminense
19h30 Noticiário da Agência Nacional	19h15 Turfe
20h Ritmo Louco - produção Antônio Maria	19h25 Noticiário de Basketball
20h30 Radionovela - Caminho do mal	19h30 Noticiário da Agência Nacional
21h Nos bastidores do mundo - Al Neto	20h Comentário de Luiz Paes Leme
21h05 Big Broadcasting da Exposição	20h05 Audição de Alexandre Brailowsky
21h35 Onde está o poeta – Almirante	20h15 Esportes
22h15 Gravações Variadas	21h Parlamento de Graça
22h35 Grande Jornal Tupi	21h30 Tribuna Turfista
23h35 Seleções Musicais	21h36 Vozes do Cinema
0h25 Suplemento do Grande Jornal	23h Esportes
0h30 Encerramento	23h15 Vamos dançar
	0h15 Boite

Fonte: Diário da Noite 08/09/1949 (p. 4 *apud*. Azevedo, 2002, p. 138).

O rádio se tornou, então, um fenômeno nacional, estava nas casas como um utensílio doméstico, seus artistas estampavam matérias em revistas e jornais pelo país, via perfis, colunas especializadas e propagandas. Os fãs tinham interesse na sua vida pessoal,

queriam saber como se vestiam, o que consumiam e onde moravam, sentiam uma espécie de veneração. Eles iam até os estúdios das emissoras para se comunicar, se possível tocá-los nos programas de auditório ou visitas durante a programação.

Os artistas de rádio das décadas de 1940 e 1950 tinham consciência do papel de vedetes, de olímpianos, a eles destinados e costumavam cumprir todos os rituais impostos pela fama. Cercados de fãs clubes, convivendo com um público ávido por informações sobre os seus cotidianos, os artistas de rádio alimentavam a imagem dessa figura mista de seres humanos normais e de estrelas. As entrevistas e depoimentos publicados pelos jornais e revistas da época deixam transparecer a intencionalidade da manutenção do mito. E para isso era fundamental uma constante publicidade sobre a vida pessoal e profissional (Calabre, 2003, p. 2).

Assim como já mencionado nas histórias do Homem Aranha, “com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”¹⁰. A presença crescente do público nas emissoras e em seus auditórios transformou as décadas de 1940 e 1950 na “era de ouro” da radiodifusão, à medida que os “carros-chefes” da emissora, os programas de auditório e as radionovelas transcendiam as ondas do rádio, apareciam para além das ondas hertzianas, mas também em telas, em cidades do interior e em caravanas patrocinadas por anunciantes.

Vianna e Santos (2016) evidenciam em seus estudos que:

Os programas se firmaram como um meio de expressão, um espetáculo audiovisual que acontecia no auditório e nos estúdios e um acontecimento social que repercutia posteriormente nas revistas e jornais impressos, com fotos, resumos dos capítulos das novelas e reportagens sobre a vida dos artistas. Mais tarde, esses dispositivos alcançariam um novo meio de comunicação: a televisão (Vianna; Santos, 2016, p. 147).

O rádio transmitia um mundo de fantasia, cheio de humor e emoção, que envolvia o imaginário do brasileiro através de programas variados como novelas, musicais, radiojornalismo e programas de auditório. O cidadão brasileiro percebeu o mundo para além da comunidade em que vivia sem sair da sala de estar.

De acordo com Calabre (2003):

Os programas radiofônicos das décadas de 1940 e 1950 eram mais elaborados que os contemporâneos, envolviam um grande número de profissionais em sua execução. O rádio tinha em sua programação humor, informação, música, dramatização e esporte (Calabre, 2003, p. 1).

Os programas de auditórios tinham como foco principal o entretenimento do público, por isso envolviam diversos segmentos, como apresentações de calouros, piadas, jogos, jingles divertidos, apresentações musicais, participações de radialistas de outros programas. Pessoa e Vianna (2013) ressaltam que esses tipos de atração transpassavam as ondas

¹⁰ Revista *Amazing Fantasy* n. 15, 1962.

hertzianas e se tornavam um meio de expressão, um espetáculo que reunia o público em auditórios decorados, organizado por caravanas e artistas, para que todos pudessem participar e prestigiar a produção.

Entretanto, o objeto de pesquisa desta dissertação é uma radionovela, um tipo de atração radiofônica com origens no melodrama e nos folhetins jornalísticos, no século XIX. Segundo Paula e Collaço (2013):

A dramaturgia melodramática é marcada por um ritmo espetacular intenso, ao propor uma acelerada alternância entre as situações de boa e má fortuna (tanto de vilões quanto de heróis, num idealizado mundo binário). Os chamados “golpes de teatro”, característicos do gênero, possibilitam repentinas mudanças entre uma situação e outra dentro da narrativa (estas são características das quais, no meio radiofônico, a radionovela se apropria do melodrama). [...] Por sua vez, também durante o século XIX, o folhetim jornalístico passou a existir, literalmente, à margem das páginas dos grandes acontecimentos. Esse espaço a quem davam o nome de Feuilleton, que para nós traduz-se em Folhetim, nasceu da necessidade de gerar prazer e bem-estar aos leitores ou ouvintes de jornais [grifo nosso], cansados de verem os enfadonhos reclames policiais ocuparem as páginas dos periódicos. Essas histórias eram concebidas de modo a provocar no leitor do jornal um interesse baseado na curiosidade em saber qual fato futuro da história responderia àquele que era lido naquela ocasião (Paula; Collaço, 2013, p. 161).

A mescla entre os dois gêneros concebeu características fundamentais para uma dramaturgia aberta, típica das radionovelas, com temas dramáticos e com o caráter sequencial do folhetim. Ambos os recursos possuíam o propósito de cativar o público, provocando respostas emocionais numa sequência de situações com as quais elas pudessem se identificar.

No gênero radionovela, o ouvinte era exposto a um mundo repleto de crimes, intrigas, vinganças baseadas na honra, arrependimentos, reconciliações e toda sorte de desejos inegáveis. O enredo muitas vezes apresentava redenção e virtude, triunfando sobre o vício moral e as injustiças sociais. A dramaturgia de uma radionovela atuava como um catalisador, despertando as emoções dos ouvintes e mergulhando-os na história (Paula; Collaço, 2013).

Kaplún (1978), em seu livro “Produção de Programas de Rádio”, identificou doze modelos distintos de programas radiofônicos, tais como noticiários, comentários, entrevistas e rádio revistas. Dentro desses formatos, ele introduziu o conceito de “radio drama”, que se dedica à criação de ficção ou narrativas baseadas em eventos reais. Nesse contexto, ao invés de um locutor narrar a história, os próprios personagens se expressam.

O autor o categoriza em três modalidades: 1) unitário, caracterizado pela ação que se desenrola e conclui em uma única transmissão, assemelhando-se a uma peça teatral e equivalendo, como gênero literário, a um conto; 2) seriado, que se divide em episódios independentes, cada um com uma trama distinta que pode ser compreendida sem a necessidade de ter ouvido os episódios anteriores, mas mantendo um personagem central ou grupo que serve

como fio condutor; e 3) a radionovela, que se assemelha à novela clássica, sendo apresentada em vários capítulos consecutivos, exigindo que seja ouvida na íntegra para acompanhar a continuidade do enredo, tornando o acompanhamento fragmentado mais desafiador (Kaplún, 1978).

O que distingue a radionovela de outros formatos dramáticos, como o unitário e o seriado, é a necessidade de que o ouvinte acompanhe cada capítulo para compreender a narrativa e a história em desenvolvimento. Geralmente transmitidas diariamente ao longo de um extenso período, normalmente um ano, demandando um processo de adaptação do texto original. Essa etapa é não apenas fundamental para o projeto, mas também a mais intrincada, representando o diferencial do rádio drama. Ao relatar ações por meio de ambientação e efeitos sonoros, desafia-se a habilidade da equipe em criar um produto de qualidade e imersivo para os ouvintes, proporcionando espaço para ajustes livres na trama (Mesquita *et al.*, 2019).

Paula e Collaço (2013) destacam que, na elaboração de roteiros dramáticos para o rádio, as práticas mais frequentemente adotadas estão relacionadas à reelaboração de textos provenientes de diversas formas artísticas, à formulação de títulos para radionovelas, à utilização de redundâncias em expressões e diálogos dos personagens, à introdução de “ganchos” nas ações e à presença de um narrador com atributos de onisciência, onipresença e onipotência.

Outro procedimento recorrente nas radionovelas era a prática de adaptar e reescrever textos de um meio para outro, representando uma abordagem que proporcionava uma certa segurança aos rádio dramaturgos. Eles utilizavam o texto original como um guia ou roteiro, enriquecendo-o com situações que ampliavam o desenvolvimento da trama. Muitos rádio dramaturgos concebiam os títulos das radionovelas como elementos essenciais para revelar o enredo, visando oferecer ao público informações claras que permitissem uma compreensão do drama apresentado. Esses títulos destacavam frequentemente o motivo central que impulsionava toda a trama e desencadeava as ações dos personagens (Paula; Collaço, 2013).

A redundância de certas informações transmitidas à audiência desempenha um papel fundamental, sendo usada para constantemente reavivar a memória do ouvinte e orientá-lo com segurança através das reviravoltas da história. Repetições de nomes, expressões características, e até mesmo situações de entrada e saída das personagens no cenário são recursos frequentemente empregados nos textos destinados a essas produções radiofônicas (Paula; Collaço, 2013).

Conforme Ball (1999), as peças teatrais incorporam elementos de antecipação para manter o público em constante expectativa, tanto em relação aos momentos específicos quanto à ação global da obra. Implicitamente, a peça estabelece promessas, indicando que, mais cedo ou mais tarde, as forças conflitantes inevitavelmente se confrontarão. A promessa de um confronto é essencial para despertar a ansiedade da plateia. No entanto, é preciso conduzir, persuadir e seduzir o público, levando-o a desejar ser testemunha desse embate. Nesse ponto reside a tensão fundamental de uma encenação.

A presença do narrador, dotado de onisciência, onipresença e onipotência, introduzido por Félix Caignet em 1937, trouxe uma mudança significativa na dinâmica das radionovelas e na interação com o público. Nas radionovelas que incorporam essa figura, o narrador desempenha uma função vital ao conduzir a trama diante dos ouvintes. Ele os orienta para poderem compreender os diferentes desdobramentos resultantes das ações das personagens diante dos conflitos que surgem. Esse narrador, característico do gênero épico, situa-se acima das questões morais que afetam a trajetória das personagens, permanecendo imperturbável diante dos eventos que ocorrem na história narrada (Paula; Collaço, 2013).

Com isso, Barbosa Filho (2003) observa que a radionovela pertence ao gênero do entretenimento, mais precisamente a programas ficcionais de drama. Esse gênero se sobressai por sua característica central de estimular a imaginação, cujos limites são vastos e inesgotáveis. Isso proporciona uma exploração mais aprofundada do universo da linguagem sonora, em comparação com outros gêneros.

Ainda consoante Barbosa Filho (2003), a ausência de elementos visuais no rádio, ao invés de ser considerada uma falha, revela-se como uma qualidade distintiva. Dessa forma, o surgimento do radioteatro, uma forma artística puramente sonora originada da dramatização de gêneros literários, apresentou-se como uma inovação significativa para a sociedade. Durante a era de ouro do rádio, as radionovelas desempenharam um papel fundamental na configuração da história do rádio brasileiro, estimulando a imaginação dos ouvintes. Elas conquistaram grande sucesso no início do século XX, graças a narrativas envolventes, talentosos atores e efeitos sonoros realistas, sendo este último um elemento primordial para prender a atenção dos ouvintes.

Costa (2007) relata haver uma disputa entre a Rádio Nacional e a Rádio São Paulo pelo pioneirismo no lançamento da primeira radionovela brasileira. De acordo com registros históricos, a Nacional saiu na frente ao apresentar, em 5 de junho de 1941, “Em Busca da Felicidade”, uma radionovela do cubano Leandro Blanco adaptada por Gilberto Martins, patrocinada pela empresa Colgate-Palmolive.

Enquanto, “A Predestinada” é considerada a verdadeira primeira radionovela eminentemente brasileira, escrita por um autor paulistano, Oduvaldo Viana. Vale ressaltar que Viana antes de ingressar como autor de radionovelas, já havia uma longa trajetória na criação de peças teatrais e produções de cinema, essa transição de entre os palcos e o rádio, ocorreu durante as décadas de 1930 e 1940, quando passou uma temporada na Argentina e, lá teve não apenas o contato com o formato de radionovelas, como também escreveu alguns roteiros para a Rádio El Mundo. (Pinheiro, 2020)

De acordo com Vianna¹¹ (1984 *apud* Pinheiro, 2020), o autor acumulou sucessos tanto na Rádio São Paulo quanto na Rádio Nacional, alcançando um impressionante índice de 85% de audiência na rádio paulistana, conforme medido pelo Ibope. Ainda segundo Calabre (2003), Vianna foi responsável por 9,3% do total de novelas irradiadas pela Rádio Nacional entre os anos de 1941 e 1959, além de outras produções para emissoras cariocas e paulistanas.

Após o êxito das primeiras radionovelas, a Rádio Nacional criou rapidamente novas histórias no mesmo formato e em diferentes horários. A estação se tornou uma verdadeira produtora de fantasias, sendo suas novelas marcantes para a época. Elas não apenas moldaram hábitos e atitudes, mas também provocaram debates e alcançaram grande sucesso entre o público ouvinte (Calabre, 2003).

Dentre diversos títulos, deve-se destacar o notável fenômeno de audiência que foi a radionovela, *O Direito de Nascer*, considerada o maior sucesso do gênero em toda a América Latina. Com um texto original de Felix Cagnet, traduzido e adaptado por Eurico Silva, a obra original possuía 314 capítulos, equivalendo a quase três anos de transmissão. O elenco contava com nomes como Nélio Pinheiro, Paulo Gracindo, Talita de Miranda, Dulce Martins e Iara Sales, entre outros. A história surpreendeu críticos e contrariou previsões que apontavam o declínio do radioteatro, demonstrando um grande interesse do público brasileiro por tramas extensas. (Calabre, 2003)

Ainda de acordo com Calabre (2003), em abril de 1952, enquanto a novela ainda estava em andamento, *A Noite Ilustrada*¹² publicou uma reportagem escrita por Nestor de Holanda destacando a manutenção do fenômeno de popularidade após mais de um ano de transmissão (figura 01). O impacto era tal que inúmeras crianças foram batizadas com os nomes dos personagens principais, e elementos da trama, como o personagem Mamã Dolores, influenciaram na nomenclatura de praças, creches e até mesmo em temas musicais. A reportagem ressaltou que, de norte a sul, graças às ondas curtas e médias da Rádio Nacional, O

¹¹ Esposa de Oduvaldo Viana e companheira de trabalho, como autora de radionovelas.

¹² Revista brasileira de variedades que circulou durante o século XX.

Direito de Nascer tornou-se a principal realização radiofônica, despertando um fanatismo notável em diversos públicos, independentemente de faixa etária ou perfil socioeconômico. O horário de transmissão, às segundas, quartas e sextas, às 20 horas, tornou-se um ponto de encontro unânime para uma audiência diversificada e ávida. (Calabre, 2003)

Figura 1 - Reportagem da Revista Noite Ilustrada



Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: <memória.bn.gov.br>. Acesso em: 15 de março de 2024.

Apesar de a radionovela ter feito sua estreia na década de 1940, é relevante observar que o rádio brasileiro já vinha experimentando o radioteatro, adaptando textos dramáticos para a transmissão pelos microfones. Nos estudos de Maranhão (1999), são mencionados diversos dramaturgos que se dedicaram ao radioteatro na década de 1930, incluindo Otávio Gabus Mendes, José Medina, Sebastião Arruda, Manoel Durães e Walter Durst (em São Paulo); Olavo de Barros, Plácido Ferreira, Vitor Costa, Cleson Guimarães e Cordélia Ferreira (no Rio de Janeiro); e Luis Maranhão, Poliana e Vicente Cunha (em Pernambuco).

A partir do que Silva (2018) salienta, Oduvaldo Vianna foi uma figura fundamental ao introduzir a radionovela no cenário radiofônico brasileiro. Além de adaptar roteiros argentinos, como “Renúncia”, “Fatalidade”, “Recordações de Amor”, “Céu Cor-de-rosa”, “Alegria”, “Primeiro Amor”, “Suspeita”, “Calúnia” e “Farol da Esperança” para a Rádio São

Paulo, ele também escreveu a primeira radionovela brasileira. Conforme o pesquisador, Vianna levou ao ar aproximadamente 200 histórias dentro desse gênero, tornando-se assim o principal autor de rádio dramaturgia no país.

Villaça (2015, p. 15) expõe que as novelas e as dramatizações radiofônicas eram programas de grande audiência no rádio brasileiro. Apenas na Rádio Nacional, mais de 20 novelas eram transmitidas simultaneamente, contando com um elenco de 100 artistas e cerca de 600 funcionários dedicados à produção, como se observa no Quadro 2.

Quadro 2 - Quantidade de radionovelas da Rádio Nacional desde 1941 até 1946.

Ano	Quantidade de novelas exibidas:
1941	02
1942	06
1943	22
1944	35
1945	52
1946	41

Fonte: Azevedo (2002).

Villaça (2015, p. 37) ressalta diferentes tipos de roteiros conforme categorizados nos estudos de Alves e Morais (2004, p. 7), cada um voltado para um público específico. Essas categorias incluem o “Rádio Lágrimas”, que apresenta narrativas dramáticas direcionadas às donas de casa; as “Adaptações de romances da literatura”; as “Novelas de fundo histórico”; as “Regionais”, que exploram histórias relacionadas ao homem do interior; as de “Aventura”, destinadas principalmente ao público infanto-juvenil; e as de “Cunho religioso”, que abordam passagens bíblicas ou histórias de santos.

A criação de radionovelas demandava a participação de vários profissionais, levando as emissoras a estabelecerem um núcleo específico para o radioteatro. Esse núcleo contava com atores exclusivos, autores, produtores e redatores, além dos sonoplastas encarregados de criar os efeitos sonoros e as trilhas musicais (Calabre, 2004).

Cada cena era acompanhada por trechos musicais específicos para cada ação, enquanto os contrarregras eram encarregados de produzir os efeitos sonoros, como ruídos ou movimentos apropriados, como passos, subidas de escadas, chuva, trovões, beijos, barulho de galope de cavalos, relâmpagos, entre outros. No estúdio de radioteatro, os atores se posicionavam diante de microfones, que podiam ser de pé ou suspensos, com uma cópia do

script (o texto da novela) à frente, realizando a interpretação textual. Uma luz vermelha sinalizava que os microfones estavam ligados e que estavam no ar, enquanto monitores ou caixas de som eram utilizados para orientação e acompanhamento da sonoplastia. Apesar de ocorrerem falhas de marcação, os imprevistos eram enfrentados, soluções eram encontradas e os problemas eram resolvidos (Calabre, 2004).

A despeito das dúvidas iniciais de muitos que consideravam as radionovelas “intermináveis” e duvidavam da capacidade de retenção da audiência, essas produções foram bem-sucedidas. Curiosamente, elas acabaram sendo precursoras das telenovelas, que atualmente desfrutam de grande popularidade no Brasil e em todo o mundo.

2.3 Avante, Campina! - Produção radiofônica em Campina Grande

A história da radiofonia campinense se entrelaça com a modernização da cidade, por essa razão, antes de adentrar o contexto histórico ao qual pertence o objeto de pesquisa deste estudo, é importante entender o que faz de Campina tão grande dentro da história do Nordeste, até mesmo do Brasil.

Situada a aproximadamente 120 quilômetros ao oeste da capital paraibana, João Pessoa, mais especificamente no planalto da Borborema, seu surgimento é contado a partir da colonização da família Oliveira Lêdo no século XVII, quando os primeiros habitantes dessa campina (indígenas ariús) foram explorados pelos colonizadores — família Oliveira Lêdo — que ali chegaram como vaqueiros, para o gado trazido do litoral para desenvolver atividades agropecuárias Pinto (1938 *apud* Pereira, 2017, p. 320–321).

O antigo aldeamento dos indígenas ariús cresceu e desenvolveu-se, tendo como base inicial a pecuária. Posteriormente, com o crescimento da imigração do litoral para o interior, cresceu tanto a pecuária quanto a produção de subsistência. A economia pecuária e a produção de subsistência possibilitaram ao aldeamento tornar-se vila e cidade. A vila construída na grande campina era favorecida com água em abundância e pasto para os animais, além do que a terra demonstrava grande fertilidade para as culturas agrícolas (Pereira, 2017, p. 321).

Assim, inicialmente, em 1769, foi criada a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, sendo mais tarde renomeada como Vila Nova da Rainha em 1790. Pereira (2017) relata que rapidamente surgiu no vilarejo uma feira de produtos naturais cultivados pelos próprios habitantes. Contudo, devido a uma “posição geográfica e climaticamente privilegiada”, o local logo se tornou ponto de passagem e descanso para os viajantes que iam e vinham do Sertão. Como já lembra Luiz Gonzaga em sua canção, “*E se hoje se chama de*

Campina Grande/ Foi grande por eles que foram os primeiros/ Ó tropas de burros, ó velhos tropeiros” (Pereira, 2017).

A vila era ponto de passagem para aqueles que se destinavam ao sertão pelas poucas estradas ali existentes, onde se criava gado de forma extensiva. Assim, o município tornou-se “rancho” de descanso para os viajantes da época. A Vila Nova da Rainha contava com uma população relativamente grande diante das demais vilas da província, mas só é elevada a cidade em 1864 (BNB/SUDENE, 1962 *apud* Pereira 2017, p. 322).

Uma localidade pacata até o início do século XX, de acordo com França (2020, p. 49), “encontramos neste período uma Campina Grande eminentemente pacata, contudo, sua tranquilidade era quebrada com as desavenças políticas e brigas, principalmente, em dias de feiras.” Com o crescimento acelerado da cultura algodoeira ocorreram significativas mudanças sociais e urbanísticas para a cidade, já que para impulsionar o comércio de algodão, foi inaugurada em 1907 a estação ferroviária e até a década de 1920, os primeiros automóveis e caminhões já circulavam para o transporte do algodão. Tornando a pequena cidade dos tropeiros que transitavam em burros a moderna e “maior cidade do interior do Nordeste” (Pereira, 2017).

Pode-se se dizer que a década de 1920 foi um momento introdutório da modernização da cidade, afinal, o espaço rural se tornava urbano com as construções de colégios, igrejas católicas e evangélicas, armazéns de compra de algodão, armazéns com venda de cereais e estivas, lojas de fazenda, miudezas e perfumarias, padarias, sapatarias, farmácias, movelarias, mercearias, quitandas, agências de automóveis, bombas de gasolina, hotéis, pensões, cafés, barbearias, bilhares, alfaiatarias, dentre outros estabelecimentos que compunham o cenário urbano de Campina Grande (França, 2020).

[...] a par das transformações do cotidiano das ruas de Campina Grande, desde a alteração do eixo comercial para a Rua das Areias (Dr. João Moura, hoje Rua João Pessoa), até mesmo as mudanças nos divertimentos da elite da cidade. Mais uma vez, a praça Epitácio é apresentada como ponto de encontro das camadas sociais mais altas para curtição de retretas dominicais. Nesta artéria, já não coadunam as antigas pegadas de boi, em que euforicamente misturavam-se pobres e ricos nas décadas anteriores. As próprias rodas de conversa se adaptam aos novos tempos, afinal, o debate religioso passa a fazer parte da vida dos indivíduos que têm, além da Igreja Católica, agora novas formas de intermediação com o sagrado. Entretanto, para essa elite, algo não muda, justamente o seu sustentáculo de poder: a política (França, 2020, p.64).

Com isso, a cidade foi submetida a projetos estruturais que a fizeram passar por um conjunto de reformas físico-urbanas, durante as décadas de 1920 e 1940, além de criações de cinemas e emissoras de rádio. Todas as modificações pautadas em um discurso de supervalorização da Grande Campina e “do poder criativo de sua gente” (Souza, 2003). Na imagem apresentada a seguir, é possível identificar a principal avenida da cidade — Rua Floriano Peixoto — logo à direita da foto é possível encontrar a Praça Clementino Procópio

com diversas árvores, mas embaixo se vê a Praça da Bandeira, seguindo a Rua Marquês do Herval, na direção horizontal, em paralelo a esta última rua e por trás da fileira de edifícios que cercam a praça, estão a Rua Venâncio Neiva e a Rua Maciel Pinheiro.

Figura 2 - Imagem panorâmica do Centro de Campina Grande em 1950



Fonte: Site Retalhos de Campina. Disponível em: <<https://cgretalhos.blogspot.com/2021/05/do-presente-de-costas-para-o-passado.html?m=1>>. Acesso em: 15 de março de 2024.

Nesse contexto de crescimento rápido, cabe citar a afirmação de Fernand Braudel: “mesmo quando se multiplicam as construções, os pobres continuam miseravelmente alojados”, para esse período histórico quando Campina recebia pessoas de vilarejos e de cidades de outros estados do Nordeste, que buscavam melhor qualidade de vida, em trabalhos nas indústrias que ali eram instaladas. Essas pessoas eram alocadas nos arredores do centro elitista, em casas de taipa, chão de terra batida e telhas irregulares.

Habitados por pessoas pobres e socialmente estigmatizadas, algumas ruas, ruelas e becos, fisicamente bem próximos de onde pulsava o centro econômico e social de Campina Grande, tornar-se-iam, por meados dos anos 1940, com a reforma urbana já em curso e consumada na administração do prefeito Vergniaud Wanderley (23/08/1940 – 19/03/1945), áreas econômica e socialmente valorizadas e que se tornariam parte daquela região nobre da cidade. [...] agora fora dos padrões estéticos que se consolidavam, incorporados e difundidos pelo gosto da elite detentora do poder social, econômico e político que, em geral, deixara-se marcar por um padrão de beleza

caracterizado pelas linhas previstas pela racionalidade das modernizadas técnicas de construção, que estimulavam a ampliação interna dos espaços e a atribuição a estes de novas funcionalidades. Assim, essas construções estética e moralmente condenadas foram marcadas para desaparecerem, vítimas das intransigentes e sistemáticas oposição e perseguição de setores da elite campinense (Cabral Filho, 2010, p. 264–265).

Em 1950, a população somava cerca de 173.206 habitantes, segundo o Censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do início da década, o que era motivo de glória para os intelectuais da época que declamavam poemas, cronistas e escritores sobre a ‘menina Campina’ que crescia prosperamente em economia e modernidade.

Souza (2003) destaca que:

A tradição de construir uma imagem engrandecedora para Campina continuaria viva ainda por muitos anos. Na década de 50, Campina Grande ainda se vangloriava da riqueza adquirida nos prósperos anos da produção de algodão. Seus intelectuais e jornalistas escreviam sobre ela com um ufanismo só visto nas grandes cidades e metrópoles. As comparações com São Paulo, Chicago e mesmo Nova Iorque eram uma constante. Também não era para menos. O município de Campina Grande, de acordo com o censo de 1950 era considerado o 13º do Brasil, em um total de 1.890 municípios [...] Assim como as elites brasileiras do início do século XX transformaram o Rio em símbolo do moderno, os intelectuais campinenses também queriam transformar Campina no ícone máximo do progresso nordestino, vinculando-a ao desenvolvimentismo muito em voga nos anos 50 (Souza, 2003, p. 2).

Nesse cenário, não foi difícil fazer com que a cidade também se destacasse pela produção cultural, mesmo que a radiofonia tenha engatinhado lentamente a partir do ano de 1936, quando o gaúcho Jovelino Farias instalou alto-falantes no prédio onde sua escola de dança funcionava, para propaganda dos serviços. A partir disso, logo notou o benefício que os falantes davam à comunidade, conforme Freitas (2006, p. 126), “ali foram transmitidos, por vários anos, programas bons e relevantes serviços à coletividade campinense”.

Porém, foi com a difusora A Voz de Campina, na década de 1940, que os serviços sonoros se ampliaram pela cidade. Ela ficava localizada em um prédio na Praça da Bandeira, principal praça no centro, com alto-falantes instalados pelas principais ruas de Campina Grande, como as ruas João Pessoa, Maciel Pinheiro, Simeão Leal e na Feira Central.

A difusora, mesmo dentro de sua precariedade e limitação, assumiu o papel que o rádio assumiria anos depois, pois fazia da sacada do Edifício Esial o palco e, da praça pública, seu auditório. De lá, seu fundador, José Jataí, e seu colega Hilton Mota, apresentavam programas sobre futebol, política e principalmente cultura. Centenas de espectadores prestigiavam as apresentações. Segundo Freitas (2006, p. 127):

Da Praça da Bandeira por muitos anos, Campina Grande teve o seu auditório ao ar livre, com apresentações de verdadeiros mitos da radiofonia brasileira como: Hebe Camargo, Sílvio Caldas, Luiz Gonzaga, Dilú Melo, Isaura Garcia, Quitandinha

Serenade, Jararaca e Ratinho, Venâncio e Corumbá, dentre outros que fizeram a alegria da população campinense (Freitas, 2006, p. 127).

Após alguns anos de ondas hertzianas correndo pelas ruas de Campina Grande, no dia 13 de agosto de 1948, foi inaugurada a primeira emissora de rádio, a Rádio Cariri, pelo filho do ex-presidente Eptácio Pessoa, Eptacinho Pessoa, no bairro do Bodocongó. Consoante Freitas (2006), “a emissora foi recebida com muita alegria pela sociedade local, tendo se instalado a princípio no bairro de Bodocongó. Seu estúdio e auditório funcionaram no Clube dos Funcionários da Fábrica Têxtil, sendo que seus transmissores e antenas foram instalados na Rua Pedro II, no alto da Bela Vista” (Freitas, 2006, p. 130).

Mesmo com dificuldade na produção e operação técnica da programação, a emissora invadia os lares de todo o compartimento da Borborema, influenciando os costumes dos campinenses com seus programas de cantoria, artistas locais e programas esportivos. Consoante Freitas (2006, p. 130), “como o local de instalação da emissora foi construído em um bairro afastado do centro da cidade, os artistas que para lá iam fazer apresentações eram transportados numa camioneta do próprio José Jataí, ou em ônibus da linha”.

Em meio ao centro da cidade de Campina Grande, entre as ruas Cardoso Vieira e Venâncio Neiva, no dia 8 de dezembro de 1949, foi inaugurada a rádio de maior destaque da “Era do Ouro” da radiofonia campinense, sob inspiração do jornalista Assis Chateaubriand. Maior (2015, p. 79) enfatiza que “a rádio Borborema é aquela que prendia seus ouvintes com produções das mais interessantes”.

Durante esse período, a cidade estava vivendo o seu apogeu na comercialização de algodão. Não foi difícil Chateaubriand encontrar parceiros para instalar a segunda emissora da cidade. Dentre os maiores incentivadores, vale destacar o comerciante libanês-campinense Cônsul José Noujaim Habib El-Koury e o técnico em eletrônica José Cavalcante. Logo foram adquiridas terras no bairro do Alto Branco para instalação dos transmissores de ondas e os 1º e 2º andares completos do Edifício São Luís foram alugados por Chateaubriand, para acomodação dos estúdios, redação e auditórios da Rádio Borborema (Freitas, 2006).

Iniciou suas atividades com uma programação dinâmica, causando furor de audiência em Campina Grande e cidades vizinhas. Desempenhando um papel importante para o desenvolvimento da cidade, a Rádio ditou normas e modificou padrões de comportamento da sociedade através de sua programação dinâmica e moderna que a princípio se caracterizava pelas rádios-novelas e programas de auditórios (Freitas, 2006, p. 135).

A emissora esteve em todos os grandes eventos campinenses, transmitindo ao vivo acontecimentos da cidade como as mobilizações populares, a construção do estádio de futebol,

a conquista da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande e ainda contribuiu para a difusão da cultura regional (Maior, 2015).

Em estudos realizados pela autora desta dissertação em (2021), a Rádio Borborema seguiu a mesma linha de qualidade e confiabilidade de outras emissoras associadas da época, conseguindo alcançar outros estados brasileiros, além das fronteiras da região Nordeste. Por isso, considera-se o palco do auditório da Borborema como berço de artistas paraibanos que, posteriormente, se tornaram astros nacionais, como: Marinês, Jackson do Pandeiro, Zito Borborema, Antônio Barros e Cecéu, dentre outros.

Além de se destacar também por suas radionovelas, pelas quais, inicialmente, recebia scripts de autores consagrados como Max Nunes, Dias Gomes e Janete Clair para que atores locais interpretassem e, posteriormente, passou a produzir suas próprias produções. Conforme Freitas (2006), as radionovelas marcaram época em Campina Grande:

As radionovelas marcaram época em Campina Grande ditando padrões, aquilo que era dito no microfone funcionava como moda em função do gosto popular e atingiu sucesso, criando ídolos que eram admirados principalmente pelo público feminino. O radioteatro era feito ao vivo, radiofonizando obras de autores nacionais, internacionais, bem como locais como Fernando Silveira (Freitas, 2006, p. 138).

De acordo com Freitas (2006), a Borborema possuía uma programação diversificada e, seguia os modelos das grandes rádios nacionais do Rio de Janeiro e São Paulo, com apresentação das novelas no horário noturno a partir das 20h, estendendo-se até às 21h30 de segunda a sexta-feira, além de três apresentações diárias de programas de auditórios nos três turnos.

A emissora contava com um *cast*¹³ excelente de atores, radialistas, músicos e técnicos, que a equiparava com outras grandes emissoras do país. Maior (2015) aponta alguns nomes de radialistas da Rádio Borborema, que também foram importantes para o desenvolvimento da radiofonia local como: Hilton Mota, Leonel Medeiros, José Jathaí, Gil Gonçalves, Cristóvão Barros de Alencar, Fernando Silveira, Palmeira Guimarães, Genésio de Sousa, Epitácio Soares, Felix de Souza Araújo, Juracy Palhano, Ramalho Filho, Eraldo César, Deodato Borges, Rosil Cavalcante e Maria Mendes.

Figura 3 - Programa de Auditório Clube do Papai Noel, da RB.

¹³ Quadro de profissionais artísticos.



Fonte: Acervo Pessoal de Eraldo Cesar.

Dentre esses nomes, vale destacar dois nomes relevantes para a dramaturgia produzida pela RB. O primeiro é Fernando Silveira, cearense da cidade de Fortaleza, foi Dramaturgo, Professor, Escritor, Poeta e Radialista. Foi convidado por Assis Chateaubriand para dirigir o Núcleo Artístico da RB em 1949, produziu diversos programas e novelas, dentre elas: Maria Alaô; O Anjo Negro; Meu Filho descansa em paz; Os Miseráveis (baseada na obra de Victor Hugo), dentre outras. Algumas de sua produção era disponibilizada a emissoras associadas, como a Tupy do Rio de Janeiro e a Rádio Clube de Pernambuco. (Araújo; Sousa, 2014)

O segundo nome a ser destacado é, Deodato Borges, paraibano natural de João Pessoa, foi quadrinista, roteirista, jornalista e radialista, produziu diversos programas e novelas, dentre elas: As Aventuras do Flama, Ilha dos Mortos, Clube do Fã, Teatro do Outro Mundo, Conquistadores do Espaço, O Cavaleiro da Vingança, além das produções para o rádio Deodato produziu textos e tirinhas para o DB, além de publicar três edições da revista de HQ proveniente das Aventuras do Flama, em 1963, além de produzir junto ao seu filho, Mike Deodato, os HQs “3000 anos depois” e “A História da Paraíba em quadrinhos”. (Piva, 2016)

Freitas (2006) ainda cita alguns radioatores de destaque, como Hilton Mota, Fernando Silveira, Genésio de Souza, Silvinha de Alencar, Eraldo Cesar, Aderson Costa, Rosil Cavalcante, Dinaldo Barreto, Edileuza Siqueira, Joel Carlos e Evandro Barros. Além de ressaltar alguns dos programas de sucesso da emissora, como os de auditório: Aquarela Nordestina; Domingo Alegre; A cidade se diverte; O forró de Zé Lagoa; O clube do papai Noel; Encontro com o Passado; A Cidade se diverte; O céu é o limite. Radionovelas: Maria-Lá Ô; Anjo Negro; Amor Cigano; Deus e o Demônio; O Flama; Degradação; Páginas de Glória; A

ilha dos mortos; O cavaleiro da Vingança. Programas Humorísticos: A Escola do Professor Nicolau; Uma pulga na camisola (produzido pela rádio Tupi-RJ); e O edifício balança, mas não cai (produzido pela Rádio Nacional RJ).

Desde a sua inauguração e até cerca de 20 anos depois, detinha um grande número de funcionários em seus quadros. A orquestra Borborema, que tinha regência do maestro Nilo Lima contava com 15 músicos; O Conjunto de Ritmo e Regional tinha mais de 10 pessoas; 08 locutores permanentes; 12 radioatores; 5 redatores, além dos colaboradores de rádio-jornal e 06 operadores de som nos estúdios e emissores (Freitas, 2006, p. 137).

A década de 1950 se iniciou com a inauguração oficial da Rádio Caturité, em 7 de dezembro de 1951, com o intuito de propagar a cultura e o progresso de Campina Grande através da assinatura de um contrato de sociedade entre o jornalista Teófilo Benedito de Vasconcelos e o advogado Sávio Carvalho da Silveira. De acordo com Freitas (2006), a emissora nasceu de uma campanha política nas eleições de 1951, quando Argemiro Figueiredo disputava o governo estadual contra José Américo e o Ministro Pereira. Freitas (2006, p. 141) revela que “a Caturité serviu de inspiração política para uma época em que o Brasil vivia a maior abertura para a democracia, os anos 50”.

Em 1955, a emissora passou a ser dirigida pela Diocese de Campina Grande, permanecendo até hoje, com isso, ao longo dos anos foram-se também mudando de direção entre leigos e padres católicos campinenses, como João Pessoa Sobrinho, Juarez Barreto, José Cursino de Siqueira, Dr. Stênio Lopes e Padre José Vanildo. Foi a última Rádio AM a ser inaugurada ainda no apogeu da radiofonia campinense com um alcance regional, sua programação era dotada de versatilidade dispondo de radionovelas locais, programas humorísticos, críticas sociais, jornalismo, música e esportes, como *Café society*, *Uma Valsa e uma canção para você*, *Doa a quem doer*, *Martelo e o Prego*, *Cinema em Foco e Instantâneo Esportivo*, *Reportagem do dia*, *A Grande Jornada dos bairros*, *Você faz o programa Livre*. Além de, famosos nomes que passaram pela emissora, como *Benedito Vasconcelos*, *Antonio Magalhães*, *Danúbio Bezerra*, *Luiz pereira*, *Deodato Borges*, *Geraldo Rodrigues*, *Edmilsona Juvenal*, *Josusmar Viana*, *Alberto Queiroz*, *Berta Barros*, *Lidia Rodrigues*, *Arlindo do Piston*, *Evaldo Cruz*, *Gilson Souto Maior*, dentre outros.

Dentre as três emissoras AM que nasceram durante o furor do rádio nacional, em Campina Grande, apenas a Caturité resiste ao tempo e sem grandes mudanças na programação mesmo a mudança para frequência modulada em 2018, sua programação permanece social e popular, mantendo-se como uma das maiores potencialidades radiofônicas da região.

Enquanto isso, a Rádio Borborema foi extinta ainda antes da mudança para FM. Atualmente, a rádio CBN utiliza-se da frequência modulada 103.5, que seria destinada à Borborema. Já Rádio Cariri sobrevive a mudanças de proprietários e linhas editoriais ao longo dos anos, sem uma audiência firme e fiel. A emissora foi a primeira a mudar para FM no ano de 2017, chamando-se 101.1 FM, posteriormente com o nome de Rádio Cariri 101FM e atualmente como Rádio Cariri 101.1, pela frequência modulada 101.1.

2.4 Rádio e Ficção - “Vinde a mim, meus super-heróis”

Antes do Super-Homem aterrissar no planeta Terra através das histórias em quadrinhos na década de 1930, histórias de mitos e lendas heroicas já permeavam as narrativas contadas oralmente e a literatura propagada pelas *penny dreadfuls*¹⁴. Histórias sobre guerreiros com super força, humanos que intermediavam o terreno e o divino ou personagens que lutavam pela justiça em prol de algo maior na sociedade são contadas desde a antiguidade. Para Robb (2017), “entre as narrativas mais comuns estão as lendas gregas: a palavra “herói” vem do grego e descreve um guerreiro que também é um protetor”.

Os primeiros registros de personagens sobrenaturais estão nas obras de Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*, nas quais é possível encontrar o panteão grego dos Doze Olímpianos - Zeus, Hera, Poseidon, Deméter, Atena, Héstia, Apolo, Ártemis, Ares, Afrodite, Hefesto e Hermes. Eles se originaram há séculos antes de Cristo, quando venceram a guerra contra os Titãs - uma raça mais antiga de deuses - e garantiram seu domínio sobre a Terra. Ainda de acordo com Robb (2017, p. 18), “histórias como essas, de uma ‘guerra no firmamento’, envolvendo a derrubada de uma geração ou de uma base de poder mais velha, foram contadas em toda a Europa e até no Oriente Próximo, com ecos nas mitologias escandinava, babilônica e judaica.”

Vale assim mencionar que tais relatos heroicos não se limitaram à Grécia Antiga, estenderam-se a outras civilizações, destacando-se *Épico de Gilgamesh*, passando pelo *Mahabharata* indiano em sânscrito, pela *Ilíada* e pela *Odisseia*, de Homero, até a obra romana *Eneida*, de Virgílio, a epopeia tomou forma e provou ser uma grande influência na criação e na evolução das histórias posteriores dos super-heróis (Robb, 2017).

Ao longo da história, vários personagens com o arquétipo do super-herói foram criados e adequados à época em que foram criados. Afinal, conforme Campbell (1997 *apud* Robb 2017), o arquétipo está além do mito dos heróis, concentrando-se em uma universalidade

¹⁴ Termo pejorativo designado à um tipo de livro barato publicado em capítulos semanalmente, no Reino Unido durante o século XIX.

de expressão do ser humano com seus desejos, medos e conquistas. Assim como os grandes deuses e lendas da antiguidade, personagens folclóricos também colaboraram para formar o modelo de super-herói, com características morais que incluem uma espécie de regras de comportamento. Essas regras os incentivam a sempre lutar em nome dos marginalizados, contra os criminosos, malfeitores, situações de perigo e injustiças sociais. Um exemplo disso é Robin Hood, herói do folclore inglês. “Robin Hood procura não só aliviar o sofrimento dos pobres – e isso é igualmente importante – mas também pune os opressores: ele é uma inspiração para personagens justiceiros como o Batman” (Robb, 2017, p. 21).

Ao longo da História, quando a comunicação oral deu espaço para a forma de comunicação escrita, os mitos e lendas também passaram a partilhar a escrita e o uso de imagens em livros, jornais e revistas. Ainda por volta do século XVIII, os materiais impressos eram majoritariamente religiosos, época em que artistas como William Hogarth, James Gillray e Thomas Rowlandson passaram a unir desenhos e textos para comentar política, moda e costumes sociais. Iniciando em diversos países europeus e nos Estados Unidos, as primeiras formas de história das histórias em quadrinhos (Robb, 2017).

Já no início do século XX, com a criação do cinema mudo, Douglas Fairbanks fortaleceu a imagem da figura heroica mascarada, com capa, espada, com um perfil justo e honroso no imaginário popular. Características que abriram caminhos para o arquétipo de super-heróis dos quadrinhos, das séries e até de novelas, como por exemplo: A Marca do Zorro (1920), Robin Hood (1922) e O Pirata Negro (Robb, 2017). Mas foi na Grande Depressão no século XX que a figura do super-herói, igual é conhecida atualmente, foi difundida dos Estados Unidos para o mundo através dos primeiros gibis do Super-Homem em 1938. Esse nascimento do herói moderno era fruto das revistas *Penny dreadfuls*, das *dime novels*¹⁵, dos jornais e das histórias lendárias e mitológicas perpetuadas até então (Robb, 2017).

Super-heróis como o Super-Homem passaram a sobrevoar o rádio durante sua “Era de Ouro”, quando de acordo com Cardoso (1998), muitos heróis se popularizaram através de radionovelas e seriados, que davam forma e características aos personagens por meio da narração, das falas, da musicalização, da sonoplastia e até mesmo pelo silêncio da trama, o que gerava no ouvinte uma viagem na própria imaginação.

Segundo Cardoso (1998), na década de 1930 foi realizada uma pesquisa nos Estados Unidos, que revelou que 65% dos ouvintes de rádio preferiam comédias, destacando-se artistas como Eddie Cantor, Bob Hope e Jimmy Durante, provenientes de teatros de variedades e clubes

¹⁵ Romance barato (tradução livre)

noturnos. Os programas musicais ocupavam o segundo lugar em audiência. Nesse período, o noticiário radiofônico atingiu grande popularidade, atraindo colunistas sociais, a exemplo de Walter Winchell, que migravam dos jornais para o rádio. Desafios, painéis de participação e sorteios grandiosos também eram apreciados pelo público.

No entanto, a maior devoção era reservada para as novelas radiofônicas, conhecidas como “soap operas”¹⁶ devido ao patrocínio das fábricas de sabão. Essas novelas atingiram seu ápice quando as donas de casa passaram a ouvi-las diariamente por até sete horas consecutivas. Os programas mais populares eram os de aventuras, crimes e suspense, apresentando detetives, policiais, agentes federais, vaqueiros e mascarados. Esses seriados continuaram a ser uma tendência, e no final dos anos 1940, a NBC oferecia vinte deles, sendo “O Sombra” e “Superman” alguns dos mais sintonizados entre o público americano (Cardoso, 1998, p. 2).

As séries de rádio não tinham figuras, os quadrinhos, nenhum som e, assim como os quadrinhos substituíram o som que faltava por palavras onomatopaicas, balões e símbolos, os estúdios de sonoplastia buscavam criar a ilusão de uma imagem por efeitos musicais e sonoros apropriados. O rádio providenciava o som, qualquer que fosse, o ouvinte usava a imaginação. O quadro que o ouvinte construía tinha o grau de sofisticação que ele quisesse. Mesmo que o palco sonoro ficasse por segundos em silêncio, ele construía uma cena perfeita dentro da trama que seguia no pensamento, vendo o acontecimento, a situação, o personagem ou o cenário da melhor forma que ele desejaria que fosse. Isso nem o desenho, nem a televisão, nem o cinema podia fazer, uma vez que já eram obras completas. (Cardoso, 1998, p. 01)

O rádio foi o meio de sobrevivência e de popularização de muitos personagens de super-heróis, como aconteceu com o Superman criado em 1938, por Jerry Siegel e Joe Shuster, como HQ para a Action Comics¹⁷. Teve sua estreia no rádio no dia 12 de fevereiro de 1940, numa segunda-feira, o Superman fez seu primeiro voo pelos EUA através das ondas hertzianas da emissora da ABC, com patrocínio da companhia de prêmios Hecker H. O. Oates. Com isso, o personagem adquiriu as características do mito do Homem de Aço, criou-se sua famosa frase “Mais rápido que um avião, mais poderoso que uma locomotiva, impenetrável às balas. Olhe! Lá em cima, no céu! É um pássaro? É um avião? É o Superman! ” Além de popularizar e propagar seu personagem e suas histórias, para milhões de expectadores. (Cardoso, 1998)

¹⁶ Seriados/ novela do sabão.

¹⁷ Revista em quadrinhos publicada pela editora norte-americana DC Comics.

Figura 4 - Propaganda impressa da série radiofônica do Superman



Fonte: Site Antimonitor HQs. Disponível em: <<http://antimonitorhqsv1.blogspot.com/2018/08/ouca-la-no-radio-as-aventuras-do.html>>. Acesso em: 15 de março de 2024.

Já no Brasil, Cardoso (1998) menciona que os brasileiros sempre tiveram um interesse especial por narrativas de detetives. Essa preferência foi explorada como meio de difusão em massa nas décadas de 1910 a 1950, por meio de diversas publicações em jornais, revistas especializadas e até mesmo no rádio, através de séries policiais. Exemplificando, a Rádio Nacional apresentava a “Novela Policial” e “Aventuras de Sérgio Rubens”; a Mayrink Veiga trazia “Abra em nome da lei” e “Nas garras da lei”; a Tupi transmitia “Defensores da Lei” e diariamente as “Aventuras de Rafles”; e a Globo exibia “Mandrake”.

As séries de rádio não apresentavam elementos visuais, enquanto os quadrinhos careciam de componentes sonoros. Da mesma forma como os quadrinhos suplantavam a ausência de som por meio de palavras onomatopaicas, balões e símbolos, os estúdios de sonoplastia no rádio procuravam criar a ilusão de imagens, utilizando efeitos musicais e sonoros apropriados. No contexto radiofônico, o som era providenciado independentemente de sua natureza, incentivando o ouvinte a recorrer à sua imaginação (Cardoso, 1998).

O cenário mental construído pelo ouvinte refletia o nível de complexidade que ele desejava. Mesmo quando o palco sonoro permanecia em silêncio por breves momentos, o ouvinte conseguia elaborar uma representação mental perfeita, alinhada com a trama que se

desenrolava em seus pensamentos. Ele visualizava os acontecimentos, a situação, os personagens ou os cenários da maneira que melhor correspondesse às suas preferências. Essa capacidade de construção mental de imagens era única, proporcionando ao ouvinte a oportunidade de participar ativamente na elaboração da narrativa radiofônica (Cardoso, 1998).

A era dourada das séries radiofônicas brasileiras, possivelmente entre 1943 e 1959, teve seu início com “As Aventuras do Vingador” e um encerramento destacado com “Jerônimo, o herói do sertão”. Embora produções como “Buck Rogers” e “Annie, a pequena órfã” já estivessem em cena desde 1940, foi durante esse período que séries como “O Vingador”, “Tarzan”, “O Sombra”, “Capitão Atlas”, “Aventuras do Anjo” e “Jerônimo” marcaram gerações. Dessas, apenas as três últimas se sobressaíram por ambientar suas histórias no Brasil, abordando temas nacionais com protagonistas locais (Cardoso, 1998).

Dentre os títulos citados acima, deve-se enfatizar “Jerônimo, o herói do sertão”, que, de acordo com Morgado e França (2020), transpassou as ondas hertzianas, tornando-se em 1957 histórias em quadrinhos e, posteriormente, novela televisiva. A radionovela do super-herói foi ao ar pela primeira vez em dezembro de 1952, contando com o patrocínio do Melhoral da Sidney Ross. As transmissões ocorriam diariamente às 18h35min e o enredo era inspirado nas narrativas de cowboys dos Estados Unidos. Montado em seu cavalo chamado Príncipe, Jerônimo enfrentava desafios ao lado de seu fiel escudeiro, o Moleque Saci, e de sua noiva, Aninha, na luta para proteger os pobres e oprimidos. Um dos adversários frequentes era o Caveira, um capanga cruel e poderoso, que contava com a assistência do malvado e atrapalhado Chumbinho.

Figura 5 - Propaganda impressa da radionovela Jerônimo: O Herói do Sertão



Fonte: Blog Balsamo História. Disponível em: <<https://balsamohistoria.blogspot.com/2019/09/nos-tempos-do-radio-jeronimo-o-heroi-do.html>>. Acesso em: 15 de março de 2024.

Havia também a música de abertura do programa, intitulada “A toada de Jerônimo”, de Getúlio Macedo e Lourival Faissal. “*Quem passar pelo sertão vai ouvir alguém falar do herói desta canção que venho aqui cantar. Se é pro o bem, vai encontrar um Jerônimo protetor, se é pro mal vai enfrentar Jerônimo lutador*” (Cardoso, 1998, p. 8).

Ainda conforme Cardoso (1998), foram produzidas 96 novelas de rádio com 3.276 capítulos sobre Jerônimo. Três novelas para TV com 499 episódios, uma peça de teatro, um disco, um filme, 93 revistas e três almanaques anuais em 1958, 1959 e 1960. Considerando-se, assim, o personagem de super-herói brasileiro de ficção popular mais popular em meados do século XX.

Mesmo em um período primário da tecnologia, nota-se que as narrativas dos super-heróis fluíam entre meios impressos (HQ), cinema, o rádio e a TV, como forma de ampliação das aventuras, para o consumo dos fãs. Enquadra-se, portanto, no que anos depois dessas aventuras dos super-heróis pelo rádio, Jenkins (2003), Gosciola (2012), Kinder (1993) definem como *transmídia*, quando uma narrativa aparece em múltiplas plataformas.

Os leitores de HQs passavam a ser ouvintes, como também os ouvintes visualizavam seus personagens, aguçando assim, no espectador, todos os sentidos que o faziam ouvir, ver e tocar. Para Scolari (2013, p. 31), existem duas coordenadas que definem as narrativas *transmídia*: “1) expansão do relato através de vários meios; 2) colaboração de usuários nesse processo expansivo.”

Deste modo, os personagens de super-herói adentravam o imaginário do público por diversos meios, alcançando a admiração entre o público. Como aconteceu com o objeto de estudo desta dissertação, *As Aventuras do Flama*.

2.5 As Aventuras do Flama: uma novela de aventura em meio ao melodrama

Em 1961, passou a circular pelas ruas e serras do interior da Paraíba, através da Rádio Borborema, um super-herói de traje vermelho e máscara que cobria os olhos: o Flama. A radionovela *As Aventuras do Flama* foi uma produção eminentemente campinense, transmitida no início da década de 1960, pela Rádio Borborema, costumeiramente por volta das 14h de segunda a sexta-feira. O programa possuía apresentação do seu próprio criador, Deodato Borges, que narrava as aventuras protagonizadas pelo super-herói. Deodato atuava como narrador das aventuras e, ao longo do capítulo, realizava jogos e distribuía brindes para os ouvintes, cativando fortemente o público infantojuvenil da época (Magalhães, 2012).

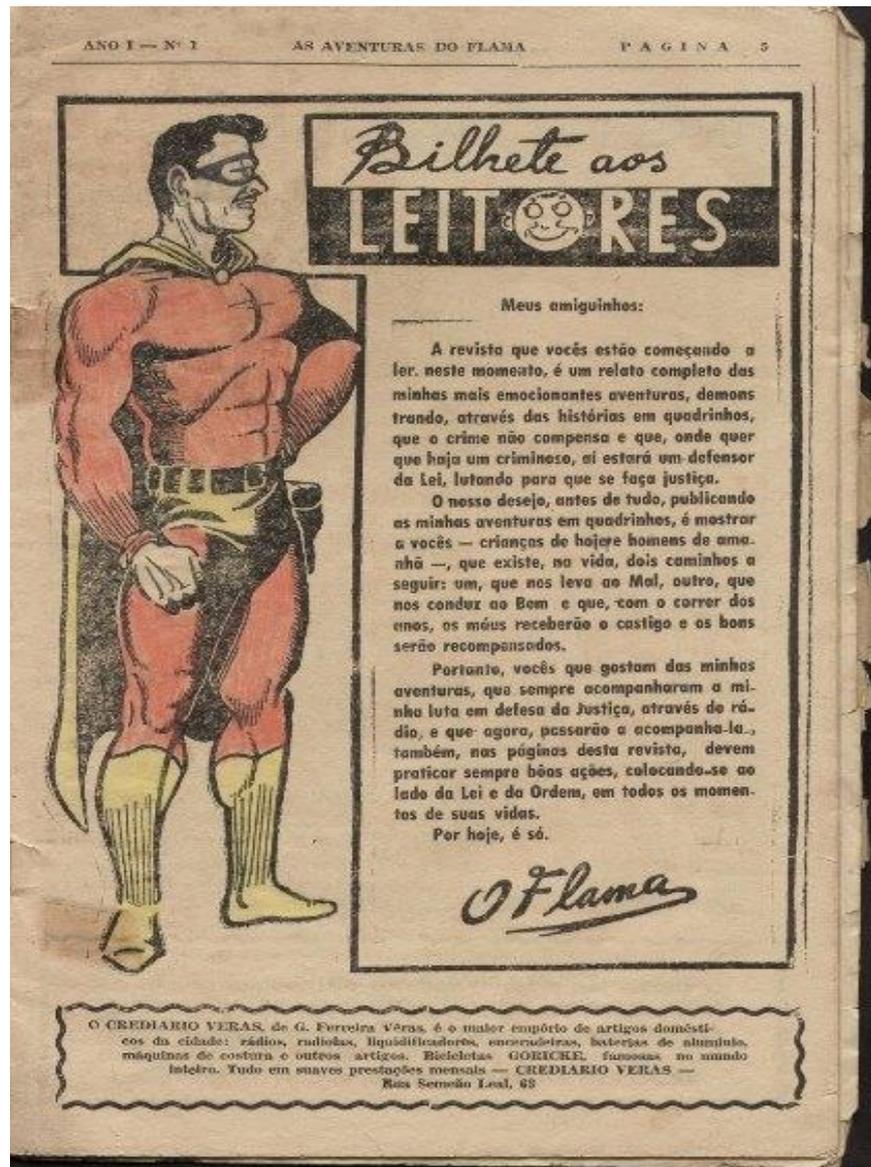
A referência mais antiga que se tem dos quadrinhos paraibanos remonta ao ano de 1963, quando Deodato Borges lançou a revista *As Aventuras do Flama*. Impressa em clichê, o tradicional sistema de impressão “a quente”, a publicação de uma revista nesse processo era algo, além de trabalhoso, muito caro. [...] A revista do Flama foi lançada para presentear o público, tornando-se imediatamente um grande sucesso. Segundo Deodato, o programa tinha um índice de audiência próximo dos 100%, o horário da novela foi alterado, pois as crianças só iriam à escola após o Flama resolver mais um caso (Aldaci Junior, 2006 *apud* Magalhães, 2012, p. 23–24).

O enredo da novela tinha um cunho de aventura policial, no qual o super-herói — o Flama — salvava a cidade de todo perigo. Magalhães (2012) afirma que, além da inspiração em Jerônimo, o Flama possuía raízes no herói O Fantasma (*The Spirit*), de Will Eisner, com o uso de uma máscara e com as habilidades físicas e as deduções intelectuais para solucionar os problemas, crimes e atentados à ordem da sociedade. Mike Deodato¹⁸, filho de Deodato Borges, em vídeo para o canal do YouTube “Mundo do Oráculo Nerd”, descreveu o Flama como: “um Batman de Campina Grande”, já que não possuía superpoderes como o Super-Homem, mas tinha habilidades de deduções e de lutas marciais para combater os vilões. Além disso, era dotado de uma honra inabalável e uma boa conduta, sempre defendendo os que precisavam de proteção, como o personagem do Capitão América (Mundo do Oráculo Nerd, 2018).

Sua aparência se enquadrava perfeitamente no arquétipo de super-heróis, pois era um homem viril, vestido em um traje que lhe permitia utilizar os apetrechos necessários em seus combates, bem como uma capa e uma máscara, para esconder sua identidade (Magalhães, 2012).

¹⁸ MUNDO do Oráculo Nerd. Entrevista Mike Deodato — O artista da Marvel fala sobre o Flama, um dos primeiros heróis nacionais. YouTube, 2 de set. de 2018. Disponível em: <<https://youtu.be/IpcjBo91bzE>>. Acesso em: 7 jun. 2022.

Figura 6 - Bilhete aos leitores impressa na revista de HQ do personagem.



Fonte: Blog Retalhos de Campina. Disponível em: <<https://cgetalhos.blogspot.com/2016/01/o-flama-heroi-genuinamente-campinense.html>>. Acesso em: 15 de março de 2024.

Para melhor descrever o personagem, há um trecho de 21 minutos de um capítulo do programa, quando o mesmo foi readaptado para a Rádio Caturité, publicado na plataforma do YouTube, pelo canal *O Flama by Deodato Borges*, em 10 de setembro de 2014. Neste episódio, o herói vive aventura em alto-mar juntamente com sua noive Eliana, Bolão e Luizinho, além de seu companheiro de luta, o Comissário. Então, como um prenúncio do que será transmitido pela emissora, inicialmente, uma música forte precede o locutor de voz grave que anuncia:

A partir deste momento, a Rádio Caturité apresenta: As Aventuras do Flama. O mais empolgante seriado já escrito para o rádio. A luta incansável de um homem em defesa

da lei e da justiça. As Aventuras do Flama, uma novela original de Deodato Borges para o patrocínio exclusivo do mundo dos chocolates (Flama By Deodato Borges, 2014).

Após isso, o narrador informa ao ouvinte quem é o Flama:

Um dia, uma criança assistiu horrorizada aos seus próprios pais tombarem ao chão sem vida, sob o impacto de balas assassinas. Esta criança, chorando, jurou que haveria de dedicar toda a sua vida num combate sem tréguas aos criminosos. Cresceu, tornou-se homem, aprendeu todos os segredos de todas as modalidades de luta, desenvolveu o seu físico de maneira espantosa, passou a dominar os grandes mistérios da ciência. E, assim, transformado num verdadeiro super-homem, iniciou a sua luta contra o crime, conhecido por todos como o Flama (Flama By Deodato Borges, 2014).

Nesse episódio em específico, o Flama está retornando de uma viagem com sua noiva, Eliana, após receber o título de cidadão do mundo por salvar o mundo de invasores. Enquanto está sendo recebido pelo amigo/parceiro de luta, o Comissário, percebe a primeira página do jornal que noticia um ataque marítimo de uma suposta serpente marinha a dois pescadores em alto mar. Então, eles começam a discutir a veracidade da história até que mais personagens entram na narrativa, Bolão e Luizinho, dois rapazes atrapalhados que estão sob responsabilidade do Flama e contam sobre a recente aparição da serpente para centenas de pessoas. Após isso, Flama, sua noiva Eliana e o Comissário começam a investigar o ocorrido, porém, o super-herói ainda parece incrédulo com os relatos até que a base naval entra em contato e repassa mais um ataque (Borges, 2014).

Como registrado por Magalhães (2012) e destacado por Brito (2018), as aventuras do super-herói não se limitaram ao rádio, mas também acontecerão através de histórias em quadrinhos também desenhadas pelo seu criador, Deodato Borges, publicadas em 1963. De acordo com estes mesmos autores, esta revista de quadrinhos é considerada a pioneira obra do gênero no Nordeste, impulsionando o fenômeno dos quadrinhos na Paraíba. Além de apresentar um dos primeiros super-heróis brasileiros, a publicação não apenas inaugurou essa forma de entretenimento na região, mas também contribuiu para a consolidação do gênero no cenário cultural local.

Diante disto, é possível compreender que o objeto de estudo apresentado transcorre as ondas hertzianas do rádio, como também transcendem entre múltiplas abordagens seja como agente cultural, mídia local, história dos HQs ou até mesmo da radiofonia. Por isso, cabe aqui explicar melhor os métodos e as fontes utilizadas no trabalho.

Para melhor descrever o personagem, há um trecho de 21 minutos de um capítulo do programa, quando o mesmo foi readaptado para a Rádio Caturité, publicado na plataforma do YouTube, pelo canal *O flama by Deodato Borges*, em 10 de setembro de 2014. Neste episódio, o herói vive aventura do em alto-mar juntamente com sua noiva Eliana, Bolão e

Luizinho, além de seu companheiro de luta, o Comissário. Então, como forte prenuncio do que será transmitido pela emissora, inicialmente, uma música forte precede o locutor de voz grave que anuncia:

A partir deste momento, a Rádio Caturité apresenta: As Aventuras do Flama. O mais empolgante seriado já escrito para o rádio. A luta incansável de um homem em defesa da lei e da justiça. As Aventuras do Flama, uma novela original de Deodato Borges para o patrocínio exclusivo do mundo dos chocolates (Flama By Deodato Borges, 2014).

Após isso, o narrador informa ao ouvinte quem é o Flama:

Um dia, uma criança assistiu horrorizada aos seus próprios pais tombarem ao chão sem vida, sob o impacto de balas assassinas. Esta criança, chorando, jurou que haveria de dedicar toda a sua vida num combate sem tréguas aos criminosos. Cresceu, tornou-se homem, aprendeu todos os segredos de todas as modalidades de luta, desenvolveu o seu físico de maneira espantosa, passou a dominar os grandes mistérios da ciência. E, assim, transformado num verdadeiro super-homem, iniciou a sua luta contra o crime, conhecido por todos como o Flama (Flama By Deodato Borges, 2014).

Nesse episódio em específico, o Flama está retornando de uma viagem com sua noiva, Eliana, após receber o título de cidadão do mundo por salvar o mundo de invasores. Enquanto está sendo recebido pelo amigo/parceiro de luta, o Comissário, percebe a primeira página do jornal que noticia um ataque marítimo de uma suposta serpente marinha a dois pescadores em alto mar. Então, eles começam a discutir a veracidade da história até que mais personagens entram na narrativa, Bolão e Luizinho, dois rapazes atrapalhados que estão sob responsabilidade do Flama e contam sobre a recente aparição da serpente para centenas de pessoas. Após isso, Flama, sua noiva Eliana e o Comissário começam a investigar o ocorrido, porém, o super-herói ainda parece incrédulo com os relatos até que a base naval entra em contato e repassa mais um ataque (Borges, 2014).

Como registrado por Magalhães (2012) e destacado por Brito (2018), as aventuras do super-herói não se limitaram ao rádio, mas também acontecerão através de histórias em quadrinhos também desenhadas pelo seu criador, Deodato Borges, publicadas em 1963. De acordo com estes mesmos autores, esta revista de quadrinhos é considerada a pioneira obra do gênero no Nordeste, impulsionando o fenômeno dos quadrinhos na Paraíba. Além de apresentar um dos primeiros super-heróis brasileiros, a publicação não apenas inaugurou essa forma de entretenimento na região, mas também contribuiu para a consolidação do gênero no cenário cultural local.

Diante disto, é possível compreender que o objeto de estudo apresentado transcorre as ondas hertzianas do rádio, como também transcendem entre múltiplas abordagens, seja como

agente cultural, mídia local, história dos HQs ou até mesmo da radiofonia. Por isso, cabe aqui explicar melhor os métodos e as fontes utilizadas no trabalho.

3 ATÉ OS CONFINES DA MEMÓRIA DO RÁDIO CAMPINENSE

3.1 Memória como fonte de estudo

Para adentrar na história do rádio em Campina Grande, é necessário aventurar-se pelos caminhos da metodologia da História Oral com auxílio da Análise Documental, a fim de conectar-se ao único elo entre o presente e o passado que sobrevive por meio das memórias das pessoas que viveram o início da década de 1960, quando a radionovela “As Aventuras do Flama” foi transmitida. Assim, neste estudo, a memória será a ferramenta norteadora de todo o corpus do trabalho, coletada por meio dos relatos de indivíduos que de alguma forma recordam-se desse contexto temporal, sejam eles ex-radialistas, ouvintes ou até mesmo pesquisadores, auxiliados por arquivos em acervos públicos e pessoais.

Mas o que faz da memória o principal aparato desta pesquisa?

Bem, a memória pode ser compreendida a partir de diversos estudiosos e pensadores dos campos das Ciências Sociais e Humanas, bem como de contextos históricos e sociais. Para esta pesquisa, cabe utilizar o conceito proposto por Le Goff (1990, p. 477), que a entende como um “elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.”

Maurice Halbwachs (1990) argumenta que a memória se desenvolve a partir das experiências de grupos sociais específicos; dessa forma, a memória individual se configura como um ponto de vista da memória coletiva. Com uma natureza afetiva e encantada, composta por lembranças vagas, flutuantes, particulares e simbólicas, ela é sensível a todas as transferências, cenas, censuras e projeções. Sendo múltipla, dilacerada, coletiva, plural e individualizada, ela é sempre uma expressão de identidades, não sendo unívoca, mas sim plural e inter-relacional. Na memória, há um infinito no qual se entrecruzam tempos diversos; contudo, diante dessa vastidão, apenas fragmentos são registrados.

As memórias podem se apresentar de forma coletiva ou individual, por um único indivíduo ou por membros de uma sociedade, sendo uma interdependente da outra, pois para um indivíduo recordar seu próprio passado, ele se apoia em lembranças e aspectos sociais e nas lembranças de outros indivíduos. Da mesma maneira, para a composição de uma memória coletiva, são necessárias várias lembranças individuais em um mesmo tecido social (Halbwachs, 1990).

Halbwachs (1990) ainda argumenta que através das recordações é possível reviver situações passadas, buscando manter conexão com o passado no contexto de ideias e imagens atuais, ressaltando que o ponto de vista do narrador, sobre os eventos do passado, os transforma. Pois “no centro da memória de um grupo estão as recordações dos eventos e experiências que afetam a maioria dos seus membros, provenientes tanto de suas próprias vidas quanto de suas interações com grupos próximos” (Halbwachs, 1990, p. 45).

Assim, os eventos, processos, materiais e arquivos externos servem como memória, transcendem o tempo de vida individual, incluindo histórias de família, tradições e narrativas de amigos, que transcendem as histórias de experiências coletivas e moldam as identidades. Portanto, ao coletar memórias, mesmo que individuais, é possível explorar o contexto social, cultural e histórico ao qual ela pertence. Sendo um elo entre presente e passado, para a construção da história do rádio em Campina Grande e pelo qual este trabalho se valerá para a construção do corpus da pesquisa, a partir de relatos, lembranças e histórias contadas por quem viveu o período áureo do rádio na cidade. Uma vez que, de acordo com Bosi (1994, p. 53), “a lembrança é sobrevivência do passado”.

Desse modo, para galgar os objetivos apresentados nesta dissertação, percebeu-se que o objeto de estudo emerge de uma realidade com poucos subsídios para a execução de métodos como uma análise de conteúdo, estudo de recepção ou pesquisa documental. Optando assim por adotar a metodologia de História Oral (HO) para acessar as memórias individuais de radialistas, ouvintes e fãs para compor a uma memória coletiva das Aventuras do Flama.

3.1.1 História Oral

A História Oral, enquanto metodologia, carrega consigo diversas maneiras de aplicação e até mesmo conceitos variados. Meihy e Holanda (2015), em seu livro “História Oral: Como Fazer, Como Pensar”, apresentam algumas dessas definições. Freitas (2002, p. 19) afirma que a “história oral tem como principal finalidade criar fontes históricas.” Já Verena (2004, p. 27) compreende que “a metodologia de história oral é bastante adequada para o estudo da história de memórias, isto é, de representações do passado”. Paul Thompson, a quem se atribui a introdução do método, define da seguinte maneira:

A história oral é uma narrativa construída em torno de pessoas. Ela incorpora a vida à própria trama histórica, ampliando assim seu campo de atuação. Admite protagonistas não apenas entre os líderes, mas também entre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem colaboradores no processo de construção do conhecimento. Introduz a história na comunidade e extrai a história de

dentro dela. Contribui para ajudar os menos favorecidos, especialmente os idosos, a conquistarem dignidade e autoconfiança. Facilita o contato — e a compreensão — entre diferentes classes sociais e gerações. Para cada historiador e outros que compartilhem dessas mesmas intenções, ela pode proporcionar um sentimento de pertencimento a um lugar e a uma época específicos. Em resumo, contribui para a formação de seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral desafia os mitos estabelecidos da história e o julgamento autoritário inerente à sua tradição. Ela oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história (Thompson, 1992, p. 44).

Verena Alberti (2004) salienta que o uso da História Oral possibilita o acesso a “histórias dentro da História”, visto que as narrativas coletadas serão sempre visões ou versões subjetivas da realidade vivida, oferecendo à quem pesquisa o poder de interpretar, explicar e compreender a história. O estudo dá a oportunidade de aumentar e aprofundar as perspectivas sobre o objeto de estudo.

Portelli (2016), em seus estudos sobre História Oral, evidencia que o ato de escutar é uma arte que se baseia em um conjunto de relações de diálogo, memória, história na perspectiva das testemunhas, oralidade da fonte e escrita do historiador.

Tudo isso demonstra que a história oral é uma arte da escuta, uma arte baseada em um conjunto de relações: 1. A relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo); 2. A relação entre o discurso e o tempo na entrevista e o diálogo (memória); 3. A relação entre a história pública e privada, entre as esferas, digamos, pública e privada, e entre as diferentes perspectivas das testemunhas; 4. A relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador (Portelli, 2016, p. 12).

Para Carneiro (2012, *apud* Branco, 2020), a História Oral é uma relevante ferramenta na investigação das transformações e mudanças sociais, possibilitando a visualização de valores culturais, espirituais e comunitários empregados por determinado grupo de pessoas.

Ao tratar de um grupo, uma cultura, uma sociedade ou da coletividade, o uso da História Oral se constrói diretamente a partir das experiências e subjetividades que interligam uma pessoa à outra, baseadas nas identidades construídas pelas memórias contadas em relação à comunidade. Desse modo, os narradores são autênticos, por agirem a partir de suas vontades pessoais, biológicas e das influências do meio em que vivem, relacionando-se entre si e construindo uma identidade em comum (Meihy; Holanda, 2015).

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (Thompson, 1992, p. 17).

Desta forma, a oralidade é interdisciplinar, empregando diferentes meios para estimular a memória, tais como lembranças, músicas, fontes iconográficas, documentos

escritos, entre outros. Esse método envolve um planejamento estruturado de perguntas e técnicas para colher informações, estimulando a evocação de memórias.

Essa metodologia recorre à memória como fonte principal que a subsidia e alimenta as narrativas que constituirão o documento final, a fonte histórica produzida. Portanto, a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para produção do conhecimento histórico. Traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento, o tempo passado, e sobre a época (Delgado, 2007, p. 99).

Portanto, a memória representa a substância primordial ou a base essencial na edificação da História Oral. Ela se configura como o vínculo ininterrupto entre o passado e o presente, mantendo-se sempre relevante e proporcionando insights para reflexões e desenvolvimentos teóricos e metodológicos.

De acordo com Nora (1993):

A memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...] (Nora *apud* Delgado, 2007, p. 199)

Sabendo da falta de arquivamento e registros da radionovela “As Aventuras do Flama”, cabe, portanto, recorrer à memória, esse elo entre o presente momento de construção desta dissertação e a década de 1960, quando foi transmitida pela Rádio Borborema. A História Oral auxiliará no acesso às informações por meio de uma execução rigorosa. Desde o início da elaboração deste projeto, em 2022, tem-se pensado e debatido sobre os entrevistados que poderiam contribuir, a formulação das entrevistas, o processamento dos testemunhos coletados e a transcrição dos diálogos para os resultados analíticos. Este último requer maior atenção, uma vez que deve ser criteriosamente auxiliado por uma base documental que fundamente os relatos coletados (Meihy; Holanda, 2015).

3.1.2 Análise Documental

Embora a História Oral seja a principal metodologia utilizada para obtenção de resultados deste trabalho, é válido ressaltar o auxílio do acervo do Diário da Borborema para composição e contextualização das lembranças coletadas. Baseando-se no trabalho de Schudson (2010), que entende o jornalismo como veículo e agente da memória social por expor o cotidiano das pessoas, sobretudo os acontecimentos de uma comunidade. De acordo com

Ribeiro (2000), o jornalismo se articula com o indivíduo sobre seu passado e participa ativamente do reflexo do dia a dia.

Para melhor compreender as edições do diário, optou-se por uma análise documental, que difere do método de pesquisa documental. Segundo Lüdke e André (1986, p.38), a análise documental trata-se de “uma técnica exploratória, indicando problemas que devem ser mais bem explorados através de outros métodos”. Inferindo-se que “A análise documental visa identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse” (Caulley *apud* Lüdke e André, 1986, p. 38).

3.2 Definição do corpus de análise e limitações metodológicas

Inicialmente, para a elaboração deste corpus, foram consideradas as memórias narradas pelos ouvintes de "As Aventuras do Flama". Os indivíduos poderiam ser distintos quanto ao gênero, idade e classe social, o que tornaria mais difícil o cruzamento de informações. Com o andamento das pesquisas, verificou-se que não seria possível descrever "As Aventuras do Flama" por completo, pois não há nenhum arquivo a seu respeito.

Assim, optou-se por realizar entrevistas com os seguintes perfis: pesquisador, radialistas e ouvintes. O primeiro ajudará na compreensão do contexto temporal em que a cidade e o rádio viviam de 1960 a 1963; o segundo tratará diretamente com quem esteve por trás dos microfones, fazendo as aventuras acontecerem; e o terceiro auxiliará na percepção da comunidade campinense a respeito da radionovela.

Para controle e direcionamento na execução das entrevistas, foram produzidas fichas catalogadas nos apêndices ao final deste trabalho. De acordo com Meihy e Holanda, 2015, os projetos de História Oral devem ser seguidos de fichas de controle afim de identificar a situação da entrevista, sobre o entrevistado e sobre o processo da entrevista. Posto isto, foram produzidos três roteiros para cada perfil de entrevistadas, neles são apresentados uma ficha social para o preenchimento de dados acerca do entrevistado: nome, idade, profissão, endereço, contato e a data da entrevista.

Adiante, cada roteiro é identificado a partir dos perfis de fontes para os quais serão utilizados, o roteiro formulado para Ouvintes/Espectadores da radionovela *As Aventuras do Flama* ou da RB (apêndice D), são elencados em três eixos: o perfil dos ouvintes, com o objetivo de conhecer quem era o ouvinte durante a transmissão da radionovela; a trama, para capturar resquícios da narrativa nas memórias; e por fim, a escuta e a vivência, compreendendo assim um pouco da vivências dessas pessoas com o rádio durante o contexto temporal estudado.

Para as entrevistas com os radialistas/ produção da radionovela *As Aventuras do Flama* concerniu em perguntas categorizadas pelos seguintes eixos: Conhecendo os radialistas, que imergia na vida e da contribuição desses profissionais na radiofonia campinense; a trama, que enfoca no objeto de estudo que é a radionovela, e a produção e a sociedade, que teve como interesse entender como essas fontes eram aceitas na sociedade e a relação entre rádio e a cidade de Campina Grande.

Por último, o roteiro mais particularizado dirigido para a entrevista com o filho de Deodato Borges, Mike Deodato. Para melhor direcionamento, foram elencados eixos a respeito da própria fonte e sobre Deodato Borges, a relação da fonte com a narrativa do Flama e sua visão enquanto profissional da área de Histórias em Quadrinhos. Assim, os eixos divididos da seguinte forma: Sobre Mike Deodato; Sobre Deodato Borges; Sobre *As Aventuras Do Flama*; e Olhar sobre *As Aventuras Do Flama*.

A execução da metodologia aconteceu com o auxílio das tecnologias: WhatsApp, e-mail e ligação. Tem-se a pretensão de viabilizar os encontros presenciais durante os meses de janeiro e fevereiro, conforme indicado no Quadro 9.

Quadro 3 - Lista de fontes.

NOME	PERFIL
Gilson Souto Maior ¹⁹	Pesquisador/Radialista
Wesley Farias	Pesquisador/Fã
Eraldo Cesar	Radialista
Francisco de Assis	Radialista (operador)
Luis Aguiar	Radialista/ Ouvinte
Luis Custódio Silva	Ouvinte
Mike Deodato	Filho do criador/ouvinte
Maria de Lourdes	Ouvinte

Fonte: Autora (2024).

¹⁹ Professor, radialista, escritor e ex-professor do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo. Souto Maior deu seus primeiros passos no rádio em 1965 na Rádio Caturité, como radioator. Com experiência por trás dos microfones, ingressou na primeira turma do curso de Comunicação Social da Universidade Regional do Nordeste (URNE), que se tornou posteriormente a UEPB, em 1973. Logo se tornou professor do departamento, conciliando seu trabalho acadêmico com sua carreira como jornalista em emissoras de rádio e TV de Campina Grande. Em 2015, lançou o livro intitulado "Rádio: História e Radiojornalismo" e, em 2023, "História da Imprensa na Paraíba – Jornais e Revistas". O professor Gilson colaborou com memórias, arquivos e indicações de fontes durante toda a pesquisa.

Compreendendo a relevância do rádio para a sociedade durante as décadas de 1950 e 1960, visitou-se o acervo do Jornal Diário da Borborema nos dias 5 e 6 de maio de 2022, entre os períodos da manhã e tarde, preservado pela Biblioteca de Obras Raras Atila Almeida, da UEPB. A escolha de analisar o Diário da Borborema justifica-se pelo fato de que o jornal impresso faz parte do mesmo conglomerado de comunicação que a Rádio Borborema, Diários e Emissoras Associadas pertencentes a Assis Chateaubriand. O Diário começou a circular na cidade de Campina Grande em 1957, quando a emissora de rádio já estava instalada e com boa aceitação na região. Dessa forma, era publicado esporadicamente colunas sobre as notícias do rádio, primeiro intitulada *Rádio em Revista*.

Com o sucesso da RB na região, o Diário da Borborema inaugurou a coluna “Coisas do Rádio” em seu caderno de Sociedade em 18 de novembro de 1958, divulgando notícias sobre os artistas e o meio radiofônico. Durante as leituras, observou-se que antes da efetivação dessa coluna no diário, houve tentativas de noticiar algum material sobre o universo do rádio, porém sem nenhuma constância, como a coluna intitulada “Rádio em Revista”.

No geral, foram contabilizadas cerca de 163 publicações da coluna “Coisas do Rádio” desde sua data inicial até 26 de março de 1960. A coluna possuía uma espécie de imagem como título, com cerca de duas a três colunas pequenas, encaixadas no meio do caderno Sociedade, ao lado das colunas de Cinema, Encruzilhadas e Contos.

Figura 7 - Coluna Coisas do Rádio



Fonte: Acervo Diário da Borborema.

4 O VÔO DA RÁDIO BORBOREMA

4.1 O papel de mídia local da Rádio Borborema

Todo personagem de super-herói tem sua origem, aquilo que originou seu superpoder ou um passado que despertou sua vontade de fazer justiça, aqui para se conhecer e compreender a radionovela *As Aventuras do Flama*, será preciso adentrar no ambiente da Rádio Borborema em Campina Grande nas décadas de 1950 e 1960. Dessa forma, será possível perceber o papel da RB mediante a sociedade local, quiçá nacional, da época, pois, como é sabido, a emissora fazia parte do conglomerado dos Associados, pertencente a Assis Chateaubriand.

Toda noite tinha um show no palco da Rádio Borborema, que era apresentado por locais, programas escritos pelo Fernando Silveira, *Aquarela do Brasil*, por exemplo, programas sertanejos, aí apresentava no palco, né? E havia uma pulga na camisola, essa era de Max Nunes, escrevia na rima, aí, sim, eu adaptava. Eu é que escrevia tudo, criava os tipos locais, viu? Mas a programação era em cima de uma rede associada, né? De Assis Chateaubriand. Pois bem, 23 emissoras me parece, naquele tempo, além de jornais e revistas. Isso era uma rede de participantes. Quando iam lançar uma novela, eram todas ao mesmo tempo, todas as emissoras. E a única do interior do Brasil era a Rádio Borborema. As outras eram todas em capitais. (Cesar, 2024)

Portanto, a Rádio Borborema pode ser considerada uma mídia local para Campina Grande e cidades vizinhas?

O contexto histórico aqui trabalhado ocorre em meados do século XX, quando a economia passa a se basear na produção de bens industriais e em torno da informação, tudo era realizado a partir das necessidades e demandas. Assim, Lima (2008) compreende que neste primeiro momento de distribuição da informação houve a necessidade imediata de atender os interesses no âmbito de convivência social. Identificando ainda que, de acordo com Mercadé (1997), que a princípio o termo *localismo* é tratado como “subsidiariedade”, referindo-se que as informações maiores, globais, não invadem o âmbito que compete ao local. Destarte, embora fizesse parte da rede de Associados de Assis Chateaubriand, a Rádio Borborema possuía características e produções de interesse local. (Lima, 2008).

Esse conceito é visualizado na figura 8, em uma publicação da coluna jornalística *Coisas do Rádio* publicada no Diário da Borborema, no dia 26 de janeiro de 1960, nela está disposta a programação dominical da emissora associada. Ao longo da lista, é possível perceber alguns programas eminentemente locais com seus devidos produtores, enquanto os programas da rede associada estão sem os créditos pela produção. Percebe-se que os programas da casa

concernem a atrações de interesse cultural e social local, como programas de carnaval, poemas, cinema, curiosidades, resumo dos acontecimentos da semana e o auditório, que promovia concurso de calouros, brincadeiras e distribuições de brindes. Já os programas da rede Associada referem-se à música e notícias nacionais, sem que subtraíam os programas da casa.

Figura 8 - Coluna Coisas do Rádio – Programação dominical

14A — Terça-feira, 26 de Janeiro de 1960

Coisas do Rádio

NOVA PROGRAMAÇÃO — A Rádio Borborema lançou, ontem, com o mais absoluto sucesso, a sua nova programação do domingo, sob o título: **DESFILE DE ATRAÇÕES**, contando com a colaboração dos produtores associados. Para que os ouvintes possam acompanhar, doravante, a grande sequência de programas do **DESFILE DE ATRAÇÕES**, vamos publicá-la, abaixo, com seus respectivos títulos, horários e produtores:

7:00 — ABERTURA	11:55 — O SUCESSO DO MOMENTO
7:05 — CARNAVAL EM SUA CASA (Mac Dowell Holanda)	12:05 — RADIO-REPRISE
8:35 — SEMANASCOPE (Crônica de Deodato Borges)	12:35 — A VOZ DO LIBANO
8:40 — ANISIO CANTA	13:05 — PARADA DOS CAMPEÕES (Deodato Borges)
8:45 — ALBUM DE POEMAS (Deodato Borges)	13:35 — DOMINGO ALEGRE (Auditório, Pinto Lopes)
8:50 — MUSICAL DO AGRICULTOR (Deodato Borges)	15:05 — PASSATEMPO (Mac Dowell Holanda)
8:55 — O QUE VAI PELO CINEMA (Joel Carlos)	15:30 — TARDE ESPORTIVA S. JOÃO DA BARRA
9:05 — ESTE MUNDO CURIOSO (Genésio de Souza)	17:35 — SERENATA
9:10 — BRASIL EM RITMO DE SAMBA	18:05 — A VOZ DA PROFESSORA
9:15 — O RADIO EM REVISTA (Deodato Borges)	18:35 — A HORA LUTERANA
9:20 — MUSICA. MAESTRO!	18:50 — DEZ MINUTOS COM O REI DO BAIÃO
9:25 — CURIOSIDADES EM DISCO (Joel Carlos)	19:05 — CARNAVAL DA SAUDADE
9:35 — ETERNO CARNAVAL	19:35 — EPOPEIA DO SAMBA (Deodato Borges)
9:40 — RECORTE DE JORNAL (Deodato Borges)	20:05 — JOIAS MUSICAIS
9:45 — ATRAÇÕES ESPORTIVAS (Deodato Borges)	20:35 — VELHAS VALSAS... VELHOS DOBRADOS
9:50 — ISTO É BAIÃO	21:05 — POEMAS DA NOITE (Deodato Borges)
9:55 — VITRINE DE DISCOS	21:35 — A SEMANA EM REVISTA (Deodato Borges)
10:05 — CLUBE PAPAÍ NOEL (Auditório, Eraldo Cesar)	22:05 — GRANDES CARTAZES POPULARES
11:35 — O NOME DO DIA	22:15 — SUPLEMENTO NOTICIOSO
11:40 — ECOS DO PASSADO	22:30 — CONCERTO NOS ESTADOS UNIDOS
11:45 — ENCONTRO COM MAYSA	23:30 — CARNAVAL NA ONDA
11:50 — NO TEMPO DAS VALSÁS	24:00 — ENCERRAMENTO

SUCESSO — Com uma programação assim, onde o ouvinte encontra de tudo um pouco, a Borborema conseguiu uma audiência espetacular aos domingos, merecendo assim, os nossos aplausos. Esperamos que o **DESFILE DE ATRAÇÕES** continue cada vez melhor, despertando sempre a atenção do público campinense, que há muito tempo merecia uma programação neste feitio.

Ainda nesta lista, está o programa de auditório O Clube do Papai Noel, apresentado por Eraldo Cesar, aos domingos, por volta das 10:00hrs, durante o período de recesso escolar. O programa, voltado para o público infantil, era uma atração produzida para todas as emissoras associadas do país e enviado um roteiro para cada emissora para que fosse adaptado de acordo com o público. Seu Eraldo Cesar conta saudosamente que:

... Eu era apresentador, durante 10 anos do programa. O Papai Noel era um programa que existia na rede associada, né? Era dedicado à criançada pela manhã, no todo... em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza... aos domingos tinha O Clube do Papai Noel. Em Campina Grande era o César. Durante 10 anos, passaram pela minha mão, milhões de criancinhas nessa idade de 3 até 12 anos. [...] Nesse programa, que era o Clube do Papai Noel. Então, esse... O programa é apresentado pelos melhores animadores da rede, né? Como Rio, São Paulo... Porque trabalhar num estúdio fechado é uma coisa, mas num público é bem diferente. Eu me tornei mais conhecido por isso. Porque desses 10 anos que passei, o público me vendo, as crianças querendo, era o César. (Cesar, 2024)

Ainda dentro da temática de comunicação local, Garcia (1992 *apud* Lima, 2008) interpreta que é indispensável para o desempenho das redes de informação a complementariedade entre os fenômenos locais e globais. Havendo, portanto, um equilíbrio entre as pautas urgentes e aquelas profundamente enraizadas na vida dos cidadãos de uma comunidade. Neste sentido, na figura 10 é possível vislumbrar programas adaptados da rede associada para o público da RB, informativos locais, entretenimento feito com base na participação do público no auditório, como o Cidade se diverte, Expresso da Alegria, nos quais eram apresentados no auditório e reunia diversas pessoas, ou através de histórias enviadas dos ouvintes para a emissora, como o programa Histórias do Tio Iôô.

Figura 9 - Coluna Coisas do Rádio Janeiro de 1960

Coisas do RÁDIO

A nova programação no. torna da Rádio Borborema vem despertando o mais vivo interesse e os ouvintes da associada campinense são unânimes em aplaudir a grande iniciativa. Programas, como: MARMELADA, NAS MALHAS DA LEI, TEATRO DE COMÉDIAS, HISTÓRIAS DO TIO IÓIO, ONDE SE INSPIRA O POETA, ENQUANTO O MUNDO ESTÁ GIRANDO, CINEMA NO ESPAÇO, TEATRO DO OUTRO MUNDO, ATUALIDADES BORBOREMA e muitos outros, todos feitos à base de rádio-teatro, estão agradando plenamente. A CIDADE SE DIVERTE e EXPRESSO DA ALEGRIA superlotam auditórios e as novelas PAIXÃO DE CIGANO e PIEDOSA MENTIRA conquistam uma audiência nunca vista. Aos diretores da Borborema, os nossos parabéns.

—o—

Ontem, às 20,30 horas, foi apresentada mais uma audição do programa EXPRESSO DA ALEGRIA, sob o comando dos conhecidos animadores Paschoal Carrilho e Gilberto Patrício, com farta distribuição de brindes e muitas brincadeiras de auditorio. Genival Lacerda, "o senador do rádio", compareceu e foi muito aplaudido.

Instantâneos da Cidade

JANETE ALVES, a querida estrelinha do "Clube Papai Noel" e uma das mais perfeitas radiatrizes do "cast" associado, deixou definitivamente o rádio. Com-

Sanea

BALANÇO

DISPONÍVEL
Caixa e Bancos C M
REALIZÁVEL
Contas a Receber
(Consumidores)
(Prefeitura)

Aimoxarifado

Adiantamentos

IMOBILIZADOS
Imobilizações Técnicas
Imobilizações Financeiras

COMPENSADO
Compensações Ativas
DESPESAS
Despesas de Administração
Divisão de Estudos
Divisão Rede Água
Tratamento

Fonte: Acervo Diário da Borborema.

Ao passo que informações locais ora se opõem, ora se complementam com a globalização, elas também tendem se confundir, contudo, o local possui suas particularidades e de acordo com García (1999 *apud* Peruzzo 2005, p. 74), significa "aquilo que se pode ver, tocar, aprender e, portanto, ser compreendido. Sem dúvida, é desde os espaços locais que se definem os contornos da vida diária, onde se constrói a personalidade social e onde se faz a aprendizagem social."

Em coleta realizada para a composição desta dissertação, observou-se este localismo nos programas transmitido pela RB durante os anos de 1957 a 1960, disposto no apêndice A nele há cerca de 111 atrações de variados gêneros radiofônicos musicais, auditório, jornalístico, sociais, policial, educativos, humorísticos, dentre outros. Sem incluir as radionovelas (apêndice B), que contabilizam mais ou menos 31 novelas, dentre elas, a notável a produção e criação dos autores campinenses para emissora, destacando-se Fernando Silveira e Deodato Borges com cerca de nove novelas para o primeiro e sete para o segundo, além de histórias escritas por Genésio de Souza e Dário Silva. Com humor, Eraldo Cesar conta sobre sua entrada no rádio e o papel de Fernando Silveira no funcionamento da direção artística da RB, aprovando programas e cast local.

Naquele tempo, a Rádio Borborema estava fervendo, né? A audiência foi espetacular, viu? E quando se espalhou a notícia de que a gente ia acabar com o cast. Aí foi que o Fernando Silveira, aquele dele, todo artístico, escreveu Anjo Negro, que foi uma homenagem, principalmente, à Campina Grande. Era uma espécie de zorro. Ele, o Fernando Silveira, que tinha, no início, quando houve teste para radioatores, muita gente queria entrar na Rádio Borborema. Fui um deles. Mas fui reprovado pelo Fernando Silveira. Ele disse que minha voz não estava ainda adequada para o tipo de coisa. Estava iniciando em Campina Grande. Agora, curiosidade, o Fernando Silveira, que me reprovou, me convidou para o astro número um da emissora. [...] Havia, geralmente, quando a gente estava iniciando uma nova novela e era preciso uma adaptação maior. Vinha o diretor, Fernando Silveira, com a entrega dos papéis principais, né? Cada um recebia o primeiro capítulo. Você vai fazer isso, esse, esse, esse. Para que a gente estudasse. E só à noite, meia hora, a novela ia ao ar às oito e meia. Depois da Hora do Brasil, né? Meia hora antes, a gente ia o dia todo, à noite, para uma checagem, né? Todo mundo já tinha estudado, sabia o que fazer, né? (Cesar, 2024)

Durante o período das décadas de 1950 e 1960, a RB era, além de um meio de comunicação, um meio de socialização e sociabilidade, moldava costumes e a educação da comunidade campinense. De acordo com o Censo de 1950 apresentado no site *Migalhas*, o município possuía 173.206 habitantes, população constituída por 82.378 homens e 90.828 mulheres. As principais atividades econômicas da cidade eram a agricultura, pecuária, silvicultura, prestação de serviços e trabalho em indústrias. Os cidadãos eram majoritariamente analfabetos, pois o censo indica que apenas 34,22% das crianças com idade de 5 anos ou mais sabiam ler e escrever.

Dentro deste contexto social, a programação diversificada da RB promovia papel educativo com programas como *Os Grandes Milagres da Ciência*, *Enciclopédia no Ar*, *Conquistadores do Espaço*, que apresentavam descobertas científicas ao longo da história, em especial durante o período em que viviam de Guerra Fria; outro programa de caráter formativo era o *Informações Agrícolas* que exibia músicas sertanejas, repente e emboladas, patrocinadores de produtos agrícolas e dicas de melhorias para o cultivo e colheita de diversas plantações.

Além de programas do gênero educativo, de acordo com Souza em entrevista para a monografia da autora desta pesquisa, durante a programação e dentro de atrações de entretenimento, era comum notas sobre como se portar no cinema, em clubes e até mesmo na rua.

Os programas da RB influenciavam na vida das pessoas, na forma como passavam as notícias e como contavam as histórias, interferiam na ação dos órgãos públicos, instituições religiosas, colégios e cinemas. Como apresentadores e apresentações faziam com que muitas notas fossem divulgadas nos programas, então havia cobranças do tipo: que os cinemas se adequassem, que as pessoas fossem bem vestidas para o cinema, clube. Isso fazia com que a população ficasse bem informada e bem formada, porque realmente o rádio tinha uma penetração muito grande. (Souza, 2019)

É válido ressaltar que, quando se fala em rádio, a tecnologia do meio se funde com o contexto social em que está inserida, utilizando linguagem, expressões específicas, informações e preferências que caracterizam o seu público. A emissora RB possuía um papel de influência local, cultural e social de diversas formas, ao passo que inevitavelmente a história da cidade se entrecruza com a da RB, direta ou indiretamente, através de programas de cunho social como o *Pastoril do Rosário*, apresentação realizada pela paróquia do bairro da Prata, na época subúrbio da cidade; *Voz dos Municípios*, que expunha problemas e questões sociais de Campina Grande e cidades circunvizinhas; os *melhores do Rádio*, um concurso que premiava o cast da radiofonia local através de voto popular e revertia o capital arrecadado em patrocínios para a Casa do Menino Dr. João Moura, que na época era o orfanato da cidade.

Na figura 11 está a propaganda do programa *Melhores do Ano de 1958* e como os ouvintes da RB poderiam participar, além de explicar o objetivo do concurso, sobre como ocorrerá a ação social.

Figura 10 - Coluna Coisas do Rádio de dezembro de 1958 sobre os Melhores do Rádio

Poucos dias nos separam da monumental festa de aniversário da Rádio Borborema.

Esmerando-se em produzir o que há de melhor em matéria de programa radiofônico, cada produtor associado está dedicado de corpo e alma à tarefa de escrever os programas especiais que lhe foram encomendados pela direção da emissora líder.

Fernando Silveira, Deodato Borges, Genesio de Souza, Camário Lacer, Stênio Lopes, Ramalho Filho mais uma vez demonstrarão toda a versatilidade de seu talento apresentando no dia 8 de Dezembro programas que irão encantar aos nossos ouvintes.

—oOo—
Com cinquenta por cento da renda em benefício da Casa do Menino Dr. João Moura será lançado brevemente o Concurso OS MELHORES DO RÁDIO DE 1958.

Está à frente do concurso o jovem produtor associado Deodato Borges.

O Diário da Borborema publicará os votos destinados a elegêrem os «melhores» de 58.

Os ouvintes só terão o trabalho de preencher cada voto, enviando-o para a Rádio Borborema, onde estará a urna receptora.

A coroação dos melhores do rádio de 58 efetuar-se-á em dia a ser marcado e anunciado com antecedência.

Com o êxito costumeiro foi ao ar domingo mais uma audição do programa animado por Heraldo Cesar CLUBE PAPAÍ NOEL.

Sem dúvida todas as seqüências do programa são interessantes, mas preferimos aquela em que os garotos perguntam e o animador responde, pelo alto valor educativo que encerra.

—oOo—

Janete Alves, a graciosa cantora, radiatriz e locutora da Rádio Borborema cada dia que passa conquista novos fãs.

Este ano Janete Alves concluirá seus estudos ginasiais no Colégio da Imaculada Conceição e por certo receberá muitos parabéns por parte de seus inúmeros admiradores de ambos os sexos.

O HABITO não faz o homem, mas a atitude sim. E voltamos ao assunto anterior, nesta coluna.

Certa vez, uma grã-de-mãe deixou o Rotary e foi para a empresa que quis proceder.

No entender daquele certo condão que Rotary em si não tem, sua qualidade de rotariano é uma queda de certeza da ética como o rotariano empenhou seu clube.

Citamos esse fato apenas na atitude daqueles a instituição é quem conta realmente.

São Jerônimo de Santo Amaro do Norte, visitou o Rotary do Nordeste e voltou exultante de felicidade.

Fonte: Acervo Diário da Borborema.

Salienta-se, portanto, que durante as décadas aqui estudadas, o rádio possuía uma função de cunho sociocultural, era também espaço de socialização, uma vez que as pessoas se reuniam nas emissoras, para escutar e presenciar os programas de auditórios, ou como o caso de Luis Custódio, ficar próximo do que cercava sua imaginação. A RB além de emissora, era uma opção de entretenimento, um evento social para a cidade, com diversas formas de entretenimento promovido pela sua programação no espaço físico da emissora.

Mas que eu ia. Eu ia para a rádio Borborema à noite para ouvir muitas vezes as novelas lá ao vivo. — Ao vivo? E aí, o senhor ficava fora? — Eu ficava. Eu não entrava não, porque eu não podia entrar. Mas eu ficava no lado de fora, nos corredores. Eu era muito... Como posso dizer isso? Eu era muito apaixonado por tudo isso. Então, você sabe que a rádio Borborema era na [...] que hoje é, não sei se é o calçadão. Eu ia muito. Eu subia muito aquela escada da rádio, para escutar. — No tempo da rádio... Você era um ‘gurizote’ para adolescente? — Para adolescente, mas era assim ligado, muito ligado. Era o auge, né, antigamente? Porque você só tinha isso. Você não tinha outras atrações, não tinha outra coisa, por conta disso, eu fiquei muito, muito ligado ao rádio. (Silva, 2024)

Na figura 12, é possível visualizar o auditório da RB lotado de expectadores de diversas idades, para o Programa Clube do Papai Noel. De acordo com Eraldo Cesar (ent. 2024), o programa recebeu muitas crianças ao longo dos anos que eram deixadas pelos pais na emissora e lá elas brincavam e participavam do programa. Ele mencionou orgulhosamente: “Não existia uma só queixa de um pai que viesse reclamar qualquer coisa do programa. Que a gente procurava divertir educando. ”

Figura 11 - Fotografia do auditório da RB durante o programa Clube do Papai Noel.



Fonte: Acervo Pessoal de Eraldo Cesar.

Estivesse nos corredores do prédio São Luiz, nas ruas em torno do prédio da emissora, onde havia alto-falantes, ou em suas residências, grupos de pessoas (amigos, família, vizinhos) se agrupavam para a escuta da programação radiofônica da RB, principalmente a noite quando eram transmitidos os noticiários do dia, novelas e programas de entretenimento.

O povo do São Pedro, dessa redondeza, tudo ia. Aí ficava tudo calado, não ia conversar. E era um radinho pequenininho assim — (gesticula com as mãos mostrando o tamanho). — Era um radinho que era coberto até com uma capinha de couro. [...] Tia Alice botou ele em cima da petisqueira, daí a gente subia para ficar perto. Aí tinha uma novela que era muito boa, era Filho do Sol, Filho da Lama. Não estou me lembrando. Mas acho que era na Rádio Clube Pernambuco, de tarde, umas quatro horas. Depois colocava na Voz do Município na Rádio Borborema. [...] você está por fora, a gente não perdia nada. Naquele tempo, era a velharada todinha, tanta gente no mundo para assistir à Voz do Município, que era com a Epitácio Soares. Aí depois ia escutar a Voz do Brasil. Depois tinha o forró de Zé Lagoa, aí vinha Dona Zefa, Maria José, Cícero, Maria Rosa com a filharada todinha. Aí a gente basta, tudo calado e sentado. [...], mas quando começava a tocar as músicas, eu tacava o pé no mundo a dançar, mas era bom o Forró de Zé Lagoa. Era no tempo de Marinês, Luiz Gonzaga... (Arruda, 2024)

Além de artistas nacionalmente conhecidos como o Rei do Baião, Luiz Gonzaga, a RB apresentava na maioria de sua programação as ‘pratas da casa’, em programas de auditório de calouros e apresentações musicais. Neste sentido, Custódio recorda com nostalgia a expectativa de escutar os artistas locais por meio das ondas hertzianas:

Olha, eu direi para você, as pessoas que lembro: eu alucinava quando ouvia Silvinha de Alencar, ela era uma grande estrela, né? Estrelíssima. Primeiro, ela era muito competente. Ponto um. Ponto dois. Ela era uma estrela. E tinha um programa com ela: A estrela do meio-dia. Não sei se vocês já viram. Então, ela cantava e tinha uma voz belíssima. Não é? Aí todo mundo admirava ela. (Silva, 2024)

Ao som da música ou das notícias diárias, a Rádio Borborema adentrava diversos lares paraibanos e até de estados vizinhos, com uma programação que atendia o gosto popular, proporcionando entretenimento, informação, socialização e cultura de todo o Planalto da Borborema.

4.2 Os personagens por trás dos microfones

Com uma grade diversa de programas de auditórios semanais, eventos como aniversários, concurso de melhores do ano, carnaval, festas juninas, dentre outros, eram eventos previamente divulgados ao longo da programação radiofônica e pela mídia impressa, neste último caso, pelo Diário da Borborema, que fazia parte do mesmo conglomerado. Neste sentido, vale ressaltar que era comum os produtores da emissora associada também fazerem parte da

redação do diário e vice-versa. Com isso, havia uma relação demasiada entre os dois veículos de comunicação, embora não fossem os únicos na região, possuíam grande influência social.

No Diário, eu fui de foca a superintendente do jornal. Sempre com aquela história de... Aprendendo na prática. Aprendendo na prática com os outros grandes jornais que tinham aqui na época. Coincidentemente, você sabe que os diários associados eram rádios, jornal e televisão. A Rádio do Borborema criou um programa chamado Patrulha da Cidade, que ainda hoje é muito conhecido, né? Então, eu fui repórter do programa Patrulha da Cidade. Entendido. Então, eu integrei a primeira equipe. Que era Humberto de Campos, um grande radialista aqui. Rosil Cavalcanti, que muito conhecido também na Rádio AM de Campina Grande. E isso era um programa produzido por Deodato Borges, que é um grande criador da história. Então, pronto. Aí eu estava no jornal, mas como sempre gostei de rádio. E eu dava sempre, nas reuniões, eu dava sempre pitaco, né? Coisa de rádio, aquela coisa toda. (Aguiar, 2024)

Na figura 12, durante a coluna Coisas do Rádio, além de informar sobre as atualidades do rádio, menciona sobre o trabalho de Deodato Borges como rádio, ator, produtor, desenhista e sua responsabilidade pelas gravuras e imagens do Diário.

Figura 12 - Coluna do Coisas do Rádio de dezembro 1959



Fonte: Acervo Diário da Borborema.

A popularidade da RB agregava ao grupo dos associados da cidade diversos patrocínios locais e nacionais, de grande e pequeno porte, como apresentados no apêndice C, referente aos anos de 1957 e 1960, durante a coluna do Diário. Eraldo Cesar conta sobre a maneira pela qual cada produtor era responsável por angariar patrocínios para o seu programa e para se manter no rádio.

Estava tudo fervendo com respeito à rádio, né? [...] Todos os patrocínios que a gente precisava justificar o programa e a presença nossa. Porque quem ganhava mais dinheiro era quem fazia corretagem também, né? O tal do Hilton Motta, que era o número um, conhecia todo mundo, né? E alguma coisa. A escolinha do Nicolau, por exemplo, eu arrumei um patrocinador, né? No tempo, foi o Café Aurora. A gente procurava o capital um dia. Hoje não, hoje não. Corretor é corretor. Ator é ator. Mas naquele tempo, não. Cada um procurava se virar ou buscar lá fora. São Brás, por exemplo, foi o primeiro patrocinador da rádio Hilton Motta, a Campina Grande FM. São Brás estava em todos, sempre ajudava. E no Clube Papai Noel, eu tinha meus próprios patrocinadores ligados mais à criança, à pessoa que vendia chocolate, casa de bombons, casa de lanche. Eu tinha 12 patrocinadores. Eu mesmo faturava, eu mesmo extraía a nota fiscal, eu mesmo fazia cobrança. (Cesar, 2024)

Seguindo um padrão de qualidade e popularidade das emissoras associadas, a RB enquanto parte do conglomerado, recebia scripts, transmitia programas diretamente da Rádio Tupi de São Paulo e do Rio de Janeiro, dentre outros programas de outros estados. Contudo, a RB também contribuiu para suas ‘irmãs’ com scripts e artistas da casa. Na Figura 14, é notável o entusiasmo expresso nas entrelinhas da coluna Coisas do Rádio de 1959 sobre a produção campinense, de Fernando Silveira, a novela Anjo Negro, transmitida pela Rádio Tupi do Rio de Janeiro, e a expectativa para o lançamento de outro trabalho na emissora irmã.

Figura 13 - Coluna Coisas do Rádio de Fevereiro de 1959



Fonte: Acervo Diário da Borborema.

Na figura 14, a coluna Coisas do Rádio dá destaque para a apresentação de outra novela do autor campinense, Fernando Silveira, na Rádio Tupi do Rio de Janeiro. A novela Maria La-Ô já havia sido transmitida na Rádio Borborema, conquistando muitos fãs pela região. Então, para informar o sucesso do autor da casa, a coluna também faz a propaganda do horário de transmissão pela Rádio Tupi, para quem quisesse acompanhar o enredo.

Figura 14 - Coluna Coisas do Rádio - Maria la-ô é exibida na Rádio Tupi

Coisas do Rádio

Foi lançado em todo o Brasil, pelos Diários e Rádios Associados o Concurso Miss Brasil-Miss Universo. Campina Grande certamente estará presente ao magno certame internacional de beleza, com algumas de suas mais belas representantes.

—o—

A Radio Tupi do Rio, depois de apresentar a novela de Fernando Silveira: **O ANJO NEGRO**, vem de iniciar a apresentação de mais uma novela desse aplaudido autor campinense — desta vez a famosa **MARIA LA-Ô**.

Os ouvintes de novelas (principalmente os fãs das novelas de Fernando Silveira) poderão ouvir **MARIA LA-Ô** às 17,00, através das ondas curtas e medias da Radio Tupi, a emissora líder associada do Brasil.

—o—

Ari Rodrigues planeja apresentar brevemente um formidável programa de auditério, que constará de sequências alegres, sérias, milionárias, divertidas. Serão distribuídos brindes valiosíssimos aos ouvintes e frequentadores do auditorio.

—o—

Tereza Cristina, a jovem cantora recifense está mais uma vez entre nós, obtendo os aplausos que já nos acostumamos a atribuir-lhe pelo seu valor e talento.

—o—

Trabalhar pela recuperação dos menores delinquentes é um dever de solidariedade.

CINE BABILONIA
A PARTIR DE HOJE

"PRIMAVERA DO AMOR"

com — Pat-BONE e Shirley JONES
CINEMASCOPE
da FOX

FEIRA: —
"A VOZ DO SILENCIO"
Com ROSSANA PODESTA"

FEIRA: —
"LABAREDAS DO INFERNO"

CINE AVENIDA
A PARTIR DE HOJE

"MORTE RONDA O ESPETACULO"
Feira: — A ROSA DO ORIENTE

Cine Capitólio
JE — Matinée às 15,30 horas — HOJE

Fonte: Acervo Diário da Borborema.

Diante disto, descobre-se que do coração do estado da Paraíba, Campina Grande manteve-se notável cultural e socialmente para todo o Brasil, através das ondas médias da Rádio Borborema. A emissora produziu conteúdos locais e moldaram-se as tendências globais que aconteciam no Brasil e no mundo, promovendo na região do planalto da Borborema, o que

Canclini (2013) define como hibridização cultural, em que práticas e processos culturais de sociedades distintas se combinam e geram novas estruturas, objetos, não se contendo nas fronteiras geográficas e tradicionais.

Nos programas e novelas apresentados pela RB, é possível perceber apenas pelos seus títulos que a criação e produção local transcenderam muito além das tradições e da cultura em volta da emissora, incorporando modelos, histórias e características globais para implementar na sua grade da programação. A partir de apresentações de poetas da terra a concertos dos Estados Unidos, histórias sobre Lampião e invasões do espaço sideral, observando, assim, que o rádio é um meio de comunicação e cultural que promove um encontro entre receptores diversos, entre diferentes espaços e ao longo do tempo pelo mundo.

Sendo assim possível, a adaptação e perpetuação de histórias dos velhos mitos europeus ou dos super-heróis norte-americanos, bem como, o surgimento de novos personagens, como foi o caso de Jerônimo na Rádio Nacional para todo Brasil e o Flama, numa abrangência menor pela Rádio Borborema, possuía traços e semelhanças com personagens heroicos nacionais e estrangeiros, que viviam histórias fictícias em um contexto sócio espacial similar ao de Campina Grande. Mas sobre o Flama é necessário um capítulo dedicado inteiramente a ele, como será o próximo.

5 AS AVENTURAS DO FLAMA - “A LUTA INCANSÁVEL DE UM HOMEM EM DEFESA DA LEI E DA JUSTIÇA”

5.1 O Homem por trás do Flama

Agora... Finalmente... a história do homem por trás do Flama: Deodato Borges. Ou melhor, Deodato Taumaturgo Borges, nascido em 20 de janeiro de 1934, na cidade de Campina Grande, Paraíba. Como pode-se ver ao longo do capítulo três, ele foi um nome imprescindível para a radiofonia campinense, especialmente para a história dos diários e das emissoras associadas locais. Segundo Mike Deodato, filho de Deodato Borges, seu pai fazia um pouco de tudo no campo da comunicação, desde o rádio até o jornal impresso.

ele criava o tempo todo, porque ele trabalhava com jornal também, então ele estava lá. Se tem alguma data comemorativa, ele estava lá fazendo um pique de pena até algum personagem histórico e tal. Fazia tirinha pra um quadrinho dos jornais que ele mesmo criava, a página dos jornais e tal. [...] Ele trabalhou em tudo que é jornal. Ele sempre era chamado, ele ia trabalhar para os Associados, uma parte da vida dele. Ele sempre era chamado em algum lugar para salvar alguma emissora ou salvar algum jornal. O salvador da pasta. Ele chegava lá, ele mudava a programação todinha, botava em primeiro lugar e ai, mudava atrás. Por isso que ele estava mudando de lugar. (Borges Filho, 2024)

Embora não haja uma estimativa da sua produção no rádio, jornal e até mesmo na internet, durante esta pesquisa, apenas de sua autoria foram contabilizados 15 programas e 7 novelas para a Rádio Borborema durante o período de 1957 a 1960, sem contar suas interpretações como radialista em programas informativos, de auditório, musicais, crônicas e como ator em diversas novelas. Entretanto, mesmo com sua vida no rádio, eram os desenhos que lhe fissurava e que lhe inspirava, pois era colecionador de HQs desde muito jovem, fã principalmente de histórias de ficção, suspense e terror, consumindo para além dos HQs estadunidenses, também latinos e espanhóis, contudo seu desenhista preferido era Will Eisner, criador do The Spirit, figura 15.

Figura 15 - Capa da Revista The Spirit by Will Eisner



Fonte: Kooiman (2024). Disponível em: < <https://www.cosmicteams.com/quality/profiles/spirit.html>>. Acesso em: 13 de maio de 2024.

Deodato teve cinco filhos, dentre eles apenas Deodato Filho ou, como é conhecido internacionalmente, Mike Deodato, seguiu os passos do pai como desenhista. Mike recorda carinhosamente como o pai o influenciava a ler HQs e como revistas desse gênero nunca faltavam em sua casa.

Então, primeiro que ele tinha coleção de gibi dele em casa, né? Que não era organizado como a minha, era em caixa e tal, mas ele tinha um monte de gibis. E ele desenhava o tempo todo, ele adorava o quadrinho. Se ele pudesse, ele foi quadrinista também. Então, assim, ele enchia a gente de gibi. [...] então, assim, tinha os exemplares que eram devolvidos para as bancas, né? Quando devolvia, eles arrancavam a capa para não ter que mandar de volta para a distribuidora, né? Aí, esse exemplar ia terminar indo para o Sebo, com essas, era mais barato, né? Era coisa de dez vezes mais barato. Aí, ele comprava de palma, assim, para ele, eu e pro meu irmão. [...]. Então, era assim, era mais barato, mas a gente não queria nem saber por que não tinha capa, a gente queria ler era a história, né? (Borges Filho, 2024)

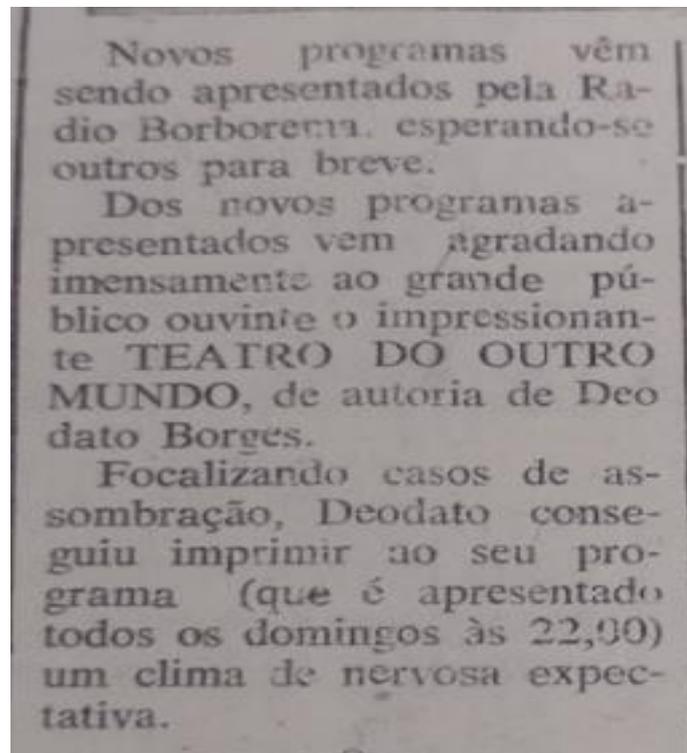
Marcado por sua criatividade em todos os seus trabalhos, Deodato criou o Flama ainda em sua juventude por meio de rabiscos e percebeu a oportunidade de dar vida ao personagem através do rádio, pela radionovela *As Aventuras do Flama*, que logo se tornou um sucesso entre os jovens da cidade e da região, exibida durante diversos anos e sendo rerepresentada em anos posteriores por outras emissoras.

O que sei do Flama é que ele criou quando era adolescente. Porque eu não sabia, mas eu descobri depois que vi um desenho antigo dele nos cadernos de casa que ficava com a mãe dele. Aí vi ele quando tinha 15 anos e tal e o Flama já estava lá. Ele trouxe já desde pequeno. Ele não criou para o jornal ou para a rádio, nada não. Ele trouxe um personagem que ele já tinha desde lá atrás em casa. (Borges Filho, 2024)

Dentre todos os títulos que já foram lidos durante esta dissertação, é inegável a originalidade em suas produções, dentre elas podem-se destacar, o programa *Conquistadores do Espaço*, transmitido as quartas-feiras no horário das 20:35hrs, sobre as informações da corrida espacial entre os Estados Unidos e a antiga União Soviética, pois vale lembrar que durante as décadas de 1950 e 1960 o mundo ainda vivia a Guerra Fria, com este programa os campinenses acompanharam todas as atualizações da viagem do homem à lua. Ou o programa *Teatro de Outro Mundo*, apresentado aos domingos às 22h, nele eram apresentadas histórias de assombrações, lendas e relatos de aparecimentos sobrenaturais enviados pelos próprios ouvintes através de cartas.

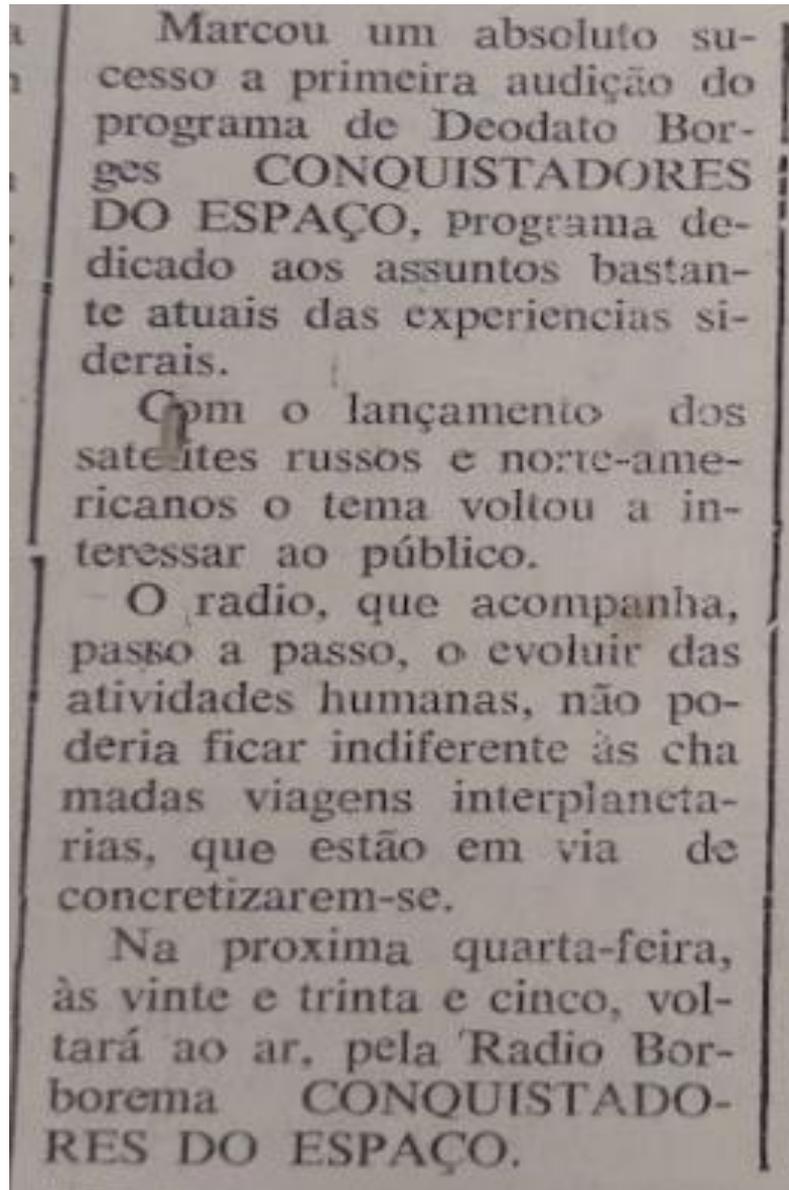
Nas figuras 16 e 17, visualiza-se um pequeno resumo dos programas citados acima, pela coluna Coisas do Rádio do Diário da Borborema, em 1959, demonstrando entusiasmo e a repercussão dos programas, além do convite ao público para a escuta.

Figura 16 - Resumo sobre Teatro de Outro Mundo, em 1959



Fonte: Acervo Diário da Borborema.

Figura 17 - Resumo sobre o programa Conquistadores do Espaço, em 1959



Fonte: Acervo Diário da Borborema.

Como desenhista, Deodato ilustrou as páginas dos jornais paraibanos, o Diário da Borborema e O Norte. Ainda na década de 1960, foi precursor dos quadrinhos no estado da Paraíba, através de cinco edições da revista *d'As Aventuras do Flama* (Magalhães, 2012). E, juntamente com seu filho Mike, nos anos 1980, lançou a revista *300 anos da Paraíba em quadrinhos e 2000 anos depois* (figura 18).

Figura 18 - Obras de Deodato Borges e seu filho Mike Deodato.



Fonte: Universo Marvel 616. Disponível em: <<https://www.marvel616.com/2014/08/deodato-borges-criador-do-flama-se.html>>. Acesso em: 14 de maio de 2024.

Assim, diante de tanta imersão em diversos assuntos e artes que Deodato teve ao longo da vida, desde sua paixão por história em quadrinhos, aos acontecimentos locais e globais, As Aventuras do Flama não poderiam ser diferentes e não conter aventuras pelo espaço e diversos seres mitológicos. Por isso, o objeto de pesquisa deste trabalho torna-se tão rico e relevante para a história da comunicação paraibana, como será visto a seguir.

5.2 Está no ar: a radionovela As Aventuras do Flama

Em suma, este trabalho é uma história de um personagem de super-herói e, como qualquer narrativa heroica, há *plot twists*,^{20[1]} que mudam totalmente o cenário e a construção da trajetória dos personagens envolvidos. Esta, não seria diferente, pois para adentrar na trama do Flama foi preciso mergulhar por águas profundas do contexto do rádio local, na vida de seu criador e nos seus desdobramentos, submersos nas memórias esquecidas, em arquivos não investigados, em retalhos de histórias contada por outrem, publicadas incompletamente na internet.

²⁰ Uma mudança radical na direção esperada ou prevista durante um enredo, ou obra narrativa.

A primeira reviravolta na história do Flama acontece na sua primeira exibição, pois conforme os trabalhos de Cardoso (1998), Aldaci Junior (2006), Magalhães (2012), Brito (2018), o Flama surge no rádio por meio da radionovela As Aventuras do Flama em 1960 ou apenas referem como na década de 1960. Porém, consoante as investigações deste trabalho, no acervo do Diário da Borborema, na publicação do dia 12 de outubro de 1957, a coluna O Rádio em Revista que precede Coisas do Rádio no caderno de Sociedade do Diário, anuncia com animação que a radionovela já completou seus 130 capítulos, ao longo de mais de um ano ar, no horário das 16hrs nas segundas, quartas e sextas-feiras pela Rádio Borborema (Figura 19).

Ou seja, o Flama foi transmitido pela primeira vez, ainda no ano de 1956 pela emissora associada, pouco se tem sobre essa primeira difusão, seja pelas memórias ou nas análises documentais, em suma foi descoberto que o radiador Benjamim Bley, atuara como o Comissário, companheiro de aventuras do Flama que os fãs da radionovela solicitaram insistentemente pela volta das histórias de aventuras do super-herói.

Figura 19 - Páginas de Sociedade do DB de 1957



Fonte: Acervo Diário da Borborema.

Segundo o acervo do Diário da Borborema, *As Aventuras do Flama* voltaram a ser exibidas no final de junho de 1959 às 13:40hrs, patrocinada pela fábrica de doces Big Bola, após as solicitações dos fãs. Esta versão é a mais lembrada e a mencionada como a original pelos pesquisadores e até mesmo pelas fontes orais, que perdurou até 1963. Na figura 20, o autor menciona os pedidos dos ouvintes.

Figura 20 - A coluna Coisas do Rádio anuncia a volta do Flama em 1959.

stigiaram a reunião. As moças boni-bluejeans» e as «slacks» coloridos... presenças: — Prefeito Elpidio Al-Maurício e família, médico José de Nounaim e família, casal Dr. Tu-undo Assis Borges e família, casal sa, casal João Araújo e filhas, os pede da família Motta nestas férias José Geraldo Araújo, Brivaldo, Te-ssos e família, Tenente Farias e urma da POLI, médicos Sousa As-é Américo, Clemilson Lucena, mé. t. e com Fábio Júlio) Solange e Ro- e José Américo, (lastimando triste-) Evanilde Duarte, Leila Mesqui- a Gaudêncio, Clara Maria Souto Amenaíndia e Josué; Eugénia ana Mirsk, Sonia Sobral e o mais Agripa; João D'Arc e Clemilson, y Pereira e Paulinho Ribeiro, Vasconcelos, Sr. Geminiano Melo sua recente viagem ao Rio...) aridade e presenteando aquela o brejeiro, Alberto Dahia e ainda

O Loide Aéreo, eficiente em- presa de aviões, em nossa cida- de pôs à disposição dos universi- tários de nosso Estado, 44 pas- sagens de franquia, possibilitando assim o comparecimento aquele conclave de uma representação da Paraíba. O gerente — sr. Guilher- me Peixoto — colaborando simp- ticamente com a cidade que já conquistou todos seus familiares, presenteou a terrinha com várias passagens. Atitude que mere- ceu elogios e conquistou simpá- tias e a justificada preferência à agência que dirige eficientemente.

Coisas do Rádio

A Rádio Borborema, a partir de 20.05 horas de hoje, estará ir- radiando o primeiro capítulo da novela de Fernando Silveira, PIE- DOSA MENTIRA, cujos demais capítulos serão levados ao ar no mesmo horário, todas as segun- das, quartas e sextas feiras.

Hoje, em comemoração ao Dia do Canadá, a Rádio Borborema, apresentará, excepcionalmente, às 17 horas, em substituição ao pro- grama Vespéral das Moças, um riquíssimo show musical, selecio- nado em alta fidelidade com as mais ricas pautas musicais cana- denses, gravadas pela mais de-at- cada orquestra daquele país, ex- clusivamente para esse programa, em comemoração à data.

A Rádio Borborema fez voltar ao ar, a fim de atender aos insis- tentes pedidos de inúmeros fans, o emocionante seriado de O FLA- MA, o herói da garotada, agora com novos e emocionantes capítu- los, caprichados pelo seu produ- tor, Deodato Borges.

O Clube do Fan, apresentado no horário de 10 às 11 horas, pelas ondas da Rádio Cariri, em bre- ves dias, em nova fase, apresen- tando sensacionais novidades para os fans do rádio.

Um dos programas radiofônicos que vem merecendo a atenção do público ouvinte da cidade, é: CARNAVAL EM SUA CASA, que a Rádio Borborema vem a- presentando aos domingos, de 7 às 9 horas. Programa animadíssimo, que entra mesmo em sua casa sem pedir licença. O referido pro- grama atende pedidos musicais car- navalescos, no hora, por telefone. Tem como animador o seu pró- prio criador, Mac Dowell Holan- da, que vem sendo parabenizado por grande número de ouvintes, por tão animado lançamento.

vidade no seio do povo.

UM BOM CA

NÃO RESTA DUVIDA de que o Marechal Teixeira Lott é um bom candidato à Pre- sidência da República. Será a força militar a inspirar confi- ança aos brasileiros de que o pleito se processará dentro da legalidade. Além do mais, o honrado oficial não é menos digno da indicação do que o foram os distinguidos homens de farda General Eurico Du- tra, Brigadeiro Eduardo Gome- s e General Juarez Távora. Parece que nas fileiras civis

RESTA ao povo brasileiro a esse povo o exame das can- didaturas de vista dos candidatos e si- tuarções, princípios, tendências, o caráter de uma e de outra. Todo o povo do sr. Juscelino Kubit- scheck deve tomar conhecimento sumo de todas as administraçõ- es, não devem hesitar: escolhi- rem o melhor. O povo brasileiro, vável continuador dos mesm- os princípios, não deve hesitar em vando, o custo de vida neste momento de excepcionalidade do tempo, em futuro. Os que acham que é mais detidamente nas angústias presentes, colocando a admini- stração na linha da sua época, não errarão em a- dmitir que o Brasil não sabe compreender grand- es problemas, como demonstrou no Estado de São Paulo.

Instantâneos da Cidade

Lamentável que a política de campanário com, ainda se faz entre nós, procure às ve- zes envolver nos seus mean- dos homens que por sua for- mação e pelos imperiosos de- veres de um ministério sagra- do, devem estar isentos de quaisquer críticas a seu comportamento individual. Na atual campanha muni-

Fonte: Acervo Diário da Borborema.

Partindo do entendimento da recepção do cinema, por Morin (1997), que analisa o conceito de *ego-involvement*, para aludir à projeção-identificação entre o receptor e um personagem do filme. Pode-se estender essa análise para a radionovela *As Aventuras do Flama*, uma vez que pode haver uma identificação de semelhanças ou dessemelhanças com os personagens do enredo, com o herói justo, simpático, misterioso, ou a mocinha romântica em apuros. A trama excita o ouvinte tanto pela identificação do igual e do estranho, que, segundo o autor, quebra o imaginário, ao voltar-se para a realidade. Alves (2017, p. 38) complementa: “A popularização das histórias de aventura deve seu sucesso a seus protagonistas, atraindo um novo perfil de receptor, que via nesses personagens uma espécie de reencarnação dos mitos gregos e romanos [...]”

Essa característica é perceptível na fala de Silva durante a conversa para este trabalho, após ser perguntado se *As Aventuras do Flama* era semelhante a alguma outra radionovela:

Porque o gênero do Flama era totalmente diferente das novelas que eram românticas e o Flama não. O Flama não era romântico. Era outro. Eu gostava do Flama, porque entendo que era uma coisa mais ligada ao meu perfil. Sim. Porque nada tinha de romântico no Flama. E aí, por isso, eu tinha uma certa aproximação. Com as narrativas. Eu gostava daquela aventura e do suspense. (SILVA, 2024)

Randazzo (1993) afirma que mesmo na sociedade moderna, ainda é muito intensa a influência do arquétipo do herói no imaginário popular como modelo de moral, retidão, coragem, boa conduta e honra, principalmente para o público infanto-juvenil que parecem mais receptivas à mensagem. Esse reconhecimento pelos ouvintes do Flama é lembrado por Eraldo César, que embora não tenha feito parte do cast da novela, recorda a movimentação na emissora devido à radionovela:

O Flama é uma produção local do Deodato. Flama, né? E por isso tem um sucesso muito grande. Eu não participei. Era durante o dia, mas repito, que ele escrevia e ele apresentou-se como o astro principal da novela, ao lado de Silvina de Alencar, que era a heroína, era Eliana da história. (CESAR, 2024)

Em determinada publicação da coluna jornalística Coisas do Rádio, que estava fragmentada pela colagem do caderno e com difícil compreensão, é possível presumir a comemoração pelo capítulo cem da novela e a menção da repercussão das histórias entre os ouvintes e um pedido feito pelos fãs do herói. A coluna descreve da seguinte forma:

CEM — Foi apresentado pela Borborema o centésimo capítulo da novela de Deodato Borges: AS AVENTURAS DO FLAMA. O herói da garotada campinense sempre evidencia mais do que numeroso índice de audiência [...]. E eis um fato importante, as crianças ‘... vocações’ para o ‘ra...’ podem procurar por Deodato “pois ele está precisando de inspirações” infantis para escrever, você que é ‘pe...’ FLAMA, não quer uma aventura com seu nome! (Borborema, 1960).

Ao longo dos relatos das fontes deste trabalho e das análises documentais, percebe-se, portanto, que não se trata apenas do produto, radionovela, mas do *habitus* que a origina, dando significados e sentidos ao objeto aqui estudado. Pois, como dito em seções anteriores, o ambiente social colabora de forma decisiva e diretamente para a construção da cultura e na formação de imaginários. De maneira que há uma relação entre a história e seus ouvintes, como entre criador e sua criação, pois aquilo que a curiosidade de Deodato o levava a consumir culturalmente e estavam socialmente refletidas no personagem do Flama.

Um super-herói sem poderes, com uma moral inabalável, um passado trágico que o leva a defender a justiça, sua identidade nunca revelada, possui amigos que o ajudam a

desvendar os mistérios, dentre eles o Zito, que mediante as análises documentais foi interpretado na 1ª Versão (1957) por Benjamin Bley e, em 1959 por Johan Silveira. Enquanto, através das fontes orais, alguns nomes foram lembrados sem muita distinção de qual era o papel de quem, como “Silvinha de Alencar era a heroína” (Maior e César, 2024), “Rosil Cavalcanti esteve como principal” (Aguiar, 2024), “Walmir Chaves atuou como o Bolão” (Maior, 2024).

Durante a conversa com Francisco de Assis, mais conhecido na cidade como Chico Alemão, ele lembra que chegou a ser sonoplasta da Rádio Borborema durante a apresentação da radionovela. Embora trabalhasse em turnos variados, ele lembra que chegou a fazer a sonoplastia da novela, “tinha muito trabalho, porque os equipamentos eram todos equipamentos manuais. E aí era tudo feito manualmente [...] os tiros eram feitos a partir de tragos, aqueles negócios de fogos.” (Costa, 2024).

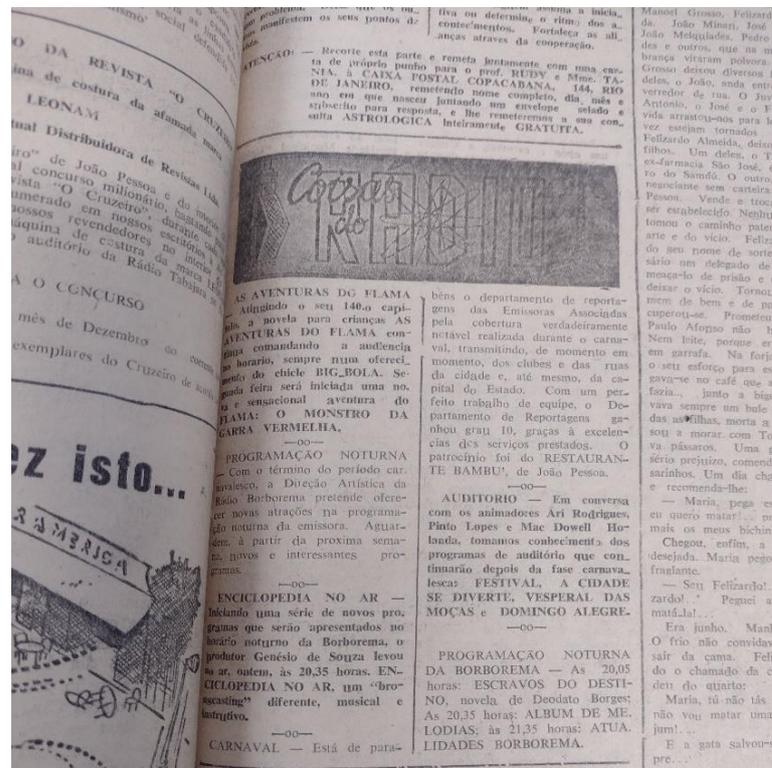
A partir das análises documentais nos Diários da Borborema, percebeu-se que novela era dividida em aventuras, como sugere na coluna Coisas do Rádio em 1960 quando foram anunciadas o início de uma trama do herói, como: *O Mundo Perdido de Ohan*, a partir do 120º capítulo da novela e *O Monstro da Garra Vermelha*, após atingir o 140º capítulo, conforme mostrado nas figuras a seguir.

Figura 21 - A Coisas do Rádio anuncia o início da aventura do Flama "O mundo Perdido de Ohan" em fevereiro de 1960



Fonte: Acervo Diário da Borborema.

Figura 22 - A Coisas do Rádio anuncia o início da aventura do Flama "O monstro da garra vermelha" no final de fevereiro de 1960



Fonte: Acervo Diário da Borborema.

Nota-se assim, que embora *As Aventuras do Flama* tenha sido originado no contexto sociocultural do interior estado da Paraíba, para competir regionalmente com a radionovela *Jerônimo: o herói do Sertão*, possui mais características e influências remetidas ao arquétipo de super-heróis norte-americanos originário dos HQs. Pois é visto que as aventuras do personagem campinense transcendem diversas narrativas regionais e internacionais, enquanto o enredo de *Jerônimo* se passa no Sertão numa espécie de faroeste. De acordo com Silva, ao recordar-se com um pouco de dificuldade, o que lhe chamava atenção na novela era justamente a aventura: “Eram mais aventuras nacionais, sabe? E talvez até planetárias. Eu não vou saber direito mais.” (Silva, 2024)

Se tornando assim, um agente de hibridização entre culturas, pois era produzido por pessoas de Campina Grande, com produção e atuação campinense, jargões locais e patrocínios da própria comunidade, que convergia com um produto global, neste caso um super-herói com arquétipo dos personagens norte-americanos. Levando a entender o que Canclini (2013) explica, é hibridismo cultural como processos socioculturais onde diferentes estruturas ou práticas que antes eram separadas se juntam para criar novas estruturas, objetos e práticas.

Ainda nas características do Flama, vale mencionar suas características, como sua conduta de sempre defender os que precisavam de proteção, com o lema: “A Luta Incansável de um Homem em Defesa da Lei e da Justiça”, similar ao Batman. Sua coragem, pois mesmo sem superpoderes como o Super-Homem, utilizava habilidades de deduções e de lutas marciais, como o The Spirit, de Will Eisner, para se defender e lutar pela sua causa. Ainda comparando características pessoais, vale ressaltar sua honra e o serviço de proteger, como o Capitão América.

Desta maneira, o sucesso absoluto da radionovela *As Aventuras do Flama* levou Deodato a presentear os fãs com diversos desdobramentos da história que lhe rendem menções nacionais até os dias atuais. No entanto, para poder se aprofundar em seus desdobramentos, é preciso uma seção apenas para o assunto.

5.3 As Aventuras do Flama para além das ondas hertzianas

Aqui, adentram-se novas reviravoltas na história do Flama referente às descobertas realizadas nesta pesquisa, mas continuando...

De acordo com Magalhães (2012, p. 23), “A referência mais antiga que se tem dos quadrinhos paraibanos remonta ao ano de 1963 quando Deodato Borges lançou a revista *As Aventuras do Flama*”. Entretanto, muito antes desta aparição nos papéis impressos da revista (Anexo 1), em 6 de novembro de 1959 foi anunciada na coluna *Coisas do Rádio* (figura 23), que em breve os fãs iriam acompanhar as aventuras do herói em histórias em quadrinhos pelas páginas do *Diário da Borborema*, desenhadas pelo próprio autor da novela.

Figura 23 - Coluna coisas do Rádio Anuncia que As Aventuras do Flama será produzida para o DB em 1959



Fonte: Acervo Diário da Borborema.

No entanto, isso só acontece apenas em 10 de junho de 1961, quando *As Aventuras do Flama* passam a ser contada pelo Diário da Borborema, através de tiras em quadrinhos com histórias curtas sem um final, focadas nas cenas de aventuras desenhadas, com patrocínio do Armazém Imperial, como visto na figura 24.

Figura 24 - Primeira Tira de Quadrinhos das Aventuras do Flama em 1961



Fonte: Acervo Diário da Borborema.

A tira não tinha nenhum cunho satírico ou político, mas sim um desdobramento de uma mesma narrativa já apresentada no rádio, como forma de extensão da radionovela, assim como em 1963 é lançado a revista *As Aventuras do Flama*. Na revista de edição 1, anexada a este trabalho e única no acervo pessoal da família, são apresentados os personagens já conhecidos pelo público, um conto d'*As Aventuras do Flama*, curiosidades da radionovela, carta dos leitores, poemas e escritos de Deodato, além dos patrocinadores.

Mike Deodato, durante a entrevista, rememora as histórias que o pai lhe contava sobre o Flama, pois apesar de Deodato sempre mencionar que houve três edições, apenas uma edição havia chegado até ele.

Eu achei, assim, genial ver isso. Nossa, eu não tenho nem ideia disso, é muita coisa que ele mesmo nunca me falou. Então, assim, é muita coisa que ele criou. Acho que ele foi produzindo, produzindo, produzindo e acabou ficando... Ele me disse, a vida inteira, ele disse que saíram pelo menos três números da revista do Flama. E eu sempre achei que painho estava viajando porque só chegou um aqui, talvez tenha realmente saído. Porque eu não sabia desse da tira no jornal. (Borges Filho, 2024)

Compreendendo que a narrativa d'*As Aventuras do Flama* partilhara múltiplos meios de comunicação, seria possível defini-la como transmídia?

Embora o termo transmídia seja trabalhado por Jenkins (2008) refere-se a convergências de mídias no contexto de narrativas integradas, é possível entender o caso das *As Aventuras do Flama* entre a radionovela, tiras de quadrinhos e revista de histórias em

quadrinhos, a partir do conceito original de transmídia definido por Kinder (1993), “como uma forma de texto em que os personagens apareciam através de múltiplas mídias.” (Kinder *apud* Lucas e Moreira 2016, p. 144)

A transmídia é complexa e isso chama a atenção das pessoas, fazendo com que se envolvam mais e consumam mais conteúdo, dependendo do quanto estão interessadas na história. No caso aqui estudado, os ouvintes que já ouviam *As Aventuras do Flama* pelo rádio poderiam acompanhar a história em quadrinhos pelo DB periodicamente, uma vez que não havia uma constância em suas publicações. Numa forma de auxiliar o público a entender e juntar todas as partes da história do herói que podem parecer desconectadas.

Quando se percebe essa conexão entre o meio e o receptor, neste caso a Rádio Borborema, por Deodato Borges, através d’*As Aventuras do Flama*, vale ressaltar o que McLuhan (2007, p. 21) observa: “o meio é a mensagem”. Ou seja, os meios de comunicação mudam bastante como as pessoas se comportam na sociedade. Neste caso, o rádio e o próprio produto midiático não são apenas tecnologias, mas também uma extensão dos sentidos no dia a dia. A tecnologia não afeta diretamente opiniões e conceitos; ela muda como os sentidos funcionam e como é possível perceber as coisas, avançando constantemente e sem muita resistência. Assim, o fã do herói campinense não apenas pode ouvir e imaginar, como também visualizou e leu suas aventuras através da mídia impressa.

Portanto, o Flama sobrevoou pelas ondas hertzianas, inseriu-se nas notícias diárias do jornal e apresentou-se excepcionalmente ainda como revista em quadrinho, o leitor se deparava com a história do super-herói por meio de quadrinhos e de um conto, ricos de aventuras e mistérios. Além da exacerbada publicidade em suas páginas, o fã apresenta sátiras, carta dos leitores, álbum do fan, notícias dos artistas e da cidade, bem como evidencia as então emissoras associadas Rádio Borborema e Rádio Cariri.

O inegável sucesso do Flama lhe rendeu versões da história anos depois da Rádio Caturité em (1967) (Campina Grande), Rádio Clube de Pernambuco e na Rádio Clube de Fortaleza e ainda rende um fiel público que, com admiração, rememora através da internet suas lembranças. No site Retalhos Histórico de Campina encontram-se algumas publicações sobre a radionovela e sobre Deodato Borges, dentre elas, a respeito do *Clube do Agente Secreto*, carteirinhas com identificação e assinatura de Deodato para os ouvintes campinenses, distribuídas durante as transmissões da Borborema, visto no comentário do site e da Caturité, encontrada na imagem postada pelo site.

Mike Deodato recorda carinhosamente da sua carteirinha: “Eu e meus irmãos, todos tínhamos essa carteirinha, a minha era 007. E você precisava tirar nota boa na escola, ser justo e tudo que o Flama ensinava.”

Figura 25 - Retalhos de Campina - Clube do Agente Secreto

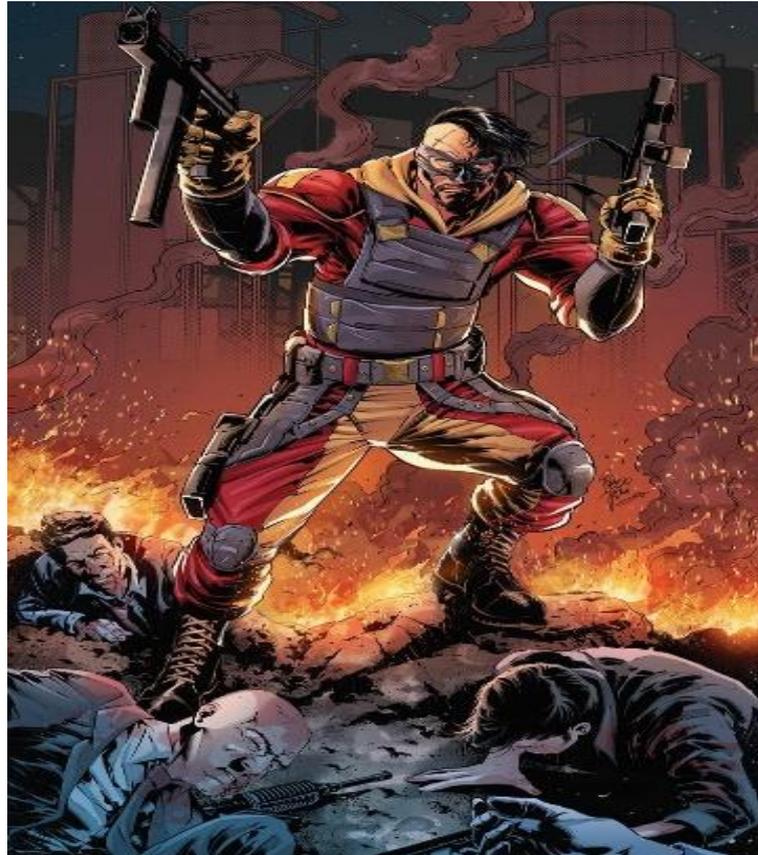


Fonte: Site Retalhos Históricos de Campina. Disponível em:
 <<https://cgretalhos.blogspot.com/2014/08/carteirinha-do-clube-do-agente-secreto.html>>. Acesso em: 20 de abril de 2024.

Assim *As Aventuras do Flama* transcendem através os meios de comunicação, das fronteiras e o tempo, mesmo que as memórias já comecem a falhar, o afeto e o entusiasmo pelo herói chega até as novas gerações através fanarts²¹ (figura 26), e pela revista ‘*O Flama e a Bússola do Destino*’ lançada em 2022 pela editora Memy Media, licenciada por Mike Deodato, com histórias de MJ Macedo e ilustrações de Débora Caritá (figura 27).

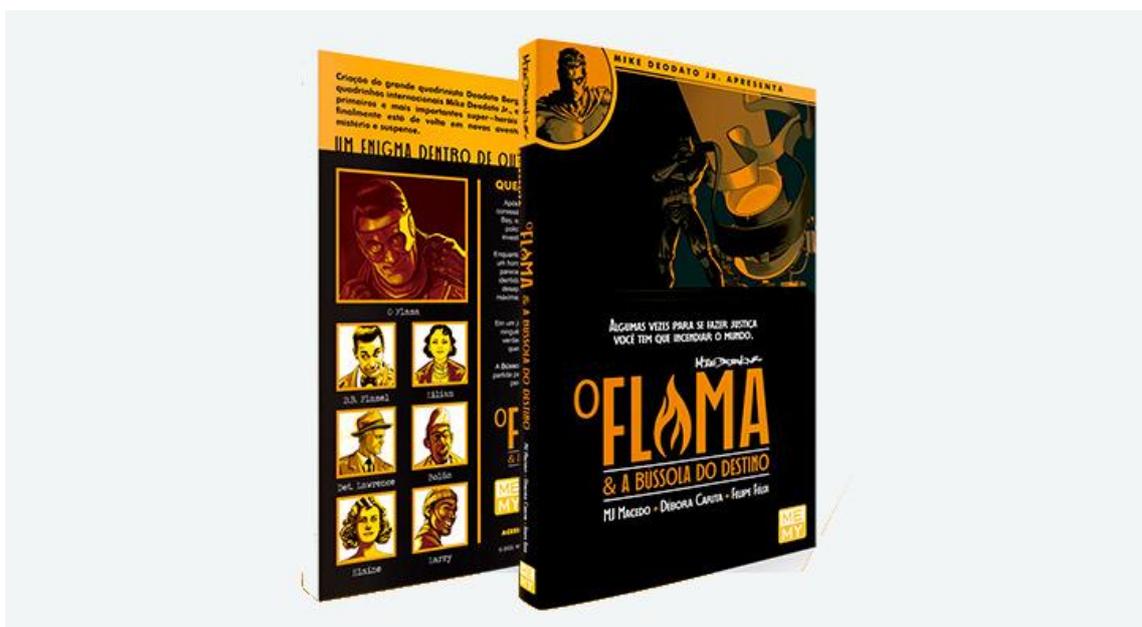
²¹ Artes feita por fãs.

Figura 26 - Fanart do Flama por Ricardo Jaime e Dijjo Lima



Fonte: Grande Almanaque dos Super-Heróis brasileiros. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fbr.pinterest.com%2Fpin%2F291326669653189217%2F&psig=AOvVawIwmS2weg8wkIKUU32nQXAF&ust=1716929676111000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBIQjRxqFwoTCKibsc3broYDFQAAAAAdAAAAABAc>>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

Figura 27 - Capa da revista O Flama e a Bússola de Ouro



Fonte: Site Cartase. Disponível em: <<https://www.catarse.me/flama>>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

Assim, a análise apresentada sobre *As Aventuras do Flama* conclui-se aqui, suscitando um desejo contínuo por novas descobertas, por personagens a serem revisitados e narrativas a serem exploradas. O trabalho realizado conseguiu integrar elementos significativos deste vasto quebra-cabeça que constitui *As Aventuras do Flama*, proporcionando uma compreensão mais aprofundada e abrangente da narrativa do super-herói campinense.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grandes heróis requerem grandes sagas. A trajetória do herói desta dissertação com certeza não chegou ao fim, todavia, chega-se até este momento descobertas relevantes e com algumas considerações a serem ponderadas, pois vale lembrar que antes do início desta pesquisa não havia descrições, nem nomes de artistas que fizeram parte do cast, nem identificação de personagens.

Esta dissertação desbravou um imenso universo inexplorado, pelo qual foi necessário cada recorte, cada imagem, cada fala, cada conceito e teoria que construíram e deram significado ao trabalho aqui apresentado. Por isso, pode-se considerar que os resultados aqui expostos foram positivos para a construção da memória não apenas para a radionovela *As Aventuras do Flama*, mas também para a Rádio Borborema.

Campina Grande é atualmente conhecida nacionalmente pelo Maior São João do Mundo, pelo polo universitário e tecnológico, pelas indústrias têxteis, mas como pode ser observado com esta pesquisa, foi o berço de cultura e entretenimento nacional, por meio de suas novelas, programas e artistas. Elucidando assim, um período áureo do rádio campinense que ainda reflete na radiofonia atual, através de programas que ultrapassam o tempo como Caturité nos Municípios, transmitida pela Rádio Caturité, Patrulha da cidade é exibida pela TV Borborema, e pelos comunicadores locais que carregam a admiração e afeto dos campinenses.

Pois ao longo destas páginas, realizou-se uma trajetória na linha do tempo do rádio com imersões na compreensão do rádio como agente cultural, massificador e de influência local, até ao ponto final, sendo o contexto histórico de 1950 e 1960, quando a radiofonia era o principal meio de comunicação, adentrando ainda, no surgimento de super-heróis e suas passagens pelo meio, até chegar na radionovela *As Aventuras do Flama*.

Com isso, desbravou-se, a partir de uma pesquisa qualitativa, com o uso da História Oral, as memórias dos ouvintes, radialistas pesquisadores e acervos públicos e digitais. Elucidando, portanto, todo o contexto cultural da Rádio Borborema e seu papel de mídia local, como também a apresentação de quadros de programação dos anos de 1957 a 1960, produzidos pela autora. Para ser possível compreender o Flama, a pessoa que o criou, a radionovela e seus desdobramentos.

Neste sentido, foi possível alcançar o objetivo principal de construção da memória da radionovela *As Aventuras do Flama* através dos relatos daqueles que vivenciaram o seu período de transmissão, apoiada por pesquisas documentais em acervos e arquivos pessoais.

Que levaram a perceber o afeto e o legado do personagem para a comunicação paraibana, desde o ambiente da emissora em que estava envolvido, como também ao público fiel da história.

Não apenas apresentou, como também fez descobertas das datas em que foram lançadas a radionovela pela Rádio Borborema no ano de 1959, bem como que houve outra apresentação da história em 1956. Além da produção radiofônica houve a distribuição da carteira do agente secreto para os fãs da novela, na publicação de tiras em quadrinho, a partir de junho de 1961, antecedendo a revista em quadrinhos criada pelo próprio Deodato, além das artes produzidas por fãs e a publicação de uma revista de HQ em 2022, intitulada *As Aventuras do Flama e a Bússola do Destino...*

Mergulhando pelas águas profundas das memórias, identificou os cinco principais personagens: Flama, Eliana, Comissário, Zito e Bolão, interpretados ao longo das transmissões por diversos radialistas, dentre eles os citados foram o próprio Deodato Borges, Silvinha de Alencar, Edileusa Siqueira, Walmir Chaves, Rosil Cavalcanti, Benjamin Bley e Johan Silveira. Que juntos davam vida à narrativa de ação e suspenses, como a aventura intitulada *O Mundo Perdido de Ohan e Flama em O Monstro da Garra Vermelha*. Denotando que o Flama era similar ao Jerônimo, pois partilhavam do mesmo meio de comunicação, mas que de resto não havia nada em comum, pois o Flama carregava muitas características dos personagens norte-americanos inspirados nas leituras de HQ de Deodato Borges.

Ressaltando, portanto, o papel de agente cultural que a Rádio Borborema carrega, pois através d'*As Aventuras do Flama* esteve presente entre seus ouvintes semanalmente nas tardes das segundas, quartas e sextas, às 13:40hrs e provocando os ouvintes a se tornarem espectadores leitores das histórias estampadas no Diário da Borborema e posteriormente na revista em quadrinho. Caracterizando o que Morin (1997) chama de ego-involvement, pois o público infanto-juvenil da radionovela não apenas possuía um papel de espectadores, mas também de membros do Clube do Agente Secreto que davam a eles responsabilidades de fazer o bem, serem justos e respeitar a sociedade.

Logo as hipóteses iniciais, conseguem ser explicadas em partes, pois a partir da análise do material coletado, fosse possível vislumbrar o papel que a radionovela *As Aventuras do Flama* exerceu sobre o seu público, por meio de narrativas de caráter formativo destinadas aos seus ouvintes, visto que o personagem superou a transmissão radiofônica, estando presente por meio de tiras em quadrinhos e revistas de HQ. E também, elucidando através dos relatos e análises documentais a relevância da RB para a criação de Cultura e Entretenimento no país, uma vez que suas produções eram exibidas em rede ou readaptadas para outras emissoras associadas no Brasil.

O que sugere, diante do que foi apresentado que *As Aventuras do Flama* transmitida pela Rádio Borborema, emissora de maior influência local entre as décadas de 1950 e 1960, possibilitou que sua transmissão obtivesse abrangência e influência entre os campinenses, pela narrativa fantasiosa de ação e suspense, mas também pela moral que o personagem carregava consigo dedicado diretamente ao público infanto-juvenil.

Entretanto, embora este trabalho esteja em suas páginas finais, o objeto de estudo *As Aventuras do Flama* leva a diversas possibilidades de estudo e de descobertas, como o entendimento transmidiático da narrativa, as tiras em quadrinhos das histórias descobertas a partir desse trabalho. Além do vasto campo de possibilidades de pesquisa a respeito da Rádio Borborema, visto que a mesma atuou como meio de comunicação, mas também de socialização, de cultura e mídia local. Pois, os relatos aqui apresentados fazem parte de uma história que marcou gerações e perdura até os dias atuais.

É possível considerar ainda que, esta pesquisa foi além do proposto, adentrando na memória da Rádio Borborema, descobrindo-a como uma emissora associada de produções locais, que abrangia o contexto social e cultural da cidade, sendo para região um meio de socialização, uma vez que através de seus programas a emissora reunia, as pessoas se reuniam para escutar o rádio ou ser o próprio local de entretenimento, que levava indivíduos de todas as idades a viverem as atrações dos auditórios ou escutar pelos corredores os programas gravados no estúdio.

Se no início do século era o algodão colorido que fazia Campina ultrapassar fronteiras geográficas e se destacar nacionalmente, durante as décadas de 1950 e 1960 foram as histórias campinenses que excediam as fronteiras culturais, através de scripts de novelas para demais emissoras associadas do país, como a Tupi do Rio de Janeiro e Atlântica de Santos, dentre elas: Deus e o Demônio, Abandonados, Anjo Negro e Maria La-ô.

Promovendo também, o destaque ao produtor e criador *d'As Aventuras do Flama*, Deodato Borges que foi radialista, desde produtor até apresentador e ator, como também jornalista, escritor e desenhistas, suas HQs, fossem nas tiras do Diário ou pela revista, em si, era produzida totalmente por ele, desde as histórias como os desenhos. Não é à toa que, como ressaltado pelo seu filho Mike Deodato, estava sempre mudando de cidade para reacender as emissoras ou diários associados pelo Nordeste.

Em suma, este estudo reafirma a importância histórica e cultural da Rádio Borborema para o Nordeste, quiçá para o Brasil. Ao documentar e analisar um pouco sobre a RB e sobre a radionovela *As Aventuras do Flama*, bem como seu impacto na sociedade local, espera-se que esta pesquisa contribua para uma maior valorização e preservação da memória

radiofônica. Reconhecendo o papel fundamental que o contexto histórico da Era do Ouro do Rádio Campinense desempenhou na socialização e na formação de identidade cultural da comunidade, essencialmente na continuação de pesquisas que valorizem a história do rádio paraibano, garantindo que a rica herança cultural do rádio campinense não se perca com o tempo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do Cpdoc.** Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1990.

ALVES, Eveline; MORAIS, Wilma. **Radionovela: cenas longe dos olhos.** II Encontro Rede Alfredo de Carvalho. Florianópolis, de 15 a 17 de abril de 2004. GT - História da Mídia Sonora, Coordenação: Prof. Ana Baum (UFF).

ANDRÉ PIVA (Paraíba). Autor do Projeto Técnico-Cultural da UFPB (ed.). **Deodato Borges.** 2016. Disponível em: <https://paraibacriativa.com.br/artista/deodato-borges/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

ARAÚJO, Adriano; SOUSA, Emmanuel (org.). **Grandes Nomes de Campina Grande: Fernando Silveira.** Fernando Silveira. 2014. Disponível em: <https://cgretalhos.blogspot.com/2014/11/grandes-nomes-de-campina-grande.html>. Acesso em: 24 fev. 2024.

AZEVEDO, Lia Calabre de. **No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano 1923-1960.** 2002. 277 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2002_AZEVEDO_Lia_Calabre-S.pdf>. Acesso em: 30 set. 2023.

BALL, David. **Para frente e para trás: um guia para leitura de peças teatrais.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do Rádio: textos e contextos**, vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio.** São Paulo: Paulinas, 2003.

BIANCO, Nélia Rodrigues Del. **Rádio, cotidiano e identidade cultural.** In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Teresina: Edufpi, 2009. p. 01-08.

BOSI, Éclea. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Habitus, code et codification.** Actes de la Recherche en Sciences

BRANCO, Samantha Castelo. **História Oral: Reflexões Sobre Aplicações E Implicações.** *Novos Rumos Sociológicos*, Pelotas, v. 08, n. 15, p. 08-27, jul. 2020. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/NORUS/article/view/18488/11674>. Acesso em: 20 fev. 2024.

BRITO, Rosildo Raimundo. **Humor Politizado: o uso das ilustrações satíricas na imprensa paraibana nos anos 70.** *Fronteiras*, [S.L.], v. 20, n. 35, p. 137-153, 22 ago. 2018. Universidade

Federal de Grande Dourados. <http://dx.doi.org/10.30612/frh.v20i35.8637>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5882/588261552012/html/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e história**. Campina Grande: EDUFPG, 2009.

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio – Memória e História**. In: Simpósio Nacional de História, 22., 2003, João Pessoa. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. CD-ROM. Disponível em: <<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposiosanpuh/24-snh22?start=380>>. Acesso em: 04 jan. 2023.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. [S. l.]: Zahar, 2004.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

CAPARELLI, S. **Comunicação de massa sem massa**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1986. (Novas buscas em comunicação).

CARDOSO, Athos Eichler. **A origem das séries de aventura e mistério da radiofonia brasileira e sua interação como história em quadrinhos (1940-1959)**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 21., 1998, Recife. Anais. Recife: Intercom, 1998. p. 01-10.

CARVALHO, Gilmar de. **Tramas da cultura: comunicação e tradição**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.

CASÉ, Rafael. **Programa Casé: o rádio começou aqui**. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

COSTA, Jeanette Ferreira da. **A trajetória artística inovadora de Oduvaldo Viana**. In: VIANA, Oduvaldo. Herança de Ódio/Oduvaldo Viana. Coordenação e edição de texto: Laura do Carmo. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2007.

COVEIRO. **Deodato Borges, criador do Flama, despediu-se hoje**. 2014. Disponível em: <https://www.marvel616.com/2014/08/deodato-borges-criador-do-flama-se.html>. Acesso em: 18 maio 2024.

DIÁRIO DA BORBOREMA. Campina Grande, 11 out. 1957 – 01 jul. 1961. Acervo.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Roberto Landell de Moura, o pioneiro brasileiro das telecomunicações**. In: KLÖCKNER, Luciano; CACHAFEIRO, Manolo Silveiro (Orgs.). *Por que o padre Roberto Landell de Moura foi inovador?* Porto Alegre: Editora da PUCRS/Prefeitura de Porto Alegre, 2012. p. 38-54. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0226-8/pages/v2.pdf>. Acesso em 14 out. 2023.

FERREIRA, Andreia da Paixão. A invenção do rádio: um importante instrumento no contexto da disseminação da informação e do entretenimento. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, p. 1-17, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/download/16969/13731/48074>. Acesso em: 30 set. 2023.

FRANÇA, João Paulo. **A Cidade e as Ruas: crônicas e memórias na campina grande da primeira metade do século xx**. Campina Grande: Edufcg, 2020. 202 p. Livro Digital. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/29598/A%20CIDADE%20E%20AS%20RUAS%20-%20E-BOOK%20EDUFCG%202020.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 fev. 2024.

FREITAS, Goretti Maria Sampaio. A trajetória histórica da radiofonia campinense: do altofalante ao FM. In: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de; OLIVEIRA, Flavianny Guimarães de; FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande**. Campina Grande: Edufcg, 2006. p. 125-174.

GRAVE, João; COELHO NETTO, Henrique Maximiliano (Org.). **Novo dicionário enciclopédico luso-brasileiro**. Porto: Lello, 1930s 2v.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Verpice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KAPLÚN, Mario. **Producción de programas de rádio: el guión, la realización**. Quito: Ciespal, 1978.

KOOIMAN, Michael. **O Espírito: Quadrinhos de Qualidade: criado por will eisner**. Criado por Will Eisner. Disponível em: <https://www.cosmicteams.com/quality/profiles/spirit.html>. Acesso em: 18 maio 2024.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão *et al.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Maria Érica de Oliveira. (RE) PENSAR A CULTURA: subvenção da mídia regional e da identidade. **Revista Observatório**, [S.L.], v. 4, n. 5, p. 396-412, 1 ago. 2018. Universidade Federal do Tocantins. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p396>. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4875>. Acesso em: 25 fev. 2024.

LIMA, Maria Érica de Oliveira. Regionalização midiática: conceitos e exemplos. In: MARÇOLLA, Rosângela; OLIVEIRA, Roberto Reis de (org.). **Estudos de Mídia Regional, Local e Comunitária**. São Paulo: Unimar, 2008. p. 43-76.

LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena. Metacomunicação e paratextos trans midiáticos: como Lizzie Bennet entra e sai da realidade? **Rizoma**, [S.L.], v. 4, n. 2, p. 138, 31 dez. 2016. APESC - Associação Pro-Ensino em Santa Cruz do Sul. <http://dx.doi.org/10.17058/rzm.v4i2.6847>. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/6847/5629>. Acesso em: 19 maio 2024.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986

MAGALHÃES, Henrique. **Uma história dos quadrinhos paraibanos**. 9º Arte, v. 1, n. 1, p. 23-36, 2012.

MAIOR, Gilson Souto. **Rádio: história e radiojornalismo**. João Pessoa: A União, 2015.

MARANHÃO FILHO, Luiz. Modelo matricial para a retomada do radioteatro. In: BIANCO, Nélia Del; MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: UERJ/UNB, 1999.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. 175 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7370281/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria%20oral%20-%20Como%20fazer%2C%20Como%20pensar%20-%20Fab%20-%20Dola%20-%20Holanda%2C%20Jos%C3%A9%20-%20Carlos%20-%20Sebe%20-%20Bom%20-%20Meihy.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

MENEGUEL, Yvonete Pedra; OLIVEIRA, Oseias de. **O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava**. 2009. Disponível em: <http://s.busca.pr.gov.br/search?q=cache:jxftp6RA4ql8J:www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf+O+r%C3%A1dio+no+Brasil:++DO+SURGIMENTO+%C3%80+D%C3%89+CADA+D+E+1940+E+A+PRIMEIRA+EMISSORA+DE+R%C3%81+DIO+EM+GUARAPUAVA&client=educacao_frontend&output=xml_no_dtd&proxystylesheet=educacao_frontend&ie=UTF-8&site=educacao_collection&access=p&oe=UTF-8>. Acesso em: 12 abr. 2021.

MESQUITA, Giovana Borges; OLIVEIRA, Sheila Borges de; VIEIRA, Gabriel Pedroza da Silva; NASCIMENTO, Luís Enrique Lopes do; LIRA, Thiago José de; ASSIS, Clarissa Thaís Andrade de. **Radionovela: literatura nas ondas do rádio**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. Anais. Belém: Intercom, 2019. p. 1-12.

MIGALHAS. **Campina Grande** - década de 50. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/drprintassilgo/157744/campina-grande/decada-de-50>. Acesso em: 18 maio 2024.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo – 1** - NEUROSE. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAULA, Leon de; COLLAÇO, Vera Regina Martins. **Incêndio da alma: a dramaturgia das radionovelas**. Urdimento, v. 1, n. 20, p. 159-167, 2013.

PEREIRA, William Eufrásio Nunes. Breves notas acerca da formação histórico-econômica de Campina Grande-PB: do gado (século XIX) ao algodão (século xx). *História Econômica & História de Empresas*, [S.L.], v. 19, n. 2, p. 319-346, 27 jan. 2017. **História Econômica e História de Empresas**. Disponível em:

<https://www.hehe.org.br/index.php/rabphe/article/view/446>. Acesso em: 25 fev. 2024.

PIMENTEL, Cristiane Maria Sales. **A Educação está no ar: a Comunicação Pública no programa Jornal da Educação da Rádio Universitária FM**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2017.

PINHEIRO, Isabella Santos. Dos palcos teatrais às ondas do rádio: um breve panorama da trajetória artística de Oduvaldo Vianna. **Revista Vernáculo**, Curitiba, v. 2, n. 46, p. 105-116, 11 nov. 2020. Semestral. Universidade Federal do Paraná.

<http://dx.doi.org/10.5380/rv.v0i46.74785>. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/issue/view/3006/showToc>. Acesso em: 25 fev. 2024.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Trad. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RANDAZZO, Sal. **A criação de Mitos na Publicidade**. Chicago, Illinois. 1993.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A mídia e o lugar na história**. In: *Lugar Comum*, n.11, p. 25-44, 2000. Disponível em <<http://uninomade.net/cgi-sys/suspendedpage.cgi>>. Acesso em 12 mar. 2024.

ROBB, Brian J. **A identidade secreta dos super-heróis - a história e a origem dos maiores sucessos das hqs: do super-homem aos vingadores**. Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

RODRIGUES, Alessandro Paiva. **Pequena história do rádio e da televisão**. 2008. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/pequena-historia-do-radio-e-da-televisao/>. Acesso em: 30 set. 2023.

SAROLDI, Nilza dos Reis; MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. 3. ed. [S.l.]: Zahar, 2005.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SCOLARI, Carlos. **Narrativas transmedia: cuando todos los medios cuentan**. Barcelona: Centro Libros PAPF, 2013

SILVA, Leandro Wagner de Albuquerque da. **(Re) visitando o movimento cultural do Alto José do Pinho: a análise da construção de uma radionovela popular**. 2018. 78 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38888>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SILVA, Paulo Ricardo Muniz; VALE JÚNIOR, João Batista. **Ondas Invisíveis que atravessam o tempo: História e Historiografia do Rádio no Brasil**. In: ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2., 2012, Teresina. Anais. Teresina: Ufpi, 2012. p. 01-18.

SIMÕES, Roberto. **Do Pregão ao jingle**. In: Branco, Renato Castelo, MARTENSEN, Rodolfo L e REIS, Fernando (coord.) História da Propaganda no Brasil. (Coleção Coroa Vermelha. Estudos Brasileiros, v.21. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990. Sociales, Paris, n. 64, p. 40-44, Sept. 1986.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Campina Grande nos anos 50: entre o sonho e a fantasia**. In: ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. Anais. João Pessoa: Anpuh, 2003. p. 01-08.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TINCANI, Daniela Pereira. **Rádio Regional e a cultura midiática – PRA -7 (1924 - 1963)**. In: FERRARETTO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano (org.). **E o rádio?: novos horizontes midiáticos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010. p. 28-42.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular: do gramofone ao rádio e TV**. São Paulo: Ática, 1981.

VIANNA, Graziela Mello; SANTOS, Elias (Org.). **“Você verá por mim”**: no ar, a radionovela e os programas de auditório no dial em Minas. In: DANGELO, Newton; SOUSA, Sandra Sueli Garcia de. 90 anos de rádio no Brasil. 937. ed. Uberlândia/MG: Edufu, 2016. p. 01-211. Disponível em: <http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/ebook_90_anos_de_radio_2016_0.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2023.

VILLAÇA, Iara de Carvalho. **Cenas dos próximos capítulos**: a análise de uma radionovela do século XXI. 2015. 166 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/18119/1/DISSERTAC%cc%a7A%cc%83O%20IARA%20VILLAC%cc%a7A.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2022.

WADJA, Michele; SOARES, Thiago. **Nas ondas curtas do cosmopolitismo**: programa casé e as origens do rádio comercial brasileiro. *Âncora - Revista Latino-Americana de Jornalismo*, [S.L.], v. 7, n. 1, p. 411-433, 9 jul. 2020. Portal de Periodicos UFPB. <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.2359-375x.2020v7n1.51078>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/51078>. Acesso em: 25 fev. 2024.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

XAVIER, Antônio Roberto *et al.* **História oral**: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual. *Rev. Pemo, Fortaleza*, v. 2, n. 1, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3802>

ENTREVISTAS

AGUIAR, Luiz. Luiz Aguiar: Depoimento [fevereiro 2024]. Entrevistador: Ana Geisa Barbosa Viana. Campina Grande: Residência do Entrevistado, 2024. Entrevista concedida ao projeto de Dissertação de Mestrado.

ARRUDA, Maria de Lourdes Almeida de. Maria de Lourdes Almeida de Arruda: Depoimento [março 2024]. Entrevistador: Ana Geisa Barbosa Viana. Boa Vista: Residência do Entrevistado, 2024. Entrevista concedida ao projeto de Dissertação de Mestrado.

BORGES FILHO, Deodato Taumaturgo. Mike Deodato: Depoimento [março 2024]. Entrevistador: Ana Geisa Barbosa Viana. João Pessoa: Residência do Entrevistado, 2024. Entrevista concedida ao projeto de Dissertação de Mestrado.

CESAR, Eraldo. Eraldo Cesar: Depoimento [fevereiro 2024]. Entrevistador: Ana Geisa Barbosa Viana. Campina Grande: Residência do Entrevistado, 2024. Entrevista concedida ao projeto de Dissertação de Mestrado.

COSTA, Francisco de Assis. Chico Alemão. Depoimento [abril 2024]. Entrevistador: Ana Geisa Barbosa Viana. Campina Grande: via chamada por telefone, 2024. Entrevista concedida ao projeto de Dissertação de Mestrado.

MAIOR, Gilson Souto. Gilson Souto Maior: Depoimento [setembro 2023]. Entrevistador: Ana Geisa Barbosa Viana. Campina Grande – João Pessoa, 2024. Entrevista concedida ao projeto de Dissertação de Mestrado.

SILVA, Luiz Custódio. Luiz Custódio: Depoimento [maio 2024]. Entrevistador: Ana Geisa Barbosa Viana. Campina Grande: Residência do Entrevistado, 2024. Entrevista concedida ao projeto de Dissertação de Mestrado.

SOUZA, Antônio Clarindo. Antônio Clarindo Souza: Depoimento [março 2019]. Entrevistador: Ana Geisa Barbosa Viana. Campina Grande: UEPB, 2019. Entrevista concedida ao artigo O Rádio campinense: Palcos e protagonistas dos programas de Auditório.

APÊNDICE A – PROGRAMAS TRANSMITIDOS NA RÁDIO BORBOREMA²²

Quadro 4 – Programas Transmitidos no ano 1957

Programas	Horário	Produtor ou Animador
1957		
Cidade se Diverte	20:30 (terça-feira)	Apresentadores: Hilton Motta (1957); Nelson Amaral e Rui Brasil (1958); Mac Dowell Holanda e Pinto Lopes (1959)
Teatro das Emoções	19h (domingo)	Produtor: Fernando Silveira
Ranchinho na Soçaité	17h (segunda a sexta-feira)	Apresentadores: Ranchinho e Rosinhas
Estrela do meio Dia	12h (domingo)	Apresentadores: Geisa Reis
Não me bata papai	21h (segunda-feira)	Produtor: Fernando Silveira
Parada dos Campeões	13h (domingo)	Produtor: Deodato Borges
A Voz dos Municípios	18h (segunda a sexta-feira)	Diretor: Epitácio Soares
Marmelândia	20h (domingo)	Produtor: Max Nunes
O País das Maravilhas	20h (domingo)	Produtor: Max Nunes
Uma Pulga na camisola	20h (domingo)	Produtor: Max Nunes
Álbum Musical		
Vesperal das Moças	1957 (16h – terça e quinta-feira); 1959 (17h segunda e sexta-feira)	Produtor: Deodato Borges
Clube da Música	5:35 (segunda a sexta-feira)	Ronaldo Eloy

Fonte: Autora (2024)

²² Os quadros apresentados em apêndice, referem-se a coleta de dados realizada através de uma pesquisa documental no acervo do Diário da Borborema entre o período de 1957 a 1960, até quando foi encontrado material a respeito do rádio campinense. As informações expressas nos quadros são todo material acerca da programação da RB, por isso em alguns estão incompletos.

Quadro 5 - Programas Transmitidos no ano 1958 coletadas no acervo do Diário da Borborema

Programas	Horário	Produtor ou Animador
1958		
O céu é o Limite	Especial de aniversário	Produtor: Ramos Filho
Terra Mater	Especial de aniversário	Produtor: Ramos Filho
Um Leito de verde grama e uma lençol feito de estrelas	Especial de aniversário	Produtor: Ramos Filho
Retalhos do Sertão	8h (segunda a sexta-feira)	Apresentador: 1958 Epitácio Soares; 1959 : Juraci Palhano
Encontro com o passado	06:05h (segunda a sexta-feira)	Produtor: Dário Silva
Mundo dos calouros		Apresentador: Ari Rodrigues
Os Melhores do Rádio de 1958	Especial	Produtor: Deodato Borges
Clube do Papai Noel	10:05h (domingo)	Apresentador: Eraldo Cesar
Escolinha do Nicolau		Produtor: Eraldo Cesar
Pastoril do Rosário	Especial	Apresentadores: Joel Carlos e Ari Rodrigues
Tocam os Sinos de Belém	Especial de Natal	
Feliz Natal	Especial de Natal	
Noite Santa	Especial de Natal	
Programa das Roupas Renner	20:05h (domingo)	Apresentador: Gil Gonçalves
Panorama	22h (segunda a sexta-feira)	Fernando Silveira
O Grande Jornal Borborema		Fernando Silveira
Matutino Tupi		Retransmitido da Tupi

Fonte: Autora (2024)

Quadro 6 - Programas Transmitidos no ano 1959 coletadas no acervo do Diário da Borborema

Programas	Horário	Produtor ou Animador
1959		
Páginas Orientais	12h (domingo)	
Epopéia do Samba	19:30 (domingo)	Produtor: Fernando Silveira
Semana em Revista	21:30 (domingo)	Produtor: Fernando Silveira
Girafolias		Apresentador: Palmeira Guimarães
Clube do Fan		Produtor: Deodato Borges
Página Social Campinense		Produtor: Deodato Borges
Variedades		Produtor: Ari Rodrigues
Veredictum		Produtor: Fernando Silveira
Charadinhas Costa	20h (domingo)	Apresentador: Gil Gonçalves
Muito bem, não apoiado	11:05 (segunda a sexta-feira)	Produtor: Dário Silva Apresentador: Deodato Borges e Joel Carlos
Carnaval em sua casa	7h (domingo)	Apresentador: Mac Dowell Holanda
Enquanto o mundo está girando		Apresentador: Mac Dowell Holanda
Teatro de Comédias	21:05 (segunda a sexta-feira)	Produtor: Genésio de Souza
Atualidades Borborema	21:35 (segunda a sexta-feira)	Produtor: Deodato Borges
Onde se inspira o poeta		Produtor: Dário Silva
Histórias do tio Iôio	20:35	Produtor: José Elmano
Nas Malhas da Lei	20:35	Produtor: Deodato Borges
Salve a Retreta	20:05h (domingo)	Produtor: Genésio de Souza
Feira de Amostras	8:30 – 10h (domingo)	
Expresso da Alegria	20:30	Apresentadores: Paschoal Carrilho e Gilberto Patrício
Festival	15h (sábado)	Produtor: Ari Rodrigues
Teatro de Outro Mundo	22h (domingo)	Produtor: Deodato Borges
Informativo Singer	(segunda a sexta-feira)	Apresentador: Nelson Amaral

Conquistadores do Espaço	20:35h (quarta-feira)	Produtor: Deodato Borges
Bom dia para você	11h (segunda a sexta-feira)	Produtores: Palmeiras Guimarães e José Elmano
Nordeste em Foco		Rádio Borborema e Rádio Clube de Pernambuco
Crônica do dia	12h (segunda a sexta-feira)	Produtor: Genésio de Souza
10 minutos com o Rei do Baião		
O Nazareno	Especial da Semana Santa	Produtor: Fernando Silveira
Serenata	20:30 (domingo)	Produtor: Fernando Silveira
Informações Agrícolas	10:30 (terça, quinta e sábado)	
Coletânea Musical	5:30 (segunda a sexta-feira)	Produtor: Mac Dowell Holanda
Álbum Feminino	9h (segunda a sexta-feira)	
Prévia Eleitoral	13:05 - 13:20 (período eleitoral)	
Cinema do Espaço	21:05	Produtor: Deodato Borges
Desfile de Êxitos	21:35 (sexta-feira)	
Semana em Revista	22:05	
Alegria vai a sua casa	14h (domingo)	
No Mundo da Ciência	21:35h (sábado)	
Você faz o programa		Produtor: Joel Carlos
Pioneiros do Espaço	Especial de Aniversário	Produtor: Fernando Silveira
Tango que não cantei		
Lágrimas e Melodias		
Rapsodia Carnavalesca		
Ritmos Afro-brasileiros		
O Show que Vale Milhões		
Desfile de Grandes Melodias		Produtor: Ronaldo Eloi
Campina Antiga	Especial de Aniversário	Produtor: Genésio de Souza
“Galos” da Borborema		
Peço a palavra		

Diálogo de Caboclo	Especial de Aniversário	Produtor: Dário Silva
O mundo pelo Averso		
A Dança dos 7 véus		
Seu Criado	Especial de Aniversário	Produtor: Eraldo Cesar
O telefone		
Esse menino não se cria		
Falando de discos	21:05	
Maior Espetáculo da Lua	Especial de Aniversário	Produtor: Pinto Lopes
Pedrinha Mágica		
Forró de Zé Lagoa	20h (sábado)	Produtor: Rosil Cavalcanti
A felicidade não Avisa	Especial de Aniversário	Produtor: Deodato Borges
Numa noite de Natal	Especial de Natal	Produtor: Deodato Borges

Fonte: Autora (2024)

Quadro 7 - Programas Transmitidos no ano 1960 coletadas no acervo do Diário da Borborema

Programas	Horário	Produtor ou Animador
1960		
A Voz da América	21:05h (quarta-feira)	
Poemas da Noite	21:05h	Produtor: Deodato Borges
Concertos dos Estados Unidos		Consulado Americano
Velhas Valsas, Velhos Dobrados	20:35h	
Este Mundo Curioso	09:05h (domingo)	Produtor: Genésio de Souza
Música e Romances	21:35h (quinta-feira)	
Musical Agrícola	08:50h (domingo)	Produtor: Deodato Borges
O Seu Grande Teatro	21h (domingo)	
Carnaval da Saudade	19h (domingo)	
Festival de Choros	20:35h	
Carnaval na onda		
Carnaval é nosso	20:35h	Produtor: Ari Rodrigues
Enciclopédia no ar	20:35h	Produtor: Genésio de Souza
Revista do cinema	20:35h (terça-feira)	Produtor: Deodato Borges
Ídolos da Música Popular	21:05h (sexta-feira)	
Instantâneos da América	21:30h	
Batistas em Marchas	21:40h	
Ritmos dentro da Noite	23h	
Vamos Falar	20:30h	Cada produtor associado ficava responsável por um dia da semana apresentar uma crônica.
Os Grandes Milagres da Ciência		Deodato Borges
Bossa Nova		Deodato Borges
Uma Tribuna para o Povo		

Fonte: Autora (2024)

APÊNDICE B – NOVELAS TRANSMITIDAS NA RÁDIO BORBOREMA DE 1957 A 1960

Quadro 8 - Novelas transmitidos entre os anos de 1957 a 1960 coletadas no acervo do Diário da Borborema

Novela	Autor	Horário
1957		
Tempestades nos corações	Genésio de Souza	20:05h (terça, quinta e sábado)
As Aventuras do Flama	Deodato Borges	16h (Segunda, quarta e sexta-feira)
Quanto vale uma vida?		
A Lei dos Mais Fortes	Jota Silvestre	
1958		
Anjo Negro²³	Fernando Silveira	
Maria La-ô²⁴	Fernando Silveira	
Página de Glória	Fernando Silveira	
Degradação	Luiz Quirino	
1959		
Deus e o Demônio²⁵	Fernando Silveira	20:05h (sexta-feira)
Ilha dos Mortos	Deodato Borges	20:05h (segunda, quarta e sexta-feira)
A Escrava do Passado		17h (terça, quinta e sábado)
Meu filho descanse em paz²⁶	Fernando Silveira	17h
Abandonados²⁷	Fernando Silveira	17h
Corações Humanos²⁸	Fernando Silveira	17h
O Cavaleiro da Vingança	Deodato Borges	20:05h

²³ Passa a ser apresentada pela Rádio Tupi do Rio de Janeiro, outrora já havia sido transmitida pela Rádio Borborema.

²⁴ Passa a ser transmitida na Rádio Atlântica de Santos, na Borborema esta novela estreou em 1950.

²⁵ Esta novela é lançada simultaneamente na Rádio Borborema e na Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

²⁶ Passa a ser apresentada pela Rádio Tupi do Rio de Janeiro, outrora já havia sido transmitida pela Rádio Borborema.

²⁷ Novela que sucede a Meu Filho Descanse em Paz na Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

²⁸ História que sucede Abandonados na Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

As noivas morrem no mar²⁹	Ivani Ribeiro	17h (terça, quinta e sábado)
O moço loiro	Deodato Borges	
A saudade não morreu³⁰	Victor Berbaça	10:30h (segunda, quarta e sexta-feira)
Piedosa Mentira	Fernando Silveira	20:05h (segunda, quarta e sexta-feira)
Remake – As Aventuras do Flama	Deodato Borges	13:40h
Paixão de Cigano	Deodato Borges	20:05
Uma luz no meu caminho³¹	Dário Silva	17h
Cartas de Amor³²	Dorgival Vilar	17h
1960		
O Último Capítulo	Fernando Silveira	20:05
Escravos do Destino³³	Deodato Borges	20:35
Uma Raio de Sol	Moysés Weltman	
Semente do Ódio	Moysés Weltman	
A menina do veleiro azul		
Onde está o meu filho?	Jota Silvestre	17:05h (terça, quinta e sábado)
Um lírio na tormenta	Adaptação de Ivani Ribeiro	17h (terça, quinta e sábado)
Estrada sobre o abismo		17h (segunda, quarta e sexta-feira)

Fonte: Autora (2024)

²⁹ Exibida pelo Grande Teatro Lever

³⁰ Exibida pelo Grande Teatro Cimal

³¹ Apresentada no Teatrinho das Cinco no Vespéral das Moças

³² Apresentada no Teatrinho das Cinco no Vespéral das Moças

³³ História transmitida em um novo horário de novelas patrocinado pela São Braz, intitulado: Teatro de Novelas São Braz

**APÊNDICE C – PATROCÍNIOS DA PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO BORBOREMA
ENTRE 1957 E 1960.**

Quadro 9 – Patrocínio da programação entre os anos de 1957 a 1960 coletados no acervo do
Diário da Borborema

Patrocinadores	Comércio
Armazém Guarany	Regional
Industrias Reunidas São Braz	Local
Farmácia Modêlo	Local
Drogaria Central	Local
Real Aerovias	Nacional
Lojas Renner	Nacional
Costa Santos	-
Mocambo	Regional
Novo Continente	Local
Joalheria Santa Sofia	Local
Cesar Alfaiate	Local
Revista Intimidades	-
Sabão Português	Nacional
Sabão Girafa	Regional
Chiclete Big Bola	Nacional
Sabonete Lever e Pasta Lever	Nacional
Cimal	Nacional

Fonte: Autora (2024)

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS OUVINTES

FICHA SOCIAL	
NOME:	
IDADE:	
ENDEREÇO	
PROFISSÃO:	
CONTATO:	
DATA DA ENTREVISTA:	

ENTREVISTA PARA OS OUVINTES/ESPECTADORES DA RADIONOVELA AS AVENTURAS DO FLAMA OU RB

EIXO I - O PERFIL DOS OUVINTES:

- Quantos anos você tinha quando escutava As Aventuras do Flama?
- Onde você morava?
- Você estudava? Fazia qual série?
- Qual era o seu personagem favorito? Por quê?
- Você imaginava alguma aparência para o Flama ou de outro personagem?
- A história do Flama era similar a alguma outra que você conhecia?
- Você lembra de algum episódio ou momento marcante da história?

EIXO II - A TRAMA:

- As Aventuras se passavam a onde?
- Quais os vilões da trama e o que eles faziam?

EIXO III - A ESCUTA E A VIVÊNCIA:

- Você geralmente escutava onde e com quem?
- Como era a preparação para escutar a novela?
- Na escola, as outras crianças falavam sobre?
- Seus vizinhos e familiares escutavam a história também? Vocês conversavam sobre?
- Você acha que o Flama ensinava algo? Você aprendeu algo com o super-herói?
- A trama influenciava no cotidiano?

APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS RADIALISTAS

FICHA SOCIAL	
NOME:	
IDADE:	
ENDEREÇO	
PROFISSÃO:	
CONTATO:	
DATA DA ENTREVISTA:	

ENTREVISTA PARA OS RADIALISTAS/ PRODUÇÃO DA RADIONOVELA AS AVENTURAS DO FLAMA

EIXO I - CONHECENDO OS RADIALISTAS:

- Você é natural de Campina Grande?
- Quando começou a trabalhar com rádio?
- Antes de trabalhar na radionovela, As Aventuras do Flama, você já trabalhava com rádio? Em qual emissora?
- Você já havia atuado em outras radionovelas antes do Flama?
- Quais programas, além de novelas, você integrava?
- Quantos anos você tinha quando fez parte da produção As Aventuras do Flama?
- Além do rádio você trabalhava em alguma outra profissão?
- Você atuou como personagem na radionovelas As Aventuras do Flama?
- Quem fazia parte do elenco?
- Você lembra de algum episódio ou momento marcante da história?

EIXO II - A TRAMA:

- Quais eram os personagens da radionovela?

- Como pode ser caracterizado o personagem do Flama? E do personagem que você fez?
- Quem eram os vilões da trama e o que eles faziam?
- A história do Flama era similar a alguma outra que era transmitida na época?
- O que esta radionovela tinha de diferente de outras produções da RB?
- A exibição da novela era diária? Semanal? Qual o horário?
- Como era a rotina dos bastidores para levar o capítulo ao ar?
- Quantas pessoas eram necessárias para colocá-lo no ar?

EIXO III - A PRODUÇÃO E A SOCIEDADE:

- As pessoas o reconheciam na rua pelo personagem?
- Vocês recebiam cartas de ouvintes ou recados ou visitas pela radionovela?
- Havia alguma caracterização dos personagens para participar de outros programas?
- A radionovela As Aventuras do Flama tinha algum caráter educativo para os ouvintes?
- A trama influenciava no cotidiano da cidade?

APÊNDICE F – ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM MIKE DEODATO

FICHA SOCIAL	
NOME:	
IDADE:	
ENDEREÇO	
PROFISSÃO:	
CONTATO:	
DATA DA ENTREVISTA:	

ENTREVISTA PARA MIKE DEODOTO JR.

EIXO I - SOBRE MIKE DEODATO:

- Você é natural de Campina Grande?
- Como o seu pai lhe inspirou a ser desenhista?
- Você viveu a infância na Paraíba?
- Você trabalhou com seu pai na comunicação além dos desenhos?

EIXO II - SOBRE DEODATO BORGES:

- Nome completo?
- Data de nascimento?
- Cidade natal?
- Em quais cidades ele morou ao longo da vida?
- Casou-se com?
- Teve quantos filhos? Nomes?
- Ele trabalhou em quais empresas de comunicação?
- Além de radialista, desenhista, quais as outras ocupações dele?

- Você sabe calcular quantas obras midiáticas o seu pai criou?
- Ele tinha algum personagem ou alguma produção preferida?
- De onde ele se inspirou para criar histórias de fantasia?

EIXO III - SOBRE AS AVENTURAS DO FLAMA:

- Quando o Flama foi criado?
- Deodato criou primeiro o desenho do herói ou a história da radionovela?
- Ele se caracterizava como o Flama?
- O personagem do Flama tinha traços do seu pai?
- Quais os principais personagens da história e suas características?
- Qual era o seu personagem favorito? Por quê?
- A trama do Flama, transbordava as fronteiras regionais e até nacionais, como o seu pai criava esses enredos?
- Além da radionovela, quais os outros desdobramentos do personagem que seu pai participou e criou?
- Seu pai guardava scripts? Rascunhos? Desenhos?
- Ele lançou quantas revistas do Flama?
- Como era a produção desses desenhos?

EIXO IV - OLHAR SOBRE AS AVENTURAS DO FLAMA:

- Você imaginava uma identidade para o Flama ou de outro personagem?
- A história do Flama era similar a alguma outra produzida na época?
- Você lembra de algum episódio ou momento marcante da história do Flama?
- O Flama possui características similares a um super-herói americano?
- Com mais visibilidade, o Flama teria mais reconhecimento nacional?
- O Flama teve algum papel na sua escolha de profissão?
- Como seria um Flama nos dias atuais?
- Você já pensou em seguir o legado do personagem?

ANEXO 1 – REVISTA AS AVENTURAS DO FLAMA Nº 01

Figura 28 - Página 03 - Revistas As Aventuras do Flama

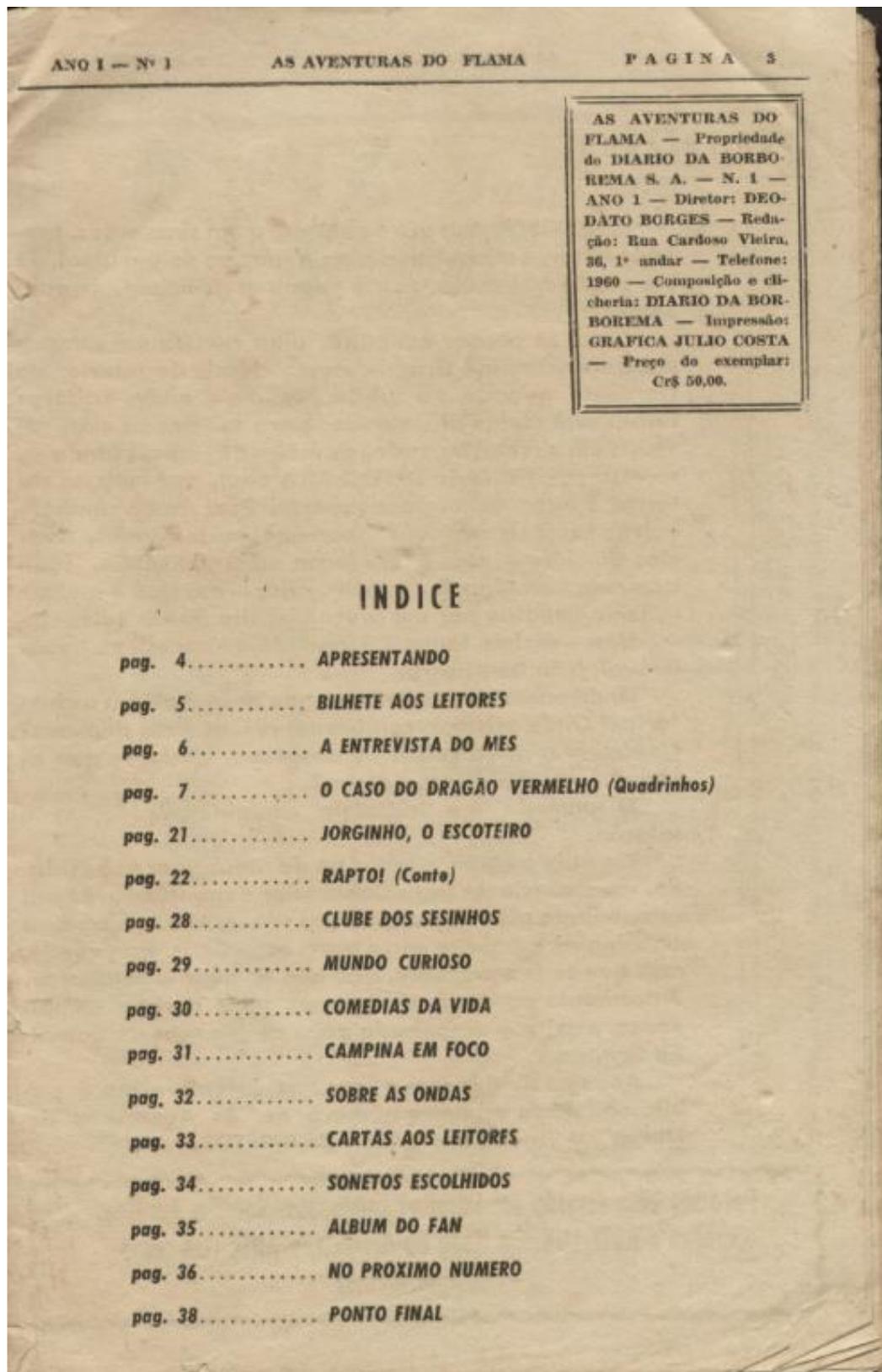


Figura 29 - Página 04 - Revistas As Aventuras do Flama

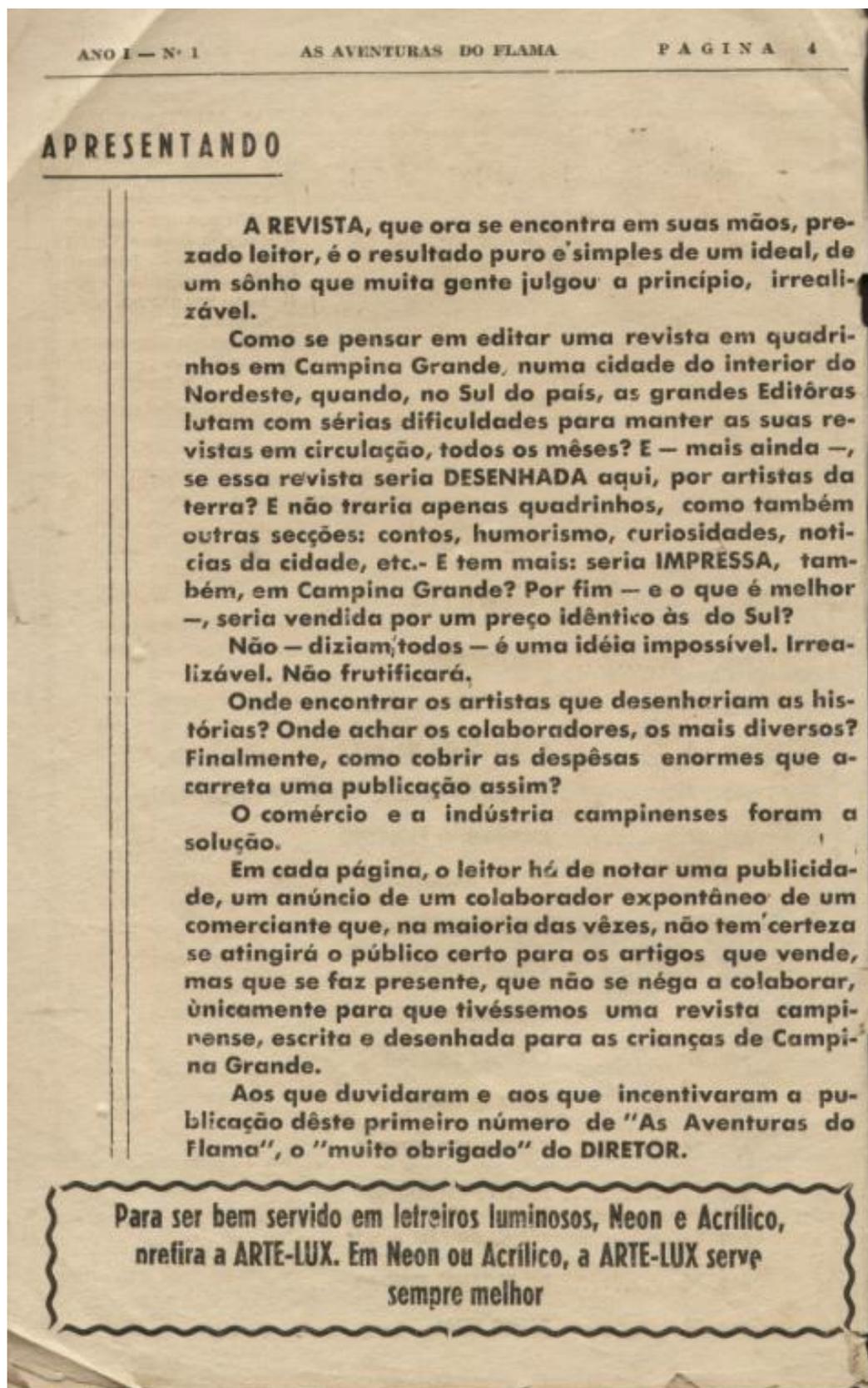


Figura 30 - Página 05 - Revista As Aventuras do Flama

ANO I — N.º 1 AS AVENTURAS DO FLAMA PÁGINA 5



Bilhete aos LEITORES

Meus amiguinhos:

A revista que vocês estão começando a ler, neste momento, é um relato completo das minhas mais emocionantes aventuras, demonstrando, através das histórias em quadrinhos, que o crime não compensa e que, onde quer que haja um criminoso, aí estará um defensor da Lei, lutando para que se faça justiça.

O nosso desejo, antes de tudo, publicando as minhas aventuras em quadrinhos, é mostrar a vocês — crianças de hoje e homens de amanhã —, que existe, na vida, dois caminhos a seguir: um, que nos leva ao Mal, outro, que nos conduz ao Bem e que, com o correr dos anos, os más receberão o castigo e os bons serão recompensados.

Portanto, vocês que gostam das minhas aventuras, que sempre acompanharam a minha luta em defesa da Justiça, através do rádio, e que agora, passarão a acompanhá-la, também, nas páginas desta revista, devem praticar sempre boas ações, colocando-se ao lado da Lei e da Ordem, em todos os momentos de suas vidas.

Por hoje, é só.

O Flama

O CREDIARIO VERAS, de G. Ferreira Vêras, é o maior empório de artigos domésticos da cidade: rádios, radíolos, liquidificadores, enceradeiras, baterias de alumínio, máquinas de costura e outros artigos. Bicicletas GORICKE, famosas no mundo inteiro. Tudo em suaves prestações mensais — CREDIARIO VERAS —
Rua Semello Leal, 63

Figura 31 - Página 06 - Revista As Aventuras do Flama

ANO I — Nº 1 AS AVENTURAS DO FLAMA PÁGINA 6

A ENTREVISTA DO MÊS



— Nome?

— Aécio Diniz Almeida.

— Onde e quando nasceu?

— Em Cajazeiras, no dia 27 de julho de 1940.

— Profissão?

— Radialista, Jornalista e Secretário do Ginásio Agrícola campinense.

— Na imprensa que função exerce?

— Locutor-Comercial e Diretor do Departamento de Rádio-Jornalismo e programa «A VOZ DOS MUNICÍPIOS», na Rádio Borborema, e redator do Diário da Borborema.

— Divertimento predileto?

— Cinema, preferencialmente o francês.

— Lê revistas em quadrinhos?

— Sim.

— Quais as melhores na sua opinião?

— Depende do gênero. No humorismo, por exemplo, gosto muito de «Ferdinando» e «Luluzinha». Na série tétrica, aprecio «O Terror Negro». Creio que gostarei das «Aventuras do Flama», revista que honra, sem dúvida alguma, a cidade de Campina Grande.

— Não se envergonha em dizer que gosta de quadrinhos?

— Pergunta oportuna esta. Aliás, muita gente grande se envergonha em dizer que lê revistas em quadrinhos. Para bobagem. Qualquer leitura, em qualquer modelo ou estilo, quando sadia enaltece o espírito e aprimora o intelecto.

— Por outro lado, ninguém pode negar que a revista em quadrinho desenvolve, na criança, a inclinação para a leitura, o que é muito bom.

— Mais alguma declaração?

— Desejo felicidades a garizada campinense, leitora desta revista.

Não há figurinhas difíceis!
O que há são prêmios valiosos distribuídos com os colecionadores do belíssimo álbum das BALAS CENTENARIAS, contando a história de Campina Grande, inclusive a oportunidade ganhar um TELEVISOR! Colecione as BALAS CENTENARIAS — verdadeiramente fabulosas!

Figura 32 - Página 07 - Revista As Aventuras do Flama



Figura 33 - Página 08 - Revista As Aventuras do Flama

ANO 1 — Nº 1 AS AVENTURAS DO FLAMA PÁGINA 8



É noite alta. O silêncio é completo. No 11º andar de um edifício, Jorge Moreira lê um livro, numa sala iluminada apenas pela lâmpada de um quebra-luz. Homem de meia idade, vive sozinho, separado da esposa. Súbito, ouve um ruído estranho no apartamento. — «Quem está aí?» — pergunta. Um tiro corteiro é a resposta.

A bala acerta-lhe o coração. E ele cai, já sem vida, pesadamente, sobre o tapete azulado. Volta o silêncio ao apartamento semi-escuro. Ante as vidraças da janela, uma sombra sinistra tudo observa. Na rua, trilha o apito de um policial. A sombra se movimenta, rapidamente. Com agilidade incrível, abre a janela e desce pela escada de incêndio.

Mínutos depois, alguém bate na porta. Na sala, o vento, entrando pela janela aberta, movimenta os cabelos do morto, estirado sobre o tapete, sinistramente. A porta é derrubada. Entram policiais. O comissário Laurence na frente. — «Que é isso?» — pergunta a si mesmo o homem da lei. E apanha, junto a vítima, um pequeno dragão vermelha.



Cravado na porta do apartamento, um punhal prende um bilhete.

AS NAÇÕES UNIDAS — o maior varêjo de tecidos da cidade.
Brevemente, artigos BAN-LON da KA-RI-BÊ para crianças. Rua Maciel Pinheiro, 130. Uma filial de TÊCIDOS CARDOSO S. A.

Figura 34 - Página 09 - Revista As Aventuras do Flama



Figura 35 - Página 10 - Revista As Aventuras do Flama



Figura 36 - Página 11 - Revista As Aventuras do Flama



Figura 37 - Página 12 - Revista As Aventuras do Flama



Figura 38 - Página 13 - Revista As Aventuras do Flama



Figura 39 - Página 14 - Revista As Aventuras do Flama



Figura 40 - Página 15 - Revista As Aventuras do Flama



Figura 41 - Página 16 - Revista As Aventuras do Flama



Figura 42 - Página 17 - Revista As Aventuras do Flama

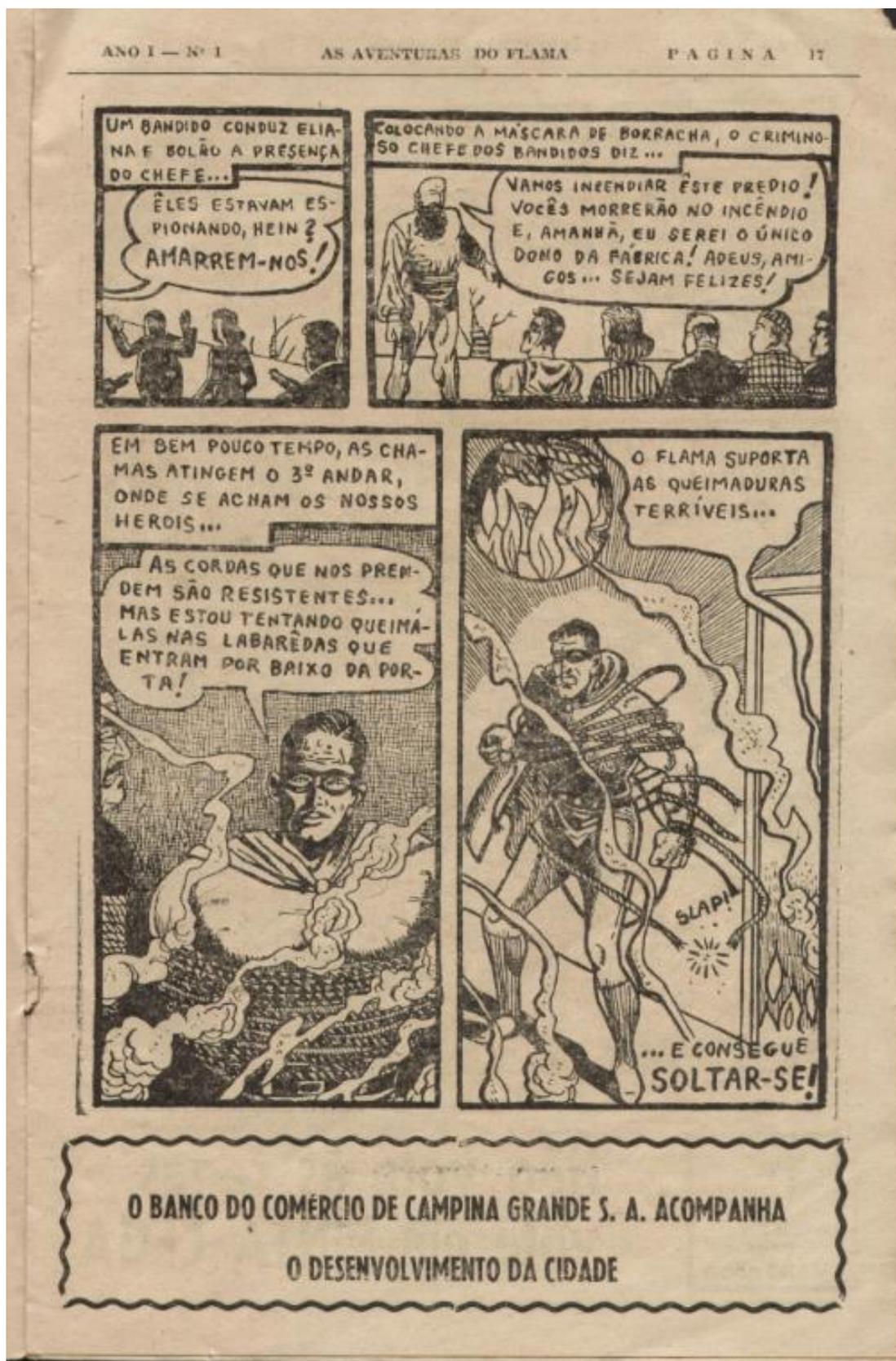


Figura 43 - Página 18 - Revista As Aventuras do Flama

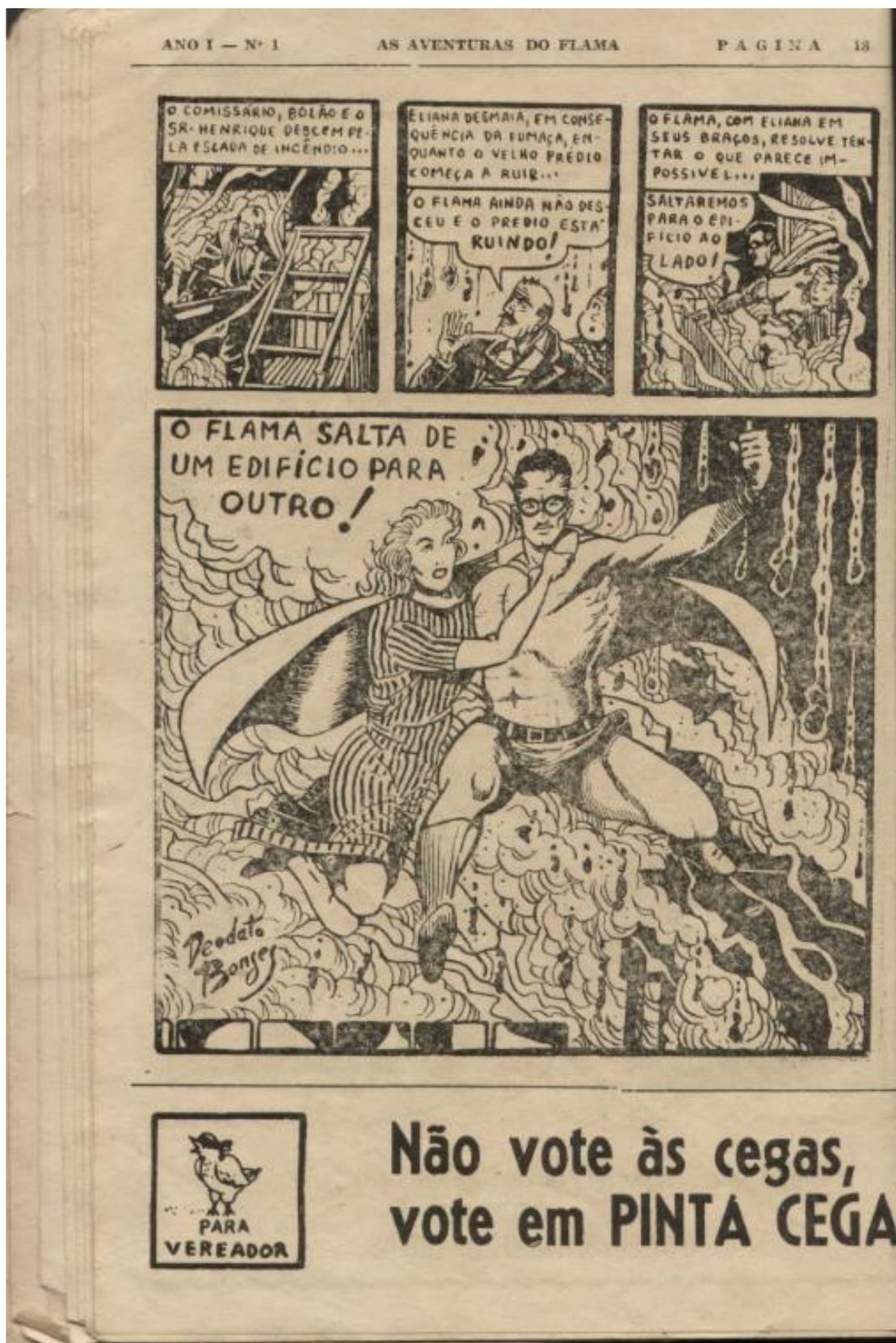


Figura 44 - Página 20 - Revista As Aventuras do Flama



Figura 45 - Página 21 - Revista As Aventuras do Flama

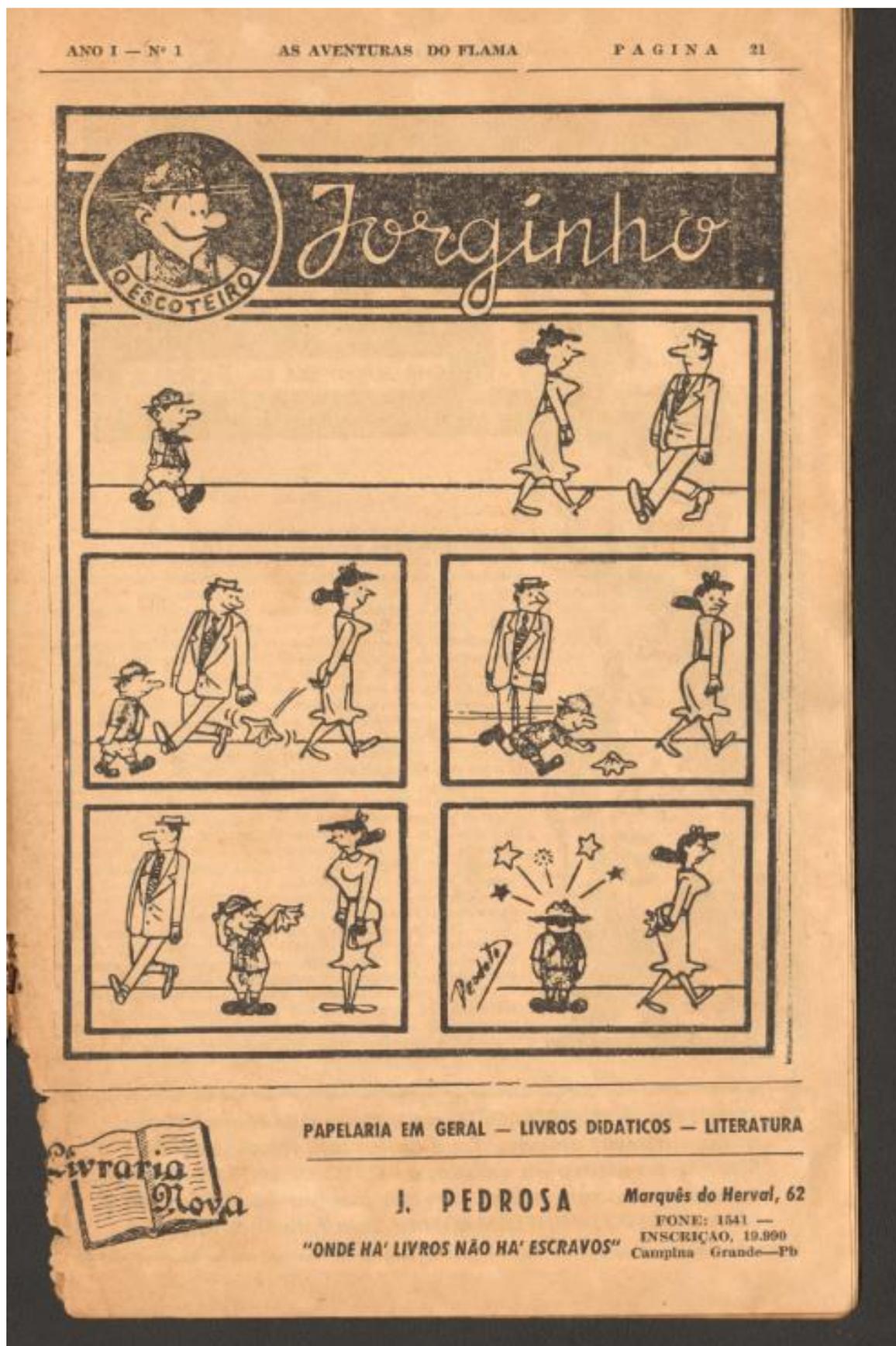


Figura 46 - Página 22 - Revista As Aventuras do Flama

ANO I — Nº 1 AS AVENTURAS DO FLAMA PÁGINA 22

Rapto!

UMA AVENTURA DO FLAMA

Um conto escrito por Deodato Borges



1 — O telefonema
 — Alô?
 Sem obter resposta, Eliana insistiu.
 — Alô?
 Franziu levemente a testa, sem compreender.
 — Desligaram.
 Colocou o fone no gancho e retornou à poltrona onde se achava, antes que o tilintar do aparelho a fizesse atender.
 — Quem terá sido? — perguntou a si mesma.
 Voltou à leitura de um conto policial, numa revista. À sua direita, uma radiola tocava balaiado numa musca suave. Pela janela aberta do apartamento, às suas costas, uma brisa penetrava de leve, sacudando o cortinado de seda. Levantou os olhos até a altura de um velho relógio, que distoava do ambiente em estilo funesto.
 — Quêz para meia-noite — pensou.
 Parecia preocupada. E aquele telefonema? Significaria algo? Ela estava sózinha. Os seus pais haviam saído para assistir um concerto, no Municipal. Quem teria telefonado? Teria sido um simples engano? Olhou em sua volta. Apenas a luz da sala onde se achava, iluminava o ambiente. A escuridão dominava o resto do apartamento. O silêncio era completo. Parecia, até, que o movimento de automóveis e pedestres, na rua, havia cessado. Era um silêncio estranho, como se a vida tivesse parado de repente. Era um silêncio desses que o medo é capaz de criar, quando estamos a sós com os nossos pressentimentos.
 — Talvez seja melhor telefonar ao Flama — disse consigo mesma. E dirigiu-se ao telefone. Hesitou.
 — Não, não devo telefonar. O Flama rirá de mim. Dirá que sou medrosa. Aliás, tudo isso é ridículo. Não tenho de que ter medo. Tenho ficado só em outras noites e nunca nada me aconteceu. Por que teria de acontecer hoje?
 Eliana procurava convencer-se de que não devia ter medo. Contudo, estava nervosa. Intimamente, ansiava pelo momento em que seus pais retornassem do teatro. Sentiu um sobresalto, quando o velho relógio da sala começou a anunciar a meia-noite, com badaladas pensadas.

O POSTO DE ENFERMAGEM, do enfermeiro Manoel Joaquim Barbosa, atende, dia e noite com igual prestêza. Situado no centro da cidade, o POSTO DE ENFERMAGEM tem prestado relevantes serviços à comunidade campinense. POSTO DE ENFERMAGEM — Rua 7 de Setembro, 64

— Meia-noite — disse, baixinho.

Após a última badalada, o silêncio voltou ao ambiente. Eliana resolveu ir ao terraço. Apeleou os braços na amurada e olhou para baixo. Daquela 12ª andar, pôde observar a longa avenida em toda a sua extensão. Estava quase deserta. Vez por outra, passavam alguns veículos. Duas pessoas conversavam ao longe, na calçada. O céu, muito cinzento, quase escuro, indicava que iria chover, naquela madrugada que se iniciava.

— Que foi isso? — disse, súbito. Virou-se rapidamente e percorreu a sala com os olhos.

— Ouvi um ruído.

Cautelosamente, Eliana foi à porta do primeiro quarto. Ligou o interruptor e acendeu uma lâmpada. Tudo normal. Novamente o ruído, agora mais nítido, como se alguém tivesse aberto uma porta.

— Veto da cozinha — sussurrou, nervosamente. Talvez maníaco e papal tenham retornado.

Acendeu uma lâmpada, na cozinha. Ninguém. Observou a porta. Fechada.

— Que coisa estranha... — balbuciou, tremendo a voz.

Uma sombra surgiu à porta do segundo quarto, por onde Eliana passara sem olhar. Ameaçadoramente, aproximou-se da moça, que se achava de costas. Uma mão enorme fechou a boca de Eliana, impedindo-a de gritar, enquanto um braço forte lhe mobilizou os movimentos. A jovem, presa da maior angústia, sentia o cheiro de éter a penetrar-lhe as narinas. Lutou desesperadamente durante alguns minutos, procurando libertar-se. Por fim, os sentidos lhe fugiram. Desmaiou.

2 — A PISTA

O automóvel da polícia parou, com uma freada brusca. O Flama foi o primeiro a saltar do veículo.

— Vamos, comissário.

O comissário Laurence ajei-

tou o chapéu, ao descer do carro, enquanto Bolão abria a porta de trás, para sair também.

— Só mesmo Eliana me faria levantar tão cedo — resmungava o gordo Bolão, enquanto entrava no edifício. Ainda estou morrendo de sono!

Quando a porta do elevador se abriu, o Flama fez sinal para que o comissário e Bolão entrassem.

— Décimo segundo andar. — disse para o ascensorista.

— Já tem alguma idéia do que possa ter acontecido? — perguntou o comissário, dirigindo-se ao Flama.

— Não — respondeu o defensor da lei.

— Tudo indica que ela foi raptada — concluiu, tirando uma longa baforada no inseparável charuto.

— Décimo segundo andar — avisou o ascensorista.

O Flama foi o primeiro a entrar no apartamento, seguido de perto pelo comissário e Bolão.

— Graças a Deus você veio — disse D. Guilomar, a mãe de Eliana, dirigindo-se ao nosso herói — Eliana foi raptada?

— O raptor deixou algum bilhete? — perguntou o Flama.

— Não. Não encontramos nenhum bilhete — apressou-se em responder o sr. Edmundo, pai de Eliana.

— E como sabem que ela foi raptada? — insistiu o nosso herói.

— Bem... — disse D. Guilomar, com certa dificuldade de expressão — É uma suposição. Eliana não desapareceria assim, sem mais nem menos... Por isso, telefonei para você.

— Eis aqui uma coisa interessante — disse o comissário, abaixando-se para apanhar alguma coisa no chão.

— De que se trata, comissário? — perguntou o Flama.

O comissário levou a mão direita ao nariz, aspirou fundo e concluiu:

— Justamente o que pensei. Sinta o cheiro d'isto.

E passou um pedaço de algodão ao Flama.

— Eter — concluiu o Flama, rapidamente.

— Exato — asseverou o chefe de polícia — Se tudo se passou conforme estou imaginando, Eliana foi mesmo raptada.

— Eu não disse? A minha filha está mesmo em perigo! — apressou-se em interromper d. Guilomar, calado em pranto convulsivo.

— Venha comigo, Guilomar. Você precisa repensar um pouco — disse o sr. Edmundo à esposa. E dirigindo-se ao Flama: — Logo voltarei. Ela está muito nervosa.

— Que acha de tudo isso, Flama? — quis saber o comissário.

— Rapto, talvez. — respondeu o nosso herói, passando os olhos pelo ambiente, como se buscasse alguma coisa.

— Dê-me os parabéns, comissário! — disse Bolão, todo negro, saindo de uma poqueira sala, ao lado do 2º quarto. — Venha até aqui.

— Que descobriu? — perguntou Laurence.

— Venha até aqui. — insistiu Bolão, com um ar de desafio. E chegando à sala: — Veja. A janela está aberta. Por aqui entrou o raptor, subindo pela estada do incêndio.

— Realmente... — confirmou o comissário, olhando pela janela. E apertando a mão direita de Bolão: — Meus parabéns.

— Eis aqui uma pista importante — disse o Flama, aproximando-se. Na palma da mão direita, mostrou uma pequena abotoadura. E concluiu: — É de ouro. A pedra é um brilhante. É muito rara uma abotoadura assim. Precisamos descobrir a joalheiro que a fabricou.

Na sala, a radiola automática repetia o disco mais uma vez.

3 — RODRIGO

Eliana abriu os olhos lentamente, sem entender, ao certo, o que se passara.

Que fazia, ali, naquele pe-

OS GRANDES ARMAZENS NOVA AURORA, de Lívio Lima Yecidos S. A., são os campeões da popularidade, em Campina Grande. Vendendo os melhores tecidos pelos menores preços, eles contam com a preferência do público campinense. GRANDES ARMAZENS NOVA AURORA — Rua Maciel Pinheiro, 125

Figura 48 - Página 24 - Revista As Aventuras do Flama



Figura 49 - Página 26 - Revista As Aventuras do Flama

ANO I — Nº 1

AS AVENTURAS DO FLAMA

P A G I N A 26

O Flama e o comissário obedeceram e entraram, enquanto a porta foi fechada às suas costas.

— Agora — disse o Flama, agarrando o braço do bandido — você nos levará ao seu chefe.

— Querem falar comigo? — perguntou Rodrigo, um pouco afastado.

E antes que o Flama e o comissário se refizessem da surpresa, aproximou-se.

— Eu já esperava a sua visita, Flama. Mas não tão cedo.

O bandido que trouxera aqueles que se disseram amigos do seu chefe, estremeceu ao ouvir aquele nome.

— Flama! Então... Ele é o Flama?! — e virando-se para Rodrigo — Eu não tive culpa, chefe! Ele me enganou! Foi ameaçado!

— Sala! — ordenou Rodrigo, rispidamente.

— S... Sim... — obedeceu, nervosamente, o bandido, afastando-se.

— Rodrigo de Lacena! — exclamou o nosso herói. — Não julguei que fosse você o autor do rapto de Eliana...

— Eu não raptei sua noiva — acrescentou Rodrigo. — Convidei-a, simplesmente, a visitar a minha propriedade. Assim como vocês são, também, agora, meus convidados.

— Vamos ao que interessa — decidiu o Flama, com certa impaciência — Onde está Eliana?

— Julga-me um tolo — respondeu, rindo, o contrabandista — se acha que ela se encontra aqui, Eliana se acha num lugar distante e os homens que a guardam esperam por minhas ordens.

— Que ordens serão essas?

— Depende de você, Flama.

— Como, assim?

— Leia este bilhete.

O bandido retirou um pedaço de papel do bolso do roupão e passou-o ao nosso herói.

— Ela foi obrigada a escrever isto — concluiu o Flama, depois de ter lido o bilhete. — Você é um patife, Rodrigo!

— Peço-lhe que tenha calma — advertiu Rodrigo — A sua noiva poderá morrer a uma simples ordem minha. — e olhando para o relógio — São quinze horas. Aguardarei sua resposta até 10 horas da noite.

O Flama olhou em sua volta. Cinco homens armados haviam surgido na sala.

— Vamos embora, comissário. E jogando a abotadura sobre uma mesa; saiu.

Rodrigo apanhou a abotadura.

— O imbecil do Eduardo... sempre nos metendo em complicações!

4 — O ÚLTIMO TRUNFO

Ao sair da casa, o Flama abriu a porta do automóvel e segredou ao comissário:

— Eliana está nesta casa.

— Como sabe?

— Olhe este bilhete. Do outro lado, em letras pequenas, quase ilegíveis, Eliana escreveu: «C. Alegre, 15-2-63 — 14 hs.», o que quer dizer: «Campo Alegre» — que é o nome deste lugar — «15 de fevereiro de 1963» — que é a data de hoje — e «14 horas» que é a hora em que ela escreveu isto — ou seja: meia hora antes da nossa chegada.

— Uma brilhante dedução — disse o comissário.

Neste momento, Eliana olhou pela janela graduada e, vendo o nosso herói que entrava no automóvel, gritou:

— Flama! Socorro!

Imediatamente, o nosso herói gritou para o comissário:

— Proteja-se atrás do carro, comissário, e defenda-se como puder!

— E você? Que vai fazer?

— Tentarei subir pela trepadeira, que existe na parede da casa, até a janela graduada!

Ao mesmo tempo em que o nosso herói, com agilidade feita, começou a subir pela trepadeira, vários homens surgiram na porta da casa, sendo re-

chacados, a tiros, pelo comissário.

— Flama! — exclamou Eliana, ao ver o defensor da lei agarrar-se as grades da janela.

— Tentarei arvançar uma dessas grades... — advertiu o Flama, no momento exato em que, usando sua força hercúlea, retirou uma das grades de ferro da janela, penetrando no quarto onde se achava Eliana. Abraçando a noiva, ouviu batidas fortes na porta.

— Batem à porta!

E a voz de Rodrigo se fez ouvir:

— Entregue-se, Flama! Você não conseguirá fugir! Mandarei derrubar a porta!

O nosso herói olhou pela janela. O comissário continuava atirando contra os bandidos.

— Escenda-se naquele canto, querida.

— Que pretende fazer?

— Vou apanhar esses patifes de surpresa!

Retirando o revólver do cofre, encostou o cano contra a fechadura da porta e acionou o gatilho. Uma fração de segundos depois, saiu como um relâmpago pela porta, atacando, com toda violência possível, os bandidos mais próximos!

— Eu quero você, Rodrigo! — gritou o Flama, num salto, agarrando o chefe dos bandidos pelo pescoço e encostando o revólver em suas costas.

— Você... você está me safando! — berrou Rodrigo, esperneando.

— Fique quieto ou morrerá! Diga a seus homens que se entreguem! — ordenou o Flama.

— Está bem... — bradou, quase sem fôlego, o criminoso — eu sei quando estou vencido. Entreguem-se, homens.

Quando os homens ouviram a ordem do chefe, depuseram as armas.

O comissário, que acertara em três dos homens que defendiam a casa e que pusera dois outros em fuga, aproximou-se.



* COLABORE COM AS FESTIVIDADES DO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE!

* Divulgação do Banco do Comércio de Campina Grande S. A.

Figura 51 - Página 28 - Revista As Aventuras do Flama

ANO I — Nº 1 AS AVENTURAS DO FLAMA PAGINA 28

O Clube dos

Sesinhos

PARA OS FILHOS DOS OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA

O CLUBE DOS SESINHOS é destinado, exclusivamente, aos filhos dos operários da Indústria e atividades assemelhadas.

Atualmente, conta o **CLUBE DOS SESINHOS** com quatro grupos organizados, nas cidades de Campina Grande, João Pessoa, Rio Tinto e Santa Rita, respectivamente.

O número de sócios, nos quatro grupos, é de, aproximadamente, 140.

COMO SE TORNAR UM SÓCIO

Para inscrição no **CLUBE DOS SESINHOS** faz-se necessário a apresentação da carteira de sócio do pai ou responsável pelo menor, devidamente atualizada.

OBJETIVOS

Entre outros, seus objetivos são:

- a) Desenvolver o espírito de solidariedade entre as crianças;
- b) Favorecer a vida em grupo;
- c) Despertar a criança para a vida em sociedade;
- d) Incentivar na criança o gosto pela leitura sadia, através de bibliotecas especializadas;
- e) Desenvolver o gosto pelas atividades artísticas infantis, no sentido de despertar a tendência pré-vocacional;
- f) Em síntese, educar a criança de uma maneira integral.

REUNIÕES

As reuniões são feitas semanalmente, com as crianças, educando-as, segundo os objetivos da Instituição, preparando o "Sesinho" para ser o futuro operário de amanhã.

Nas reuniões, são tratados assuntos de interesse geral da criança, dentro de um espírito democrático, havendo eleições para os cargos de Diretoria, onde os sócios são eleitos à livre escolha do grupo, em eleição secreta, sendo os membros previamente preparados por um técnico em Serviço Social, tendo, como objetivo primordial, a preparação da criança para melhor desempenhar o seu papel na vida prática.

NUMERO DE SOCIOS E CARTEIRAS

O número de sócios é ilimitado desde que a criança esteja enquadrada nas condições exigidas pela Obra.

Cada sócio, no ato da inscrição, recebe uma carteirinha, que lhe dá direito a participar das atividades do Clube.

N. da R. — Esta página pertence aos "Sesinhos". As crianças, integradas ao Clube dos Sesinhos, podem escrever para esta secção, utilizando o seguinte endereço: "Revista "As Aventuras do Flama", rua Cardoso Vieira, 36, 1.º andar".

Figura 52 - Página 30 - Revista As Aventuras do Flama

ANO I — N.º 1 AS AVENTURAS DO FLAMA P A G I N A 30

COMÉDIAS da VIDA



O COSTUME DA ALTA

Um turista parou num posto de gasolina à beira de uma estrada e pediu alguns litros de combustível para o seu carro. A pessoa que o atendeu, disse-lhe com um sorriso:

— O senhor é a última pessoa a ser servida aqui pagando pela gasolina o preço antigo. Aqueles que vierem, doravante, pagarão novo preço.

Encantado, o viajante mandou encher o tanque. Depois de dar o dinheiro ao dono do posto, perguntou-lhe:

— Diga-me, agora... para quanto subiu a gasolina?

— Não subiu, meu amigo. Desceu cinco cruzeiros em litro!

* * *

PREÇO DE OCASIAO

Um automóvel decrepito se avizinha de um posto de gasolina. Seu aspecto é devéras sinistro: a carroceria em pedaços, os pneus cheios de remendos, o motor tossindo e gorgolejando. Acabando-se a gasolina bem em frente do posto, o carro se detém. O encarregado, mecânicamente, reabastece o veículo e anuncia o preço da gasolina fornecida:

— Quinhentos cruzeiros!

Batendo, de repente, com a mão na testa, o chofer exclama:

— Vendido!

* * *

pingos da história

A CURTO PRAZO

Gutzon Borglum, o escultor que lavrou aquelas gigantêscas cabeças de homens ilustres norte-americanos no Monte Rushmore, no Estado de Dakota do Sul, nos Estados Unidos, foi, certa vez, interpelado por alguém que desejava saber se êle estava satisfeito com seu trabalho e se o achava perfeito em todos os detalhes.

— Realmente, não, — respondeu Borglum. — O nariz de Washington está uma polegada mais comprido do que devia. Mas é melhor assim. Porque, pela erosão, vai ficar perfeitamente exato daqui a 10.000 anos!

* * *

SÃO OS OUTROS

O cardeal Richelieu não é famoso apenas pela sua habilidade política, mas também pela sua cultura e pelo seu espírito. Certa vez, num salão parisiense, numa reunião a que fôra convidado e na qual não estava achando muita distração, começou a bocejar.

Uma dama, que se achava próxima, surpreendendo o indiscreto bocêjo de cardeal, perguntou-lhe:

— Vossa Eminência se aborreço?

— Eu nunca me aborreço, — replicou o cardeal — são os outros que me aborrecem

O BANCO DO COMÉRCIO DE CAMPINA GRANDE S. A. ACOMPANHA

O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE

Figura 53 - Página 31 - Revista As Aventuras do Flama

ANO I — Nº 1 AS AVENTURAS DO FLAMA PAGINA 31



Pequenas Notícias

* **E O CENTENÁRIO?**
Mais uma vez está se tornando ocidente de que, em Campina Grande, tudo é feito à última hora, sem organização, num corre-corre tipicamente campinense. Assim será, segundo parece, as festividades do Centenário. Até aqui (e pouco mais de um ano nos separa da grande data), nada foi feito. Não existe, sequer, uma Comissão do Centenário. Que diremos nos nossos visitantes quando aqui chegarem em outubro de 64?

* **DIREITA, VOLVER!**
O Centro Estudantil Campinense, vez por outra, liga os seus alto-falantes no Largo da Flórida e enceta uma campanha em benefício de alguma coisa. Ultimamente, os centristas estavam empenhados em resolver o problema da fome, no Brasil. Por pouco, não conseguiram. O barulho, no entanto, foi grande. Houve, até, quem reclamasse, nas ruas Cardoso Vieira e Venâncio Neiva, afirmando ser impossível trabalhar com aquela barulheira. Nos bairros, foram realizados inúmeros comícios, sempre coroados de êxito. Tudo saiu muito bem. O que não achamos certo, no entanto, é a acentuada marca esquerdista, que os estudantes fazem questão de imprimir em seus discursos. Não houvesse a placa indicativa, e os que passassem pelo local, ouvindo os oradores, julgariam tratar-se de uma efêmera comunista em ação!

* **GOVERNO INAUGURA MELHORAMENTOS**
Foram inauguradas as novas instalações da Recobedoria de Rendas de Campina Grande, com a presença do Governador Pedro Gondim e do Secretário das Finanças. No decorrer das solenidades, discursaram o dr. Pedro Moreno Gondim, governador do Estado, e o Prefeito de Campina Grande, sr. Severino Lezerra Cabral.

* **PREFEITURA-64**
Quem será o prefeito do Centenário? Mais do que nunca, o povo campinense deve saber votar, deve saber escolher. O prefeito do Centenário surgirá no próximo pleito. Dêle dependerá, em grande parte, o sucesso das festividades que coroarão os 100 anos da Cidade-Rainha. Vamos eleger alguém capaz de grandes realizações.



O dr. NEWTON RIQUE (foto) recebeu, das Classes Produtoras da Paraíba, no dia 21 de fevereiro, no Campinense Clube, uma grande demonstração de apreço, traduzida num banquete, ao qual compareceram as mais representativas personalidades do cenário político, governamental, social e industrial do nosso Estado. O motivo da homenagem foi a indicação do sr. NEWTON RIQUE para ocupar um alto posto no Banco Nacional de Desenvolvimento e Investimentos do Brasil.



Na foto acima, o interessante e gracioso FABIO, filho muito querido do casal ERALDO CESAR, pessoas da nossa sociedade.

O BANCO DO COMÉRCIO DE CAMPINA GRANDE S. A. ACOMPANHA O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE

Figura 54 - Página 32 - Revista As Aventuras do Flama

ANO I — Nº 1 AS AVENTURAS DO FLAMA PAGINA 32



♦ CONTINUA repercutindo, em toda a cidade, a cobertura realizada pelo Departamento de Reportagens da Rádio Barborema, durante os três dias de Carnaval. Falando de Recife, de João Pessoa, das ruas e dos clubes de Campina Grande, a equipe Associada nunca se movimentou tanto. Eis os repórteres que participaram da cobertura, realizando os mais variados flashes: Arjosto Sales, Amunry Cupiba, Jovelito Lucena, Aécio Diniz, Luismar Rezende, Mivaldo França, Ramalho Filho e Humberto de Campos. Eis a equipe de técnicos: Mício Albuquerque, Enoch Lellys, Adauto Lu-

cena, Ary Neves, Hugo Alves, Enas Lellys e José Ramos. Todos estão de parabéns!

♦ O GRANDE TEATRO das 21 horas está apresentando, sob o patrocínio da SOCIC,



— «Quem desempenha o papel de Bolho?» — perguntam, vez por outra, os ouvintes de «As Aventuras do Flama». Eis aí, VALMIR CHAVES.

Cidade em Revista, um completo noticiário sobre assuntos exclusivamente campinenses.

♦ Durante a Semana Santa será irradiada uma peça de Deodato Borges: «A Vida de Jesus», num desempenho espetacular do elenco da Rádio Barborema. Duração da peça: três horas.

♦ AINDA na Semana Santa, a Barborema apresentará, em horário especial, «O Sermão da Montanha», com Roberto Falsal.

♦ QUAL O ARTISTA que você deseja a sua foto publicada? Escreva para esta revista.



EDLEUSA SIQUEIRA (foto acima) é uma das mais destacadas radiatrizes do elenco Associado. Desempenha, com brilhantismo, o papel de «Elliana», em «As Aventuras do Flama».



Sendo um dos mais antigos radiatores da Rádio Barborema, ERALDO CESAR, graças aos seus bons desempenhos como galã de novelas, é, também, um dos mais aplaudidos.

os emocionantes capítulos da novela de Moisés Weltman (adaptação do romance «Que Verdade») UM AMOR INVENCÍVEL.

♦ RAMALHO FILHO escreve, diariamente, para apresentação às 21:30 horas, «A

O BANCO DO COMÉRCIO DE CAMPINA GRANDE S. A. ACOMPANHA O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE

Figura 55 - Página 33 - Revista As Aventuras do Flama

ANO 1 — Nº 1 AS AVENTURAS DO FLAMA PÁGINA 33

CARTAS dos leitores

Os leitores podem escrever para esta seção, usando o seguinte endereço: "Revista AS AVENTURAS DO FLAMA" — rua Cardoso Vieira, 36 — 1º and. Campina Grande — Paraíba.

* * *

JOSE' GOMES — Aluno do Colégio Estadual — Campina Grande — "... quantos episódios já foram apresentados, pela Rádio Borborama, da novela "As Aventuras do Flama"?"

Apenas 1.364 episódios, José.

* * *

JOÃO MEDEIROS — Aluno do Colégio Estadual — Campina Grande — "... a revista contará apenas com uma história em quadrinhos ou apresentará outras atrações?"

A revista, como pode observar, João Medeiros, traz em suas páginas, além da história em quadrinhos propriamente dita, um conto (devidamente ilustrado) humorismo, curiosidades, notícias da cidade, uma seção de rádio e "Cartas dos Leitores". Satisfeito?

* * *

MARCOS ANTONIO — Rua das Boninas — Campina Grande — "... Fiquei muito feliz quando soube que seria editada uma revista do Flama, o meu herói predileto. Acompanho as aventuras desse notável defensor da lei há quase cinco anos, através do rádio..."

Por nosso intermédio, o Flama agradece a sua cartinha. Esperamos que se torne, também, um fan incondicional da nossa revista.

JULIO NOBREGA — João Pessoa — "... a revista também circulará em nossa capital?"

Inicialmente não. Mas não se preocupe, Júlio, que você receberá, pelo correio, o seu exemplar. Futuramente, "As Aventuras do Flama" circulará, também, em João Pessoa.

* * *

APARECIDA — rua da Independência — Campina Grande — "... se houver uma seção de correspondência, queira responder-me: Quem desempenha o papel de Bolão em "As Aventuras do Flama"? Já me disseram que é Valmir Chaves, mas a voz é tão diferente das outras novelas..."

Pois é o Valmir mesmo, Aparecida. E' que ele como "Bolão", aparece como um tipo humorístico, com aquela voz gozada. Nas outras novelas, é diferente. Ele é o galã...

* * *

NILSON TAVARES — Esperança — Paraíba — "... aqui, em Esperança, também ouvimos, diariamente, "As Aventuras do Flama"..."

Infelizmente, Nilson, a nossa revista não circulará aí, no seu primeiro número. Mas você receberá a sua, pelo correio.

* * *

GONZAGA—Campina Grande — "... por onde anda o Zito, o antigo companheiro do Flama?"

Como todo garoto, em sua idade, foi estudar.

Em João Pessoa — Esperança — Guarabira — Campina Grande
(Agência Mercado e Rua João Pessôa)
BANCO DO COMÉRCIO DE CAMPINA GRANDE S. A.
— Um amigo às suas ordens —